este cabeçalho pode valer-lhe mais de mil contos

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 7 DE JANEIRO DE 1971 N.º 17 257 ANO 50.º PREÇO 1$50

luz verde nos caminhos da FORTUNA
1 X 2
TOTOBOLA

«REVOLUÇÃO» NO ENSINO EM PORTUGAL

Os Portugueses viram (e ouviram), ontem, á noite, o ministro da Educação Nacional (que no dia 15 completará um ano de Governo) enunciar as bases de dois importantes documentos, que vai propor á discussão pública, e que em si contêm as bases de uma autêntica «revolução» nas estruturas do ultrapassado sistema do ensino em Portugal. Do discurso do ministro, apresentamos, junto da «Nota do Dia» ao assunto dedicada, um resumo com os principais temas em apreço. *(Ler na 3.ª página).*

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

PODE COMEÇAR HOJE

PORQUÊ especialmente «hoje» quando todo os dias anunciamos que pode começar nesse dia? Porque, como é sabido, os participantes nesta iniciativa têm de reunir os «cabeçalhos» correspondentes aos «Diários de Lisboa» publicados entre 2 de Janeiro e 31 de Março sendo-lhes concedida uma tolerância de 5 exemplares por mês. Ora como o prazo começou a 2 de Janeiro e hoje estamos a 7 decorreram precisamente cinco dias que os leitores podem utilizar para a tolerância concedida. Quem começar hoje a coleccionar «cabeçalhos» do «Diário de Lisboa» (título e data da 1.ª página), não precisa, por isso, de adquirir jornais atrasados.

(Continua na pag. seguinte)

DECRETO-LEI DO MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

Condicionada a liberdade da venda de lotes de acções

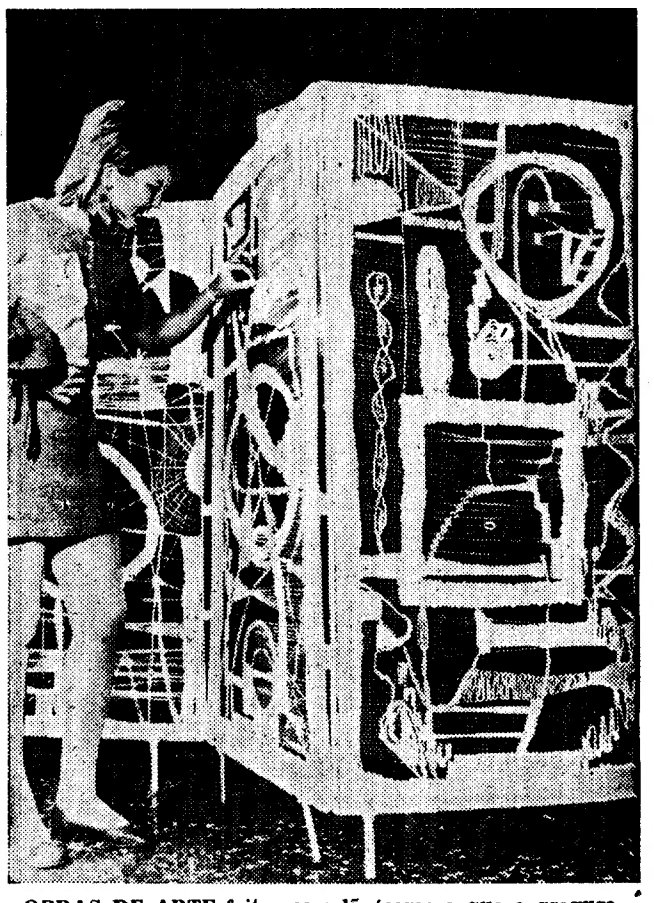
Pelo Ministério da Justiça foi enviado para o «Diário do Governo» um decreto-lei que condiciona a transacção de lotes de acções. O decreto entra imediatamente em vigor e abrange também os contratos que, embora já iniciados, não tenham sido ainda completamente executados.

A nova disciplina é justificada no peambulo do diploma nos seguintes termos:

«1 — Tem sido preocupação de legisladores, juristas e economistas a disciplina da transacção de lotes de acções de modo a assegurar um justo equilíbrio dos vários interesses em causa. Assim: os do accionista que encontra nas referidas transacções vantagens especiais; os dos outros accionistas que, reflexamente, ficam excluídos dessas vantagens; os da empresa, em si mesma, que sofre os impactos das lutas travadas entre os interessados no seu domínio; os da economia geral, que podem ser afectados das maneiras mais diversas, desde as perturbações introduzidas na concorrência normal entre empresas até á desconfiança do publico, perante a radical transformação dos pressupostos tidos em conta por cada um ao escolher e efectuar os seus investimentos.

Tais problemas, que especificamente se centram na aquisição do domínio de empresas por elementos estranhos a elas, ganham em determinadas circunstancias particular acuidade. Note-se, por exemplo, o grau de intensidade que assumem quando participam na operação, em qualquer qualidade, elementos da administração ou da fiscalização da empresa. Apresentam espe-

(Continua na 13.ª página)



OBRAS DE ARTE feitas com lã (como a que a gravura mostra) percorreram 12 cidades da Alemanha Federal. Autores: jovens que participaram num concurso do Instituto Superior de Pedagogia em Augsburg

OS DOIS SUSPEITOS (ao centro, de cabeça tapada), Leslie Baker e David Smith, presos em ligação com o crime registado na véspera do Natal, em Inglaterra. Baker e Smith são acusados de terem assassinado Janet Stevens, de 15 anos, quando a jovem se dirigia a casa de uma das suas avós.

POLÉMICA EM ESPANHA: O «PUEBLO» RESPONDE AO «YA»

MADRID, 7 — (F. P.) — O que interessa sobretudo á opinião pública, mais do que as questões de concentração ou de homogeneidade, é a eficácia do Governo, escreveu ontem o «Pueblo», órgão dos sindicatos oficiais, no seu editorial. O artigo é aparentemente uma réplica ao jornal católico conservador «Ya», que pede há vários dias a constituição de um Governo de «concentração nacional».

«Chegámos a um ponto,

(Continua na ultima página)

HOJE 28 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

CORRESPONDÊNCIA

Toda a correspondência (incluindo a que se refere ao envio de cupões), deve ser dirigida a «LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA», Rua Castilho, 185, 1.º — Lisboa-1.

(Continuação da pág. anterior)

Trata-se de um benefício que ninguém deverá ignorar e que pode aproveitar a muita gente. Já que falámos de tolerância regulamentar e do seu aproveitamento, julgamos necessário esclarecer que a tolerância é de 5 exemplares por mês e não de quinze exemplares pelo período do concurso, isto é, que não será considerada válida uma colecção de «cabeçalhos» a que faltem, por exemplo, quinze exemplares de um só mês.

Se os participantes se derem ao trabalho de ler com a maior atenção o noticiário que publicamos diáriamente sobre a nossa iniciativa, constatarão que resolvemos, também diáriamente, todas as dúvidas que vão surgindo e ficarão a compreender perfeitamente a mecânica desta iniciativa que tem a simplicidade por característica principal.

Continuam a chegar-nos pedidos de informações acerca do número de cupões que os participantes nos devem enviar, motivo por que esclarecemos novamente: o cupão-duplo que publicamos diáriamente tem o valor duma inscrição e nada mais. Tal como uma pessoa não se inscreve duas vezes para obter telefone ou para se tornar sócia de um clube, não carece de se inscrever duas vezes para participar nesta iniciativa com que inauguramos o ciclo comemorativo do nosso primeiro cinquentenário.

Cada participante deve enviar-nos portanto, única e exclusivamente, um cupão-duplo devidamente preenchido, e constituir uma única colecção de «cabeçalhos» do «Diário de Lisboa».

ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

Aceitam-se, desde já, assinaturas pelo período da iniciativa. Essas assinaturas garantem aos interessados os exemplares pretendidos, com os preços seguintes:

3 meses — 130$00
6 » — 250$00
12 » — 485$00

Pagamento adiantado, em cheque ou vale de correio.

O ENVIO DO SELO

Quem pretenda que lhe enviemos, pelo correio o cartão de identidade de «Leitor do «Diário de Lisboa» deverá juntar ao seu cupão duplo um selo de correio de 1$00.

PRÉMIOS PARA QUEM VENDE O «DIÁRIO DE LISBOA»

LÒGICAMENTE, VAI-SE AMPLIANDO a expectativa provocada pela revelação feita nas nossas colunas: efectivamente, os vendedores do «Diário de Lisboa», que os premiados tiverem indicado nos seus cupões de identificação como sendo aqueles a quem habitualmente compram o «Diário de Lisboa», vão, também, receber prémios no decorrer desta iniciativa.

Em devido tempo, tornaremos pública a lista desses prémios instituídos para aqueles que venderem o «Diário de Lisboa» aos leitores premiados na iniciativa.

Insistimos, portanto: se pretende que o seu vendedor beneficie de um prémio — no caso de lhe ser atribuído um a si —, indique, no cupão de identificação onde e a quem adquire habitualmente o «Diário de Lisboa».

REGULAMENTO

- a iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente.
- o leitor deverá recortar e preencher o cupão-duplo que estamos a publicar e onde deverá inscrever o seu nome e morada, a localidade onde reside, e facultativamente, a profissão e o número de telefone e ainda a tabacaria ou o vendedor a quem adquire o «Diário de Lisboa»
- preenchido o cupão-duplo, este deverá ser remetido para a Rua Castilho, 185-1.º-Lisboa-1, acompanhado de um selo de 1$00, se pretender que o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» lhe seja devolvido pelo correio.
- se o leitor pretender que lhe seja entregue pessoalmente, nos serviços do «Diário de Lisboa», o seu cartão de identificação não juntará ao cupão-duplo o selo de 1$00, que se destina, lògicamente, a despesas de correio.
- recebido o cupão-duplo, os leitores ficarão classificados por ordem numérica e alfabética. O cartão de identidade receberá o mesmo número do cupão-duplo
- o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa», permite-lhe ficar habilitado a qualquer dos prémios já instituídos e ainda a benefícios de outras iniciativas a promover
- o leitor do «Diário de Lisboa», para poder receber o prémio que lhe for atribuído em sorteio, terá de provar ser leitor habitual, demonstrando possuir na sua residência o número de «cabeçalhos ★ do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 2 de Janeiro e 31 de Março de 1971. É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares por mês.

★ Por «cabeçalhos» entende-se apenas a parte da primeira página do jornal donde consta o nome deste e a data de publicação.

este cabeçalho pode valer-lhe mais de mil contos

É APENAS O «CABEÇALHO» DA 1.ª PÁGINA (TÍTULO E DATA DO JORNAL), QUE, DESDE 2 DE JANEIRO E ATÉ 31 DE MARÇO, DEVE GUARDAR. É PERMITIDA A FALTA DE CINCO EXEMPLARES POR MÊS. QUEM AINDA NÃO TIVER COMEÇADO A COLECCIONAR OS «CABEÇALHOS», PODE OBTER OS NÚMEROS ATRASADOS NOS NOSSOS SERVIÇOS

RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

LEITOR DO DIÁRIO DE LISBOA n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

_____ telefone (b) _____

profissão (b) _____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

LEITOR DO DIÁRIO DE LISBOA n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

_____ telefone (b) _____

profissão (b) _____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

NO CASO DE PRETENDER RECEBER PELO CORREIO O CARTÃO DE IDENTIDADE DE LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA», DEVERÁ JUNTAR UM SELO DE 1$00 SÃO ESTES OS DOIS CUPÕES IDENTIFICADORES QUE CADA LEITOR DO NOSSO JORNAL TERÁ DE PREENCHER PARA SE HABILITAR AOS PRÉMIOS INSTITUÍDOS.

ANUNCIADA PELO MINISTRO DA EDUCAÇÃO

PROFUNDA REMODELAÇÃO DO ENSINO EM PORTUGAL

Cada português passará a frequentar obrigatòriamente a escola até aos 14 anos e, no caso de ter mais de 25 anos de idade poderá ingressar nas Universidades se demonstrar suficiente maturidade — tais são duas das mais importantes inovações contidas no espírito do «projecto do sistema escolar português» e das «linhas gerais da reforma do ensino superior», ontem anunciados pelo ministro da Educação Nacional, um discurso televisionado e radiodifundido.

No seu discurso, o ministro Veiga Simão pediu o apoio da «maioria silenciosa» para as reformas que o Governo vai empreender, salientando que «não pode vencer-se a batalha da Educação sem conseguir a colaboração de todos os portugueses».

Quanto ao «projecto do sistema escolar português», o ministro da Educação anunciou que contém as seguintes medidas inovadoras:

● Oficializa-se o ENSINO INFANTIL (dois anos de educação pré-escolar). Prevê-se a criação de jardins de infância nos meios rurais e industriais.

● ENSINO BÁSICO de oito anos, obrigatório para todos os portugueses, o qual, porém, só entrará em vigor logo que esteja em funcionamento pleno o actual sistema de seis anos. Oito anos: quatro de ensino primário (a partir dos seis anos) e outros quatro de ensino secundário unificado (primeiro ciclo) no qual haverá dois cursos de igual duração: um de *observação* e outro de orientação.

● Terminada a escolaridade obrigatória, mais quatro anos (*segundo ciclo do ensino secundário*), com cursos gerais e complementares. Este SEGUNDO CICLO será ministrado em liceus de três tipos: clássico, técnico e artístico. Haverá disciplinas obrigatórias e optivas. O actual ensino secundário é aumentado de um ano, mas, como se passa a ir para a escola primária aos 6 anos, não é retardada a idade normal de ingresso no ensino superior.

● ABOLIÇÃO DO EXAME DE APTIDÃO AO ENSINO SUPERIOR: o ingresso ficará condicionado «*pela obtenção de classificações mínimas em grupos de disciplinas nucleares, abandonando-se a rigidez do actual sistema por alíneas, o que garante a preparação para uma gama mais larga de carreiras, evitando uma escolha prematura e irreversível*».

● Paralelamente aos cursos complementares dos liceus, funcionarão Escolas do Magistério Primário, de Educadoras de Infância, de Enfermagem, de Auxiliares Sociais, de Instrutores de Educação Física, etc.

● ENSINO SUPERIOR: assegurado por Institutos Politécnicos (graus de *bacharel*) e Universidades (graus de licenciado e doutor).

● Alteração radical do processo de formação de professores, através da criação de Escolas Normais Superiores. Os bacharéis poderão ingressar em departamentos da Ciência da Educação, anexa às Universidades, e orientados pelo Instituto Nacional de Pedagogia.

● Institucionalizam-se cursos de pós-licenciatura (para doutoramento ou visando especializações profissionais de alto nível).

● Unifica-se o ensino médio e secundário complementar, extinguindo-se o ensino médio especial.

● O sistema é concebido por forma a poder-se atingir «o grau máximo previsto, qualquer que seja a via que se tenha seguido».

Prioridade à reforma do ensino superior

O segundo documento apresentado pelo titular da pasta da Educação refere-se às «linhas gerais da reforma do ensino superior», à qual o ministro reafirmou ter dado prioridade, seguindo «recomendações internacionais recentes». O prof. Veiga Simão esclareceu que «as linhas gerais que ora se apresentam tendem a superar qualquer concepção falsamente aristocrática do sector universitário», e afirmou a sua intenção de alargar o ensino superior «a regiões do País que não as tradicionalmente universitárias».

Eis alguns pontos de interesse enunciados pelo ministro:

● Cria-se, em ligação e complementariedade com a carreira docente, a carreira de investigação, e definem-se os regimes de prestação de serviço em tempo integral e dedicação exclusiva.

● Prevê-se que as Universidades gozem «de autonomia administrativa e financeira, bem como de autonomia pedagógica e científica». As Universidades elaborarão os seus próprios estatutos.

● Uma acção social escolar coordenada por organismo a criar muito brevemente para o efeito constituirá «instrumento importante — embora, decerto, não exclusivo — no quadro de uma política de democratização do ensino».

● Finalmente, projecta-se que indivíduos com mais de 25 anos de idade possam ingressar na Universidade, ainda que não disponham de «qualificações académicas normalmente necessárias».

Necessidades inadiáveis

Por fim, o prof. Veiga Simão, que disse pensar, «*mais do que em qualquer outra, na gente humilde e trabalhadora que nos campos e nas fábricas, olhos postos no futuro, é capaz de todos os sacrifícios para assegurar aos seus filhos os benefícios da Cultura*», acentuou que o seu Ministério se encontra dotado, neste ano, de «*verbas que lhe permitem fazer face a necessidades inadiáveis*», e prometeu dar, em breve, conta da forma como serão utilizadas essas verbas.

Entretanto, o prof. Veiga Simão anunciou, para o corrente ano, o alargamento dos quadros de professores em todo o ensino secundário, a criação de escolas primárias independentemente do número de alunos, cursos de aperfeiçoamento de professores, aumento de verbas para a acção social escolar (que quintuplicaram em relação ao ano anterior) e mais perfeita integração do ensino particular na rede nacional escolar.

A terminar, o prof. Veiga Simão afirmou ter «firmemente presente» no seu espírito, o «clarividente espírito» do prof. Marcelo Caetano, e elogiou a «política de renovação» do Chefe do Governo, que para ela recebeu — *disse* — em eleições livres, mandato indeclinável».

ESTUDANTES INGLESES SERÃO «EXAMINADOS» POR COMPUTADORES

LONDRES, 7 — (A. N. I.) — Mais de 25% das provas de exame dos alunos do colégio de tecnologia de Enfield serão classificados por computadores — anunciou o director do centro de computadores daquele estabelecimento de ensino, Derek Bush.

«Temos confiança absoluta neste sistema de classificação. A fase experimental foi dada definitivamente por concluída» — acrescentou Bush afirmando que haverá, este ano, no colégio, noventa mil provas de exame.

No ano passado, o instituto contratou mais de 140 examinadores que trabalharam durante três semanas para classificarem 35 mil provas. Este ano, o trabalho será feito em duas semanas por quatro operadores e verificadores.

Todavia, os computadores têm limites e a classificação mecânica só pode ser utilizada nas perguntas tipo. «As perguntas de desenvolvimento estão para lá das possibilidades do computador» — afirmou Bush.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

VESPISTAS precisam-se
para condução de Vespas de cabina fechada na zona de Lisboa
PAGA-SE BEM
INFORMAÇÕES:
SR. JAIME SANTOS
RUA CASTILHO, 185-1.º — LISBOA

As exposições dos trabalhos de «O Natal visto pelas crianças»

Os dez primeiros trabalhos de «O Natal visto pelas crianças» continuam expostos no «hall» do primeiro balcão do Cinema S. Jorge.

Por sua vez, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, e até sábado próximo (das 14 às 20 horas), podem ser admirados dez mil trabalhos dos quarenta mil que concorreram àquela nossa iniciativa.

Quer os espectadores do S. Jorge, quer o público que, por motivos artísticos e de convívio, passa pela S. N. B. A., não têm regateado elogios à inspiração das crianças tão bem demonstrada através do nosso concurso.

NOTA do dia

LUZ VERDE

PODERÁ TALVEZ DIZER-SE não termos andado longe nas suposições que esboçámos, melhor dizendo, de certo modo nos desejos que formulámos sobre o sentido que poderia orientar a comunicação que o ministro da Educação Nacional tinha anunciado para ontem à noite. Nem se tratava de dar a entender, como diz o vulgo, que neste lugar se bebe do fino, nem de assumir prosápias de reclamar que siga alguém o caminho que por aqui se lhe pudesse indicar. Tratava-se, apenas, de procurar uma linha que fosse a do curso lógico e coerente, espécie de síntese entre o que todos julgamos minimamente necessário e os pontos que o ministro, ao longo de algumas declarações dispersas, tinha já deixado antever como significativos da sua própria escolha. A verdade é que, falando-se de síntese, é disso efectivamente que nos parece tratar-se, na medida em que, no conjunto das reformas anunciadas, se vê aparecer muito do que temos todos andado a reclamar.

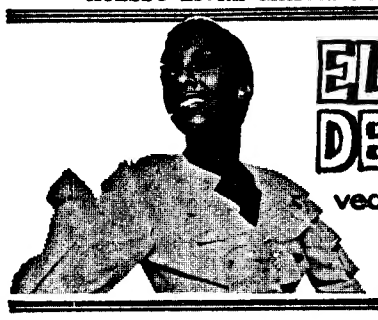
Onde está tudo por fazer, o que quer que se pretenda fazer parece útil. Parece útil que se admita a ideia da necessidade da fazer. Parece útil a manifestação do propósito de fazer. No caso em apreço dá-se mais um passo para se dizer que parece útil o esquema que não vem imposto, mas proposto, já que o ministro toma ele a iniciativa de anunciar que os seus «dois textos programáticos fundamentais, elaborados em resultado dos estudos já empreendidos, são agora facultados para ampla discussão, com o objectivo de habilitar o Ministério da Educação Nacional a promover, com segurança e brevidade, as medidas legislativas que se impõem». Esses dois textos, oferecidos à discussão, referem-se ao projecto geral do sistema escolar português e às linhas gerais da reforma do ensino superior. Um e outro, no dizer de quem assume a responsabilidade de os subscrever, aparecem inspirados pelo princípio de que «todos, em regime de igualdade de oportunidades, devem encontrar as vias que garantam o seu indeclinável direito à educação».

Dos dois documentos anunciados para imediata discussão, o primeiro, relativo ao esquema geral do ensino, de alto a baixo, retomando a expressão que ontem aqui se usou, comporta algumas inovações importantes, das quais a primeira será o aumento da escolaridade obrigatória para oito anos (dos seis aos catorze), o que se considera como ensino básico, precedido, aliás, da reaparição, ao nível oficial, do ensino infantil ou pré-primário, agora designado de pré-escolar. Daí por diante é o ensino equivalente ao que tem sido chamado secundário, para que se pretende a designação generalizada de «liceus», em que se prevêem os tipos diferenciados de clássico, técnico e artístico. Para o ensino superior prevê-se desde já também funda mexidela, com Universidades e Institutos Politécnicos, todos com capacidade para atribuição dos mesmos graus (bacharel, licenciado e doutor), a criação (de novo) de escolas normais superiores e a institucionalização de cursos de pós-licenciatura. Características desejadas e apontadas para o sistema: aberto, equitativo, diversificado, individualizado e inter-relacionado.

Os tópicos anunciados para o que se antecipa que possa vir a ser a reforma do ensino superior darão para discussão mais apaixonada, pois que aí está fresca na atenção de toda a gente a argumentação amplamente oferecida, principalmente desde há dois anos para cá. Quase se pode dizer que está tudo dito, é só escolher. Mas algumas ideias orientadoras são de evidenciar, à cabeça a de que «devem as Universidades considerar os problemas nacionais e regionais e a problemática da cultura portuguesa numa perspectiva universalista». E também a ideia de que o acesso à Universidade não seja restrito aos estudantes saídos dos liceus, mas a pessoas que, embora sem essa preparação, prestem provas de maturidade bastante para isso. São caminhos novos, caminhos para que se abre a luz verde da discussão, que não aparecerá com ar de ser tolerada porquanto é abertamente solicitada e estimulada. Ao «flash-flash» amarelo-laranja que recomenda prudência na travessia sucede a luz desde que convida a seguir com tranquilidade. É a altura.

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS



ELAINE DELMAR
vedeta da Rádio e da TV inglesa

KARL KARSONY
famosa atracção mundial

HELENA TAVARES com
RAUL SILVA e ANTÓNIO LUÍS GOMES

LES BALLETS DE GEORGES REICH

JIRINA'S COMBO • FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

CANDY SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23.30 H.
MAIORES DE 17 ANOS

NO WONDER BAR À 1.00 H. MAIORES DE 21 ANOS

No Cinema, às 21 e 30 (Maiores de 17 anos)
UM BEATLE NO PARAÍSO

4.ª SEMANA

ÊXITO SENSACIONAL!
A GRANDE AVENTURA
ONDE ÊLES EXPERIMENTAM TUDO!
UM TRIO SENSACIONAL...
CONTRA TUDO E CONTRA TODOS!

A COLUMBIA FILMES apresenta
TONY CURTIS ★ CHARLES BRONSON ★ MICHELE MERCIER

nem SEMPRE SE PODE GANHAR...
(YOU CAN'T WIN 'EM ALL).
M/12 anos
com. PATRICK MAGEE
cenario de LEO V. GORDON
Arg. de GENE CORMAN
Real. de PETER COLLINSON • Prod. de GENE CORMAN • PANAVISION • TECHNICOLOR •
ACÇÃO E BOAS PIADAS
EDEN

PRÉDIOS COMPRAM-SE

SÓ TRATAMOS COM O PRÓPRIO.
RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 674

GRUPO DE ACÇÃO TEATRAL APRESENTA

O PROCESSO DE KAFKA

O MAIOR ACONTECIMENTO TEATRAL DE 1970
Segundo o «Diário de Lisboa» e o «Diário Popular»

HOJE E TODAS AS NOITES DESTA SEMANA ÀS 21 H. E ÀS 23 HORAS

50% desconto para estudantes

10.ª SEMANA

MAIORES DE 17 ANOS

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortavel de lisboa

HOJE, ÀS 17.30 HORAS
EMÍLIO E OS DETECTIVES
Sábado, às 18.30 horas
Domingo, às 11 horas
(Maiores de 6 anos)

Na próxima semana, todas as noites às 21 h. e às 23 horas, a comédia
«Sexta-feira, 4 e Um Quarto»

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos
(Maiores de 17 anos)

Temperatura confortável | 7.ª SEMANA

TODAS AS NOITES ÀS 21.45 HORAS

UM ÊXITO QUE O PÚBLICO ESTÁ A PROMOVER RECOMENDANDO

O INOCENTE

Notabilíssimo desempenho da Companhia do T. M. M. com Igrejas Caeiro no protagonista

UMA NOVA COMPANHIA NO PORTO?

PORTO, 7 — Continua em cena, no Grupo dos Modestos, a peça de Harold Pinter «O monta-cargas», com encenação de Leandro Vale e interpretada por Raul Dique e Domingos Cerqueira, elementos da secção de teatro daquele grupo.

«O monta-cargas» passará a ser representado, a partir do próximo dia 11 e todas as segundas-feiras, no Teatro Sá da Bandeira, aproveitando os dias de folga da companhia de Raul Solnado.

Entretanto o empresário Vasco Morgado pediu a colaboração de Leandro Vale para estruturar uma companhia de comédia que alternará com aquelas que de Lisboa vierem ao Porto. Sabemos que o recrutamento de actores para a nova companhia será feito nos vários grupos de amadores da cidade e arredores.

Por outro lado, no que diz respeito á actividade do Grupo dos Modestos cuja secção de teatro está presentemente a atravessar uma fase de renovação, decorrem ali os ensaios do «Diário de um louco», de Gogol, que se estreará em Março. Seguir-se-ão em Maio, «Menina Julia», de Strindberg; em Julho «Pescada á linha» de Salazar Sampaio; e em Agosto as reposições de «Borrão», de Augusto Sobral, e «O homem da flor na boca», de Luigi Pirandello, todas elas encenadas por Leandro Vale, que também recebeu um convite de Vasco Morgado para, na presente temporada teatral, pôr em cena uma peça em Lisboa.

FILME PROIBIDO NA JUGOSLÁVIA

BELGRADO, 7 — (F. P.) — A Comissão de Censura da Republica Federada da Eslovénia proibiu a exploração, por ofensa a moral publica, do ultimo filme do jovem realizador jugoslavo Jan Hladnik, «A Mascarada».

A Agência Tanjug diz que, segundo aquela comissão, a medida foi motivada por a obra de Hladnik comportar cenas particularmente licenciosas, que poderiam ter efeito nocivo nos jovens espectadores, uma vez que a lei jugoslava não prevê a proibição de certos filmes aos menores.

AUDIE MURPHY ABSOLVIDO NA CALIFÓRNIA

LOS ANGELES, 7. — (A. N. I.) — Audie Murphy, o soldado norte-americano mais condecorado na segunda Grande Guerra, foi ilibado, por um Tribunal Superior, da acusação que sobre ele impedia de possuir ilegalmente «cassetetes».

Murphy, de 45 anos, actualmente produtor e actor de cinema, alegou estar autorizado a usar aquela espécie de arma na sua qualidade de agente especial de duas organizações zeladoras da ordem.

TEATRO JAPONÊS

Amanhã, pelas 18,30 horas, com entrada livre, realizar-se-á no Instituto Italiano de Cultura, á Rua do Salitre, 146, uma sessão de «Filmes sobre teatro japonês», tradicional e «marionettes».

3.ª SEMANA — A MARAVILHA MAIS DESEJADA PELAS MULHERES!

...E AS LOTAÇÕES ESGOTADAS NÃO PARAM!

QUAL A RAZÃO DE UM ÊXITO TÃO SENSACIONAL?

A MAIS BELA HISTÓRIA DE UM AMOR SUBLIME:

O GRANDE MILAGRE DE UMA RAPARIGA QUE RECUPERA UM INVÁLIDO PARA A VIDA E FAZ DELE A SUA SUPREMA ADORAÇÃO

CANÇÕES QUE NUNCA ESQUECEM!

UM FILME DA SÉRIE DE OURO DO ODEON

(MAIORES 12 ANOS)
Excl. da DEVA FILMES

AS CANÇÕES ESTÃO GRAVADAS EM DISCO «RODA» — EASTMANCOLOR —

NOVO TRIUNFO FIAT

4 PRIMEIROS PRÉMIOS

no Concurso de Elegância e Conforto Automóvel da Figueira da Foz, em 1971.

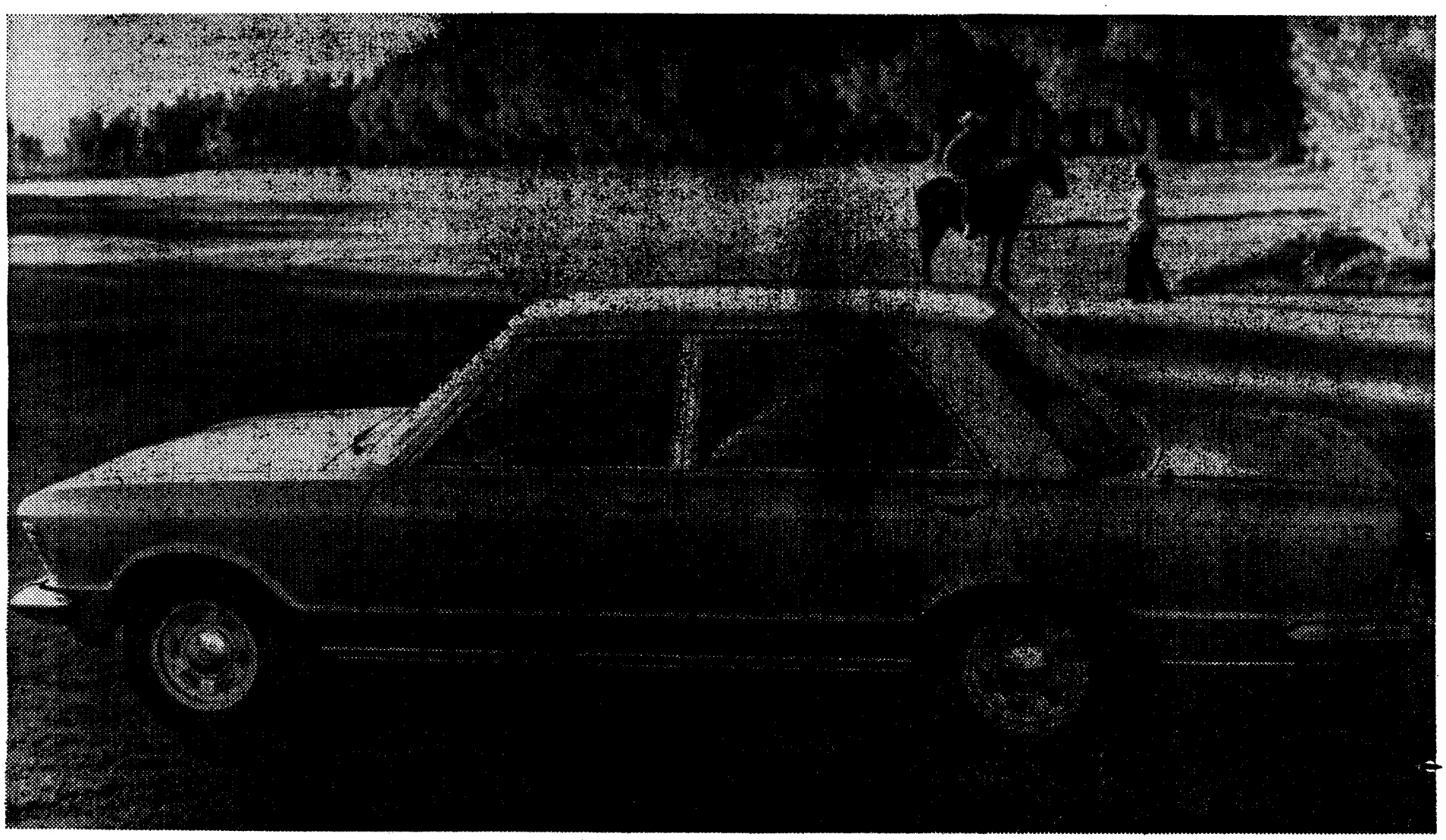
CATEGORIA I *(turismo)*

	1.º Fiat 850 Special
Classe II	**5.º Fiat 850 Sport coupé**
Classe III	**1.º Fiat 124 Sport coupé**
Classe VI	**2.º Fiat 128**
Classe VII	**5.º Fiat 125 Special**
Classe VIII	**1.º Fiat 130**

CATEGORIA II *(Grande Turismo e Sport)*

Prémio de Honra - **Fiat 124 Sport Spider**

Classe XIV **1.º Fiat 124 Sport Spider**



ELEMENTAR!

SÃO JORGE — PROGRAMAÇÃO RANK

3.ª SEMANA

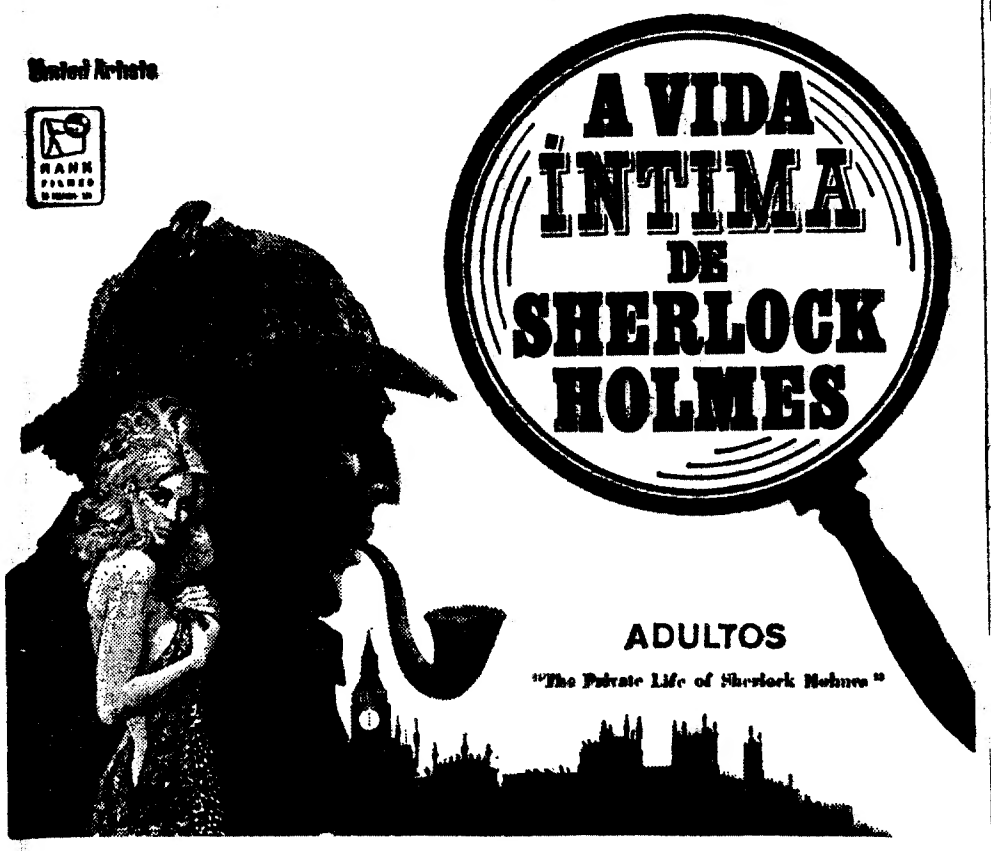
COMO VIVEU NA INTIMIDADE SHERLOCK HOLMES?

...E AS MULHERES NA SUA VIDA?

...E OS SEUS VÍCIOS?

...E AS SUAS FRAQUEZAS?

United Artists



FILME DE BILLY WILDER

com ROBERT STEPHENS · COLIN BLAKELY

MARIA VITÓRIA (Adultos)

TELEFONE 36 17 40

● As 20.45 e 23 horas ●

GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO APRESENTAM A GRANDE REVISTA

«PIMENTA na LÍNGUA!...»

com JOSÉ VIANA, AIDA BAPTISTA, BARROSO LOPES e DORA LEAL, com NICOLAU BREYNER, ANITA GUERREIRO, a atracção brasileira RONY VALY e, no «compère», OCTÁVIO DE MATOS, à frente de um enorme elenco

AOS DOMINGOS: «MATINÉES» ÀS 16 HORAS

ÀS 2.as-FEIRAS NÃO HÁ ESPECTÁCULO

NO VARIEDADES (Adultos)

2 sessões às 20.45 e 23 horas

EM PLENO ÊXITO

A SUPER REVISTA DO LUXO E DA GARGALHADA!

...E O ZÉ FAZ TUDO!

com SALVADOR, FLORBELA, CARLOS COELHO, a colaboração de MARIEMA, pela 1.ª vez em revista MARIA DO CÉU GUERRA e a atracção nacional DUO OURO NEGRO

NÃO IR NA ONDA...

O «INVEROSÍMEL» ACONTECE

A prova (para quem dela necessitasse) de que o «inverosímel» acontece deu-a, agora, um locutor do Rádio Clube Português. Havia o «fácel» e o «difícel» (termos já nossos familiares); agora teremos de contar com o «inverosímel», presença de peso a enriquecer, daqui para a frente, a Língua Pátria.

Foi no programa «PBX» da noite de anteontecm. Sempre em cima do acontecimento (usa-se muito nesta altura do ano), o popular programa radiofónico ligou a sua extensão não sei quantos (Porto) e, uma vez assestado sobre a «cidade invicta», disparou uma entrevista com o produtor Perdigão Queiroga a propósito da estreia (que ali decorre hoje) do filme de Augusto Fraga «Traição Inverosímil».

Pois o locutor entendeu por bem alterar, durante toda a conversa, o título da película. Mudou-o, muito simplesmente, para «Traição Inverosímel», o que, vendo bem as coisas sim senhor, é muito mais bonito, mais, como dizem, sonante, etc.

Ouço pouco rádio. Pelos vistos, estou a perder um excelente veículo de culturazinha. Vou passar a ir na onda»..

TORQUATO DA LUZ

TEATRO INGLÊS NO VASCO SANTANA

«Lar», a peça inglesa actualmente em cena no Teatro Vasco Santana, numa apresentação da Companhia Teatro-Estúdio de Lisboa, é, segundo as palavras do próprio autor (David Storey) *«uma peça de desespero total e implacável. Constitui, contudo, parte da concepção geral de olhar o mundo, não da maneira como este existe, mas da forma como o nosso tipo de necessidades espirituais procura exprimir-se».* Há portanto, para o autor, dois mundos, cuja coexistência, por vezes, gera um conflito, o daquele que apresentamos exteriormente como uma fachada e o autor íntimo — subjectivo — dos nossos fracassos das nossas inibições das nossas frustrações. Tudo isto nos é dado em «Lar» numa linguagem simples, banal aparentemente superficial.

TEATRO VASCO SANTANA

(SUBSIDIADO PELO FUNDO DE TEATRO)

Tel. 768609

21.45

Últimas representações!

18.ª SEMANA!

LAR

DE DAVID STOREY

TRADUÇÃO E DIRECÇÃO LUZIA MARIA MARTINS

INTERPRETES (Ordem de entrada)

LUÍS SANTOS
JOAQUIM ROSA
HELENA FÉLIX
ANA PAULA
AMÍLCAR BOTICA

BREVEMENTE: «A COZINHA» de ARNOLD WESKER

ADULTOS

TEATRO GIL VICENTE

CASCAIS — Telef. 280919

A COMPANHIA DO TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

Apresenta hoje e todas as noites, às 22 horas

SOTOBA KOMACHI de YUKIO MISHIMA

tr. ORLANDO NEVES

●

BREVE SUMÁRIO DA HISTÓRIA DE DEUS de GIL VICENTE

Encerrado às 2.as-feiras p/ descanso da companhia

ADULTOS

COLISEU

HOJE, ÀS 21 e 30

(Maiores 12 anos)

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO

SÓ ATÉ DOMINGO

Últimos espectáculos

As maiores atracções

SÁBADO

À TARDE, entrada gratuita às crianças dos 6 aos 10 anos

À NOITE podem assistir crianças a partir dos 6 anos

Domingo — Despedida da Companhia

MINISTÉRIO DAS CORPORAÇÕES E PREVIDÊNCIA SOCIAL

DIRECÇÃO-GERAL DA PREVIDÊNCIA E HABITAÇÕES ECONÓMICAS

2.ª REPARTIÇÃO

AVISO

«Distribuição dos fogos do bairro de casas de renda económica de Almada — 2.ª fase (Laranjeiro) e do que se encontra vago na 1.ª fase do mesmo bairro»

1 — Torna-se público que está aberto concurso, pelo prazo de 30 dias a contar da data deste «AVISO» para distribuição dos fogos que constituem o bairro de casas de renda económica de Almada-2.ª fase (Laranjeiro) e, bem assim, para distribuição do fogo que se encontra vago e dos que vagarem durante o período de validade do concurso na 1.ª fase do bairro.

2 — O número total de fogos a distribuir é de 230 assim discriminados:

89 fogos do tipo III	750$00
109 fogos do tipo IV	850$00
32 fogos do tipo V-a	1 000$00

3 — A renda do fogo vago na 1.ª fase e dos que de futuro venham a vagar serão as que à data da nova atribuição vigorarem para os respectivos tipos.

Presentemente as rendas em vigor são as seguintes:

Tipo II	600$00
Tipo III	700$00

4 — A classificação dos concorrentes far-se-á de harmonia com as disposições do «Regulamento da Distribuição de Casas de Renda Económica», em vigor.

Dá-se preferência na classificação até ao limite de 80 fogos, aos candidatos residentes em barracas na Quinta da Alegria que sejam beneficiários (ou casados com beneficiários) de Caixas de Previdência integradas na «Habitações Económicas» sendo os restantes fogos atribuídos, de preferência, aos candidatos igualmente beneficiários da Previdência, que trabalhem ou residam, há mais de 2 anos, no concelho de Almada.

5 — Os requerimentos de habilitação ao concurso por parte de beneficiários (ou casados com beneficiários) de Caixas de Previdência, devem ser entregues até ao dia 5 do próximo mês de Fevereiro (inclusive), nas respectivas Instituições de Previdência.

Os requerimentos dos restantes concorrentes devem ser entregues, dentro do mesmo prazo, no Serviço Informativo do Ministério das Corporações e Previdência Social, em Lisboa ou no Posto da Inspecção do Trabalho em Mutela — Cova da Piedade.

6 — Todos os esclarecimentos podem ser prestados nas Caixas de Previdência, no referido Posto da Inspecção do Trabalho e no Serviço Informativo do Ministério das Corporações e Previdência Social — Praça de Londres, 9 — Lisboa.

Lisboa, 6 de Janeiro de 1971

SETÚBAL NA GRANDE NOITE DO FADO

Novidade na Grande Noite do Fado de 1971: Setúbal também concorre ao espectacular «Primeiro Passo» para fadistas amadores, através de uma das suas colectividades de recreio. O movimento de interesse parece, aliás, estender-se a Almada, onde se fazem diligências para mandar pelo menos um amador de fado ao certame.

Organizada regularmente pela Casa da Imprensa, que de modo igualmente regular esgota todos os anos a lotação do Coliseu dos Recreios, a Grande Noite do Fado serve de ponto de encontro para os nomes mais populares da nossa música ligeira. Assim, a organização assegurou agora a presença de Tonicha, Maria Valejo e Joaquim Cordeiro, que vêm somar-se a Hermínia Silva e António Mourão. Muitos outros artistas irão aderir até 16 do corrente, data do espectáculo.

TRINDADE

Telef. 320000

Hoje, às 21.30 horas (Adultos)

O ÚLTIMO INQUILINO

O REI ESTÁ A MORRER de IONESCO

Pela Companhia do Teatro Nacional D. Maria II

Sábado às 16 horas Tarde a preços reduzidos

Domingo — Tarde dedicada a estudantes

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

CANAL DA CRÍTICA

POR MÁRIO CASTRIM

«CENTRO CLÍNICO»: NADA DE GRAVE. PODEM DORMIR DESCANSADOS

O «Centro Médico» é uma série que não pretende escandalizar ninguém. Nisso difere um tanto de outras séries também muito médicas, como o «Dr. Kildare», o «Marcus Welby, doutor em Medicina», as «Enfermeiras». Em qualquer destas acontecia, de vez em quando, uma nota de tristeza e de desgraça. O dr. Killey, ajudante do Welby, teve o caso fatal daquela jovem. Caso fatal mesmo, sem margem para dúvida. Para a compensar, e também para dar uma satisfação aos telespectadores, o Killey passou a dar-lhe boleia no assento traseiro da moto e a levá-la em passeios á praia e outros locais aprazíveis. Chegou mesmo a comer com ela em pleno campo, quando este se apresentava vitorioso de verde relva e de flores. A rapariga morreu, sim, mas só depois de ter conhecido o prazer de um bom piquenique e de uma regalada sesta. Será até caso para dizer: não morreu em vão.

Uma coisa dessas seria pràticamente impossível no «Centro Médico», se atendermos á sua linha geral de orientação. Compreende-se: o dr. Gannon é operador. Tudo no Centro Médico se resolve pela operaçãozinha. Há que não lançar o descrédito ou a desconfiança ou o medo sobre as operações. As séries destinam-se ao grande público e é preciso mostrar-lhes como as intervenções médicas se processam em condições científicas altamente favoráveis para o doente. Aqueles mecanismos complicados, aqueles tubos, lâmpadas, ponteiros, botões luminosos (até computadores, como ontem vimos) oferecem o aparato de ciência bastante para convencer as pessoas de que uma operação não deve assustar ninguém quando velam pelo doente a Ciência e a sabedoria no manejo dela de muitos doutores Gannons.

Tudo se encontra orientado neste sentido. O próprio cirurgião quase não faz gala do seu olho clínico. O dr. Welby, por exemplo, olha para uma pessoa desmaiada e desconfia logo que ela sofre da supra-renal; a rapariga começa a esgrifar o olho depois de uma boa dose de champanhe e o Welby aperta as sobrancelhas e diz logo naquela voz «off» com que Deus dotou todos os segredos: «Já percebi tudo, minha linda: sofres do complexo de pitecantropus, mais conhecido pelo sindroma da maçã».

Gannon nada afirma, nada garante. «Não faz prognósticos antes do jogo», como dizem ás vezes certos responsáveis do futebol. Ele só fala, ele só emite opinião depois dos testes, depois das análises, depois dos exames.

Esta é a diferença. Repare-se, no entanto, que o resultado dos exames e dos testes e das operações é sempre consolador. Até mesmo o caso daquele senhor que até era político, não sei se se recordam, aquele senhor até estava muito preocupado por causa de umas negociações difíceis com os russos, aquele sujeito de setenta e tal anos, muito viúvo, alvo dos amores de uma rapariga muito meiga, estão a lembrar-se agora? Esse faz a sua operaçãozinha da ordem ao coração e o dr. Gannon garante, no final, que enfim, não é verdade, ainda podia viver uns largos anos se tivesse cuidado com a sua aorta...

No «Centro Médico» as doenças nunca são malignas, os diagnósticos nunca falham, as pessoas ficam todas saradas e a felicidade fica sempre á nossa espera.

A regra ontem manteve-se. O episódio denunciou-se logo a partir das primeiras imagens, quando nos aparece a senhora Karen Harper, benemérita dadora do Hospital: a mãe do galato filho de mãe americana e pai mexicano vai morrer (vai, sim senhor, nota-se pela cara apreensiva do Gannon); o miúdo fica sem família; a sua mãe adoptiva será a riquíssima Karen. O único impedimento é o possível aparecimento de pessoas de família ou a doença na tiróide que a mantém internada no Centro. Mas quanto ao primeiro caso, eis-nos diante de um tio engenheiro civil, americano cem por cento, que não o quer em casa devido á mistura de sangues. Mexicanos na família? Isso nunca!

Quanto á tiróide, não há problema. Feita a operação, e como eu já esperava (este meu faro, estão a topar...) verifica-se que o nódulo não é maligno. O menino mexicano tem uma casa, a sr.ª Karen tem um filho, Gannon e Joe sorriem felicíssimos, e cada telespectador vai á deita, glorificado e apaziguado por mais esta historieta cor-de-rosa, cordelista de meter raiva.

O pior ainda não é isto. o pior é que não tenho mais nada para lhe dizer. David Mourão-Ferreira fala-nos de um Bernardim em termos de trasladação de restos mortais: aposto em como não terá despertado num único telespectador o desejo de conhecer Bernardim. E de duas, uma: ou se acordam as pessoas, ou não vale a pena falar ás pessoas. Para quê semear orelhas moucas? E para quê fazer isso, ainda por cima, em nome de Bernardim?

Da sessão de fados, nada a dizer. Nada a dizer igualmente do horário da televisão do almoço, onde, após o interregno da Pippi, voltou o viver no campo, com as chachices do costume.

Não, não tenho mais nada para lhes dizer. Devo ser eu o culpado. Vou marcar uma consulta ao dr. Gannon. Para já, tenho a garantia de não ser coisa grave a doença do meu televisor. Basta fechá-lo, não é verdade?

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Programa da Juventude; 17 e 30: «Falua», Programa Infantil, por Ana Maria; 18 e 05: O convidado de hoje: Cat Stevens; 18 e 20: Espectáculo — Teatro, por Figueiredo de Barros; 18 e 40: Encontro ao fim da tarde; 19 e 05: Cartaz dos espectáculos; 19 e 15: Recordar é viver; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Um conjunto: «The Shadows»»; 20 e 30: 4.º Episódio do Folhetim E«encruzilhadas»; 20 e 53: Melodias; 21: Momento 71; 21 e 20: Musica, só musica; 21 e 50: Dia a dia com a Ciência, pelo dr. Marques da Costa; 22 e 10: Guitarradas, pelo Conjunto de António Luís Gomes; 22 e 30: Novidades em Discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 23 e 05: Exitos da Europa; 23 e 30: Canções que o mundo canta; 24: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16: Que quer ouvir? — Programa elaborado por Margarida Brandão; 18: Musica Portuguesa — Obras de António Fragoso; 19: O Canto e os seus Intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Oito peças para cravo (Purcell), por Thomas Goff; 20 e 30: Concerto pelos Menestreis de Lisboa, constituídos por: António Serafim, oboé; Leal dos Santos Calqueiro, oboé; Álvaro Cunha, fagote; Emídio Coutinho, trombone de varas, e Santiago Kastner, cravo direcção e notas explicativas. Concerto preenchido com obras de Friedrich Karl Erbach e Johann Dismas Zelenka; 21 e 15: Tempo literário; 21 e 45: Musica de Wagner; 22 e 05: Teatro de todos os Tempos, pelo dr. Eurico Lisboa (Filho); 22 e 59: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: A nossa musica; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20 e 07: Selecção para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 08: Tempo-novo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Mensagens bíblicas; 23 e 19: Grande roda; 0 e 02: «P. B X»: 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Program C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa ó Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kc/s — Às 16 e 02: Programa C. D C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Só-Rádio; 21 e 40: Contrastes musicais; 21 e 45: O arauto da verdade; 22 e 03: O canto; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Carrossel-3; 23 e 04: Clube da juventude

Rádio Renascença — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiograma; 18: A guitarra de Jorge Fontes. 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Esquema; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Metando; 21: Variedades; 21 e 30: Isabel Fontes e Carlos Portugal; 21 e 45: Conjuntos; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora.

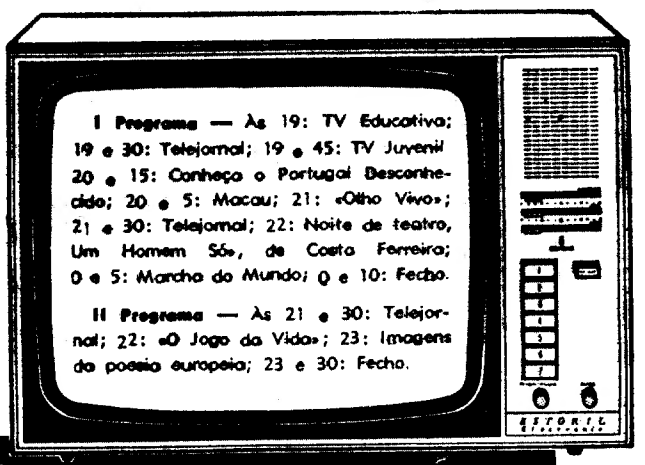
EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s. **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30. **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22. **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2. **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

Organização e Actualização
DE ESCRITÓRIOS E CONTABILIDADE
Consulte: CONTOR
CENTRO TÉCNICO CONTABILIDADE E ORGANIZAÇÃO, LDA.
R. António Pereira Carrilho, 38, 1.º — Telef. 53 54 93
Apartado 5057 — LISBOA

ESTUDANTES!
IV CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO: ATÉ 31/MARÇO/71

TV dia a dia

HOJE PODE VER..



SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER..

I PROGRAMA — *1.º período* — Às 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série; 13 e 45: Telejornal; 14: Minidecoração; 14 e 15: Logo à noite; 14 e 20: Fecho.

2.º período — Às 14 e 40: Ciclo preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Série juvenil; 20 e 10: Reportagem do exterior. Transmissão directa do jogo de hóquei em patins, Campo de Ourique-Benfica; 21 e 30: Telejornal; 22: Série Oeste — Cimarron Strip; 23 e 30: Marcha do Mundo; 23 e 40: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — 21 e 30: Telejornal; 22: Um dia com... Nelson Soromenho; 22 e 15: Concerto. Sonata de Debussy por Sandor Vega (no 1.º programa em 22-9-70); 22 e 30: Série de aventuras — «O Santo» (no 1.º programa em 7-11-66); 23 e 25: Fecho.

TUDOR
pilhas para transistores

INTELECTUAIS FRANCESES VÃO FALAR NA GULBENKIAN

• Amanhã: Michel Tatu, de «Le Monde»

Por iniciativa da Embaixada da França no nosso País e com a colaboração da Fundação Gulbenkian, vai realizar-se, no Auditório Dois daquela instituição, uma série de conferências por um grupo de intelectuais franceses.

A primeira conferência realiza-se amanhã, ás 18 e 30, falando o jornalista Michel Tatu, director-adjunto do serviço estrangeiro do jornal «Le Monde», que falará sobre «Les perspectives d'évolution en Union Soviétique et en Europe de l'Est».

O conferencista será apresentado pelo dr. José Ribeiro dos Santos, director di Serviço de Ciência da Fundação Gulbenkian.

As conferências seguintes estão marcadas: para o dia 29, á mesma hora e no mesmo local, pelo sr. Alain Peyrefitte, antigo ministro de Investigação Científica e das Questões Atómicas e Espaciais e da Educação Nacional, que abordará o tema «Os países latinos e a civilização industrial», e para o dia 26 de Fevereiro, a cargo do crítico do «Nouvel Observateur», André Fermigier, que falará sobre «Crítica literária e artística». Farão também conferências, em datas a fixar oportunamente, Julien Cracq, «Prémio Goucourt»; W. Baumgartner, antigo ministro das Finanças, membro do Instituto de França e presidente da «Alliance Française»; Bertrad Goldschmidt, director do Comissariado para a Energia Atómica e professor do Instituto de Estudos Políticos de França; e, finalmente, o escritor Max Paul Fouchet.

Ontem, á tarde, na Quadrante, perante um público numeroso e interessado, três poetas leram composições de livros seus recentemente publicados. Foram eles Dórdio Guimarães («Os cinco sentidos de Lisboa»), João Rui de Sousa («Meditação em Samos») e Henrique Segurado («Ressentimento de um ocidental»). Os três poetas foram apresentados por David Mourão-Ferreira, que se vê na foto juntamente com Henrique Segurado (ao centro) e Dórdio Guimarães (á esquerda).

A sessão de hoje da Assembleia Nacional

Prosseguiu hoje, na Assembleia Nacional a discussão na generalidade das propostas de lei que regularão as actividades teatral e cinematográfica.

Sobre a matéria falaram os deputados Moura Ramos e Silva Mendes.

Antes da ordem do dia falaram os deputados Leal de Oliveira, Oliveira Ramos, Valente Sanches e Moura Ramos, que dissertaram, respectivamente, sobre «Desastres ferroviários», «Estradas de Braga», «Exportações de Vinho para o Ultramar» e «Fomento Pecuário no Ultramar».

FIM DE TARDE EM S. BENTO

★ *A sessão de ontem foi relativamente rápida e pouco concorrida. Em todo o caso estavam presentes mais quatro parlamentares do que no dia anterior, isto é, 68 deputados.*

★ A ordem do dia foi totalmente preenchida pelo deputado Veiga de Macedo, na qualidade de presidente da Comissão de Educação Nacional, Cultura Popular e Interesses Espirituais e Morais, que assim abriu a discussão, na generalidade, das propostas de lei sobre actividade teatral e protecção ao cinema nacional.

★ *O dr. Veiga de Macedo começou com palavras de sentido moralista, que bem traduzem as suas preocupações e linha de pensamento: «Protejam-se o teatro e o cinema, mas exija-se deles que não esqueçam ou atraiçoem os valores mais puros da vida humana, não pervertam a juventude, não desorientem ou escandalizem o povo, não minem o princípio da autoridade, não abalem as forças espirituais e históricas da resistência da Nação, nem a profunda certeza da razão de ser da sua integridade e do seu destino. Pela minha parte, é neste espírito que, disposto a votar, na generalidade, as propostas de lei agora em apreciação na Assembleia Nacional, me deterei em alguns aspectos que esses documentos me sugerem.»*

★ O orador chamou a atenção para os aspectos culturais e educativos do teatro e do cinema, defendendo a remodelação dos estudos do Conservatório Nacional. Aflorou ainda a necessidade de enfrentar o problema do ensino do cinema entre nós — citando o caso da Jugoslávia — o que comprova o interesse com que o deputado procurou informar-se destas questões

★ *Não chegou, o dr. Veiga de Macedo, a conclusões definitivas. Mas sempre sugeriu: «De qualquer modo, o Instituto Português de Cinema fica com poderes e meios para fazer as experiências que entender neste campo, o que trará reais vantagens se houver o cuidado de acertar agulhas com os estabelecimentos de ensino artístico e se não se caminhar às cegas na preparação de elementos insusceptíveis de absorção pelas actividades cinematográficas portuguesas.»*

★ Não escapou, ao deputado, «o antagonismo de interesses que neste terreno se chocam e digladiam» e se tornam evidentes até «nos pareceres da Câmara Corporativa». E teve a coragem de afirmar, a certa altura: «Torna-se mister, além disso, que o Instituto do Cinema e o Fundo do Teatro não se transformem em instrumentos de acção assistencial ao mau cinema ou ao mau teatro, ou de simples protecção pessoal ao sabor de influências ou subjectivismos menos desejáveis. Fomentar um teatro e um cinema sem nível artístico ou cultural ou técnico seria um erro clamoroso. Daí, que a política de protecção a essas importantes actividades deva ser informada, como preconiza, e bem, a Câmara Corporativa, por um critério de nítida *opção de qualidade*, critério que tem de ser prudentemente definido para não se cair em exageros que poderiam comprometer o arranque ou o novo arranque que se impõe para se instaurar ou aperfeiçoar o nosso cinema.»

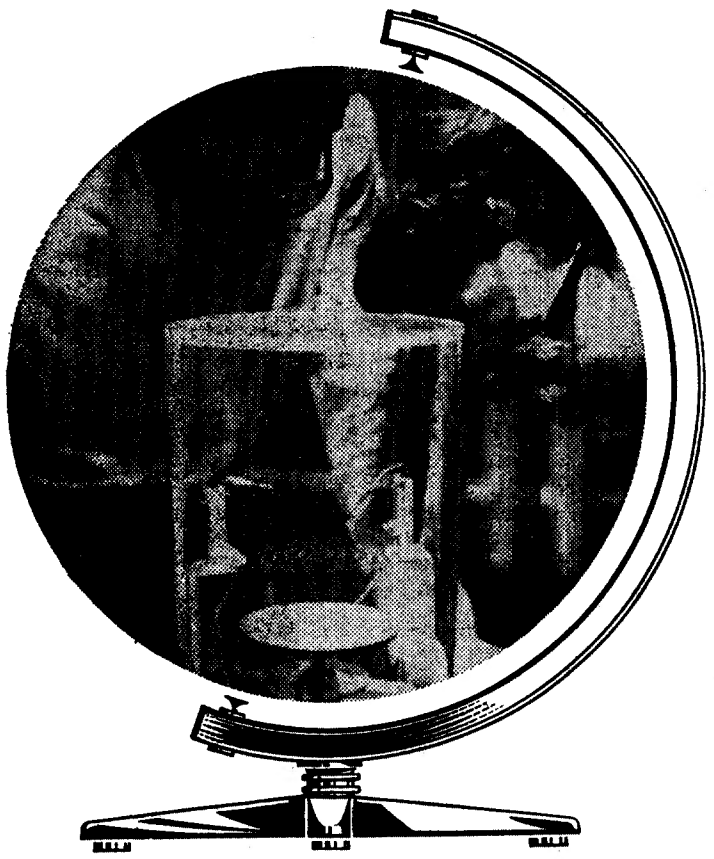
☆ *Também merece atenção o facto do dr. Veiga de Macedo — ao contrário do que aconselhava a Câmara Corporativa — pugnar pelo auxílio e protecção ao cinema amador e de ensaio.*

☆ Se, em última análise, o resultado vai depender dos homens que tiverem de executar e interpretar as leis em discussão, parece que, em alguns aspectos, pelo menos, algo se poderá lucrar.

☆ *Falando antes da ordem do dia, o deputado Oliveira Pimentel denunciou a «situação anacrónica» com que se debate a província de Trás-os-Montes, no que se refere ao preço da energia eléctrica:*

«A província de Trás-os-Montes aceitou a decisão do Governo de promover a sua electrificação como uma medida do maior alcance a qual, todavia, só poderá conduzir a resultados apreciáveis se permitir extensão e profunda difusão orientada pelas várias aplicações que a utilização da electricidade comporta. De limitado interesse se reveste ter-se ao nosso alcance um bem de consumo, como é a energia eléctrica, se o preço da sua utilização deixar de ser acessível para se tornar proibitivo — como acontece em Trás-os-Montes cuja população, que também é portuguesa, paga a energia eléctrica pelo preço mais elevado do país!»

MANUEL DE AZEVEDO



O MUNDO VIVE DE SOLUÇÕES NOVAS!
...UMA DELAS PODE SER A SUA

III CONCURSO NACIONAL PHILIPS
PARA JOVENS CIENTISTAS E INVENTORES

O III Concurso Nacional PHILIPS para Jovens Cientistas e Inventores, que a Philips Portuguesa, SARL, organiza com o alto patrocínio do Ministério da Educação Nacional, não tem qualquer intuito comercial. O seu único objectivo é descobrir e estimular os jovens, entre os 12 e os 21 anos, que trabalhem ou sintam propensão para trabalhar em investigação científica e tecnológica.
Os trabalhos classificados em primeiro lugar são automàticamente submetidos ao Concurso Europeu PHILIPS para Jovens Cientistas e Inventores que se realiza na Holanda, em Maio de 1971.

REGULAMENTO AO DISPOR DOS INTERESSADOS
— na Sala de Exposições do Edifício PHILIPS, Avenida Duarte Pacheco, 6
— pedido por bilhete postal ao Apartado 1331, Lisboa

PHILIPS

PHILIPS

BOM APETITE

CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

DOÇARIA REGIONAL CASEIRA
CAFÉ INCONFUNDIVEL NO
BAR RIBATEJO
PRAÇA DO AREEIRO, 11-D ABRE AS 7 HORAS

A COLMEIA
RESTAURANTE DIETÉTICO E MACROBIÓTICA
(VIDA LONGA)
«SELF-SERVICE»
ENCERRADO AOS DOMINGOS
RUA DA EMENDA, 110-2.º
T. 370500 (AO CAMÕES)

CHURRASCO
ABERTO ATÉ AS 3 50 M
Rua das Portas St Antão 83
Telef 323059

SOLAR DO MINHO
Rua d. Vigário 60 — Alfama
(St.º Estêvão) — Tel 866811
COZINHA MINHOTA
ALMOÇOS e JANTARES
cada dose 20$00

O PRÉDIO QUE RUIU PARCIALMENTE NA AVENIDA DUQUE DE ÁVILA

A notícia que há dias publicámos sobre o prédio que ruiu parcialmente na Avenida Duque de Ávila motivou alguns esclarecimentos dos respectivos proprietários.

Na verdade, o prédio em questão (n.º 92) «não estava em ruínas, pois as suas condições de estabilidade eram perfeitas» e «os inquilinos não foram alojados em casas da Câmara Municipal de Lisboa nem esta nunca ordenara a demolição do prédio, nem motivos existiam para tal atitude».

De acordo com os referidos esclarecimentos, o que se passou foi o seguinte: «Os empreiteiros que estão iniciando uma construção no terreno contíguo ao referido prédio, por incúria e sem o menor respeito pela propriedade alheia, destruíram-lhe parte das fundações, o que originou o desventramento da parte de baixo do prédio e o desmoronamento parcial da empena do mesmo lado e fracturas no paramento da fachada principal.

«Além de terem aberto uma vala com cerca de 4x3 m e com uma profundidade aproximada de 3 metros e de lhe terem demolido a totalidade da fundação da parede da empena sem terem efectuado nenhum escoramento vertical, ainda lhe cortaram na frente cerca de 0,25 cm, deixando até a canalização da entrada da água para o prédio, completamente descarnada e á vista!

Em face do sucedido, apresentaram os proprietários do prédio queixa na Polícia no dia 27 de Dezembro e requereram também á Comissão Permanente de Vistorias da Câmara Municipal de Lisboa, uma vistoria urgente ás fundações que se estão a efectuar no terreno contíguo ao prédio e que atingiram as dele, a fim de se apurarem responsabilidades e a extensão dos prejuízos já existentes e dos que poderão advir.»

ora diga-nos...

— Achaste já alguma coisa na rua?

Três distintos alunos da instrução primária revelam aos nossos leitores a surpresa das coisas achadas na rua.

● *Disse-nos José Alberto Gonçalo de Sousa, aluno da 4.ª classe:*

— Nunca achei nada na rua. Uma vez, num autocarro, encontrei 25 tostões. Até á data, foi tudo quanto achei.

— *Só 25 tostões?..*

— Só. Deu para rebuçados.

● *Isidro Casimiro Martins, a frequentar a 4.ª classe:*

— Encontrei uma vez uma nota de 20 escudos.

— *Mais nada...?*

— E também uns botões.

— *Só...?*

— Só. Deu para ir ao cinema e jogar aos botões.

● *Palavras de António Jorge Carmo Serra Lopes, também aluno da instrução primária:*

— Nunca achei nada. Uma vez perdi-me na rua e quem me encontrou foi a minha mãe...

— *Só...?*

— Só. Deu para ficarmos todos contentes.

TRIO HARMONIA: PRIMEIRO «LP»

Duas vezes campeão da Europa e do Mundo (em harmónica bocal), o Trio Harmonia gravou o primeiro «LP», para o qual seleccionou os seguintes trechos: «Dança do Sabre» (Khachaturian); «Desgarrada do Vale de Santarém» (Joaquim L. Gomes); «Gioconda», «Dança das Horas» (Ponchielli); «Serra do Pilar» (João Calvário); «Voo do Moscardo» (Rimsky-Korsakov); «Corridinho Virtuoso» (Siegfried Sugg); «Cavalaria Ligeira. Abertura» (V. Suppé); «Baile Ribatejano» (Popular — arr. de Raul Mendes); «Guilherme Tell» (Allegro Finale) — (Rossini); «Vira dos Malmequeres» (Popular — arr. de Raul Mendes); «Dança Húngara N.º 1» (Brahms); «Arraiano da Beira» (Arlindo de Carvalho)). O disco, editado pela etiqueta «Estúdio», será em breve posto á venda

NOTÍCIAS BREVES • NOTÍCIAS BREVES • NOTICIAS BREVES

● **Jaime Santos concluiu já a gravação do seu novo «LP» de guitarradas, inteiramente preenchido com a execução de composições de que é autor. O disco, a editar pela etiqueta «Estúdio» será posto á venda durante o mês de Fevereiro próximo.**

● Maria Portugal (que também pertence ao elenco da «Severa») recebeu convite para se deslocar ao Canadá e Estados Unidos. A partida foi fixada para Maio.

● **Foi ja posto á venda o novo disco de José Amaro, editado pela etiqueta «Decca», onde estão incluidos: «Tarde Marialva» (José Amaro), «Barqueiro do Rio Douro» (Jaime Santos-José Amaro), «Coração de Marinheiro» (José Moreira) e «Fado da Cidade Triste» (Reinaldo Varela-Fernando Melro).**

o fado e o folclore — restaurantes típicos

ADEGA MESQUITA
cantam: Odete Mendes, Maria Amélia Proença, Fernanda Pinto, Alcindo de Carvalho e Francisco Martinho. Tocam: Jaime Santos e António Proença * **Rua «Diário de Notícias» 107 * Telefone 328307.**

PARREIRINHA DE ALFAMA
cantam: Argentina Santos, Julio Peres, Lina Maria Alves, Natalino Duarte, Flora Pereira, Leonor Santos e Susana da Conceição. Tocam: Manuel Martins e Miguel Ramos * **Consumo mínimo 50$00 * Beco do Espírito Santo, 1 * Telef.** 868209.

TAVERNA DO EMBUÇADO
elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Mello-Corrêa. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal * **Encerra aos domingos * Consumo mín. 90$00 * Beco dos Cortumes, 10** * Telef. 860816.

MÁRCIA CONDESSA
cantam: Teresa Nunes, Norberto, Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Candido da Conceição, Julieta Maria e Aurora Sobral. Tocam: Alberto Villar e António Pessoa * **P. da Alegria, 58 * Tel. 367093 * Encerra á segunda-feira.**

SOLAR DO MINHO
Cozinha minhota. Todos os dias almoços e jantares * Dose: 20$00 * Rua do Vigário, 60 * Telefone 866811.

FOLCLORE
elenco: Armindo Vidal: Fernanda Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro Marina Rosa. América Lima, António Chainho, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, Avelino, Rodrigues, Fernando Matos e Corpo de baile constituído por 20 elementos e dirigido pelo coreógrafo António Gonçalves * **Cons. mín. 120$00 * Taxas incluídas * Rua Nova da Trindade, 22-A * Telef. 35007 - 323406 * Encerra ao domingo.**

TIMPANAS
cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emília Reis, Luís Braga e Benvinda Cruz. Tocam: Pedro Caldeirá Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros * **Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) * Rua Gilberto Rola 24 * Telefones 676655-672431.**

A SEVERA
cantam: Florinda Maria, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarela de Portugal» * **Rua das Gáveas, 57 * Telef. 384006 * Encerra á quinta-feira.**

MIL E UM
cantam: Henrique Manuel, Fátima do Rosário, Zília Maria, Fernanda Machado, Maria Eva, José de Barros, Artur dos Santos e Moisés Campelos. Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto * **Cons. mín. 40$00 * Travessa da Espera, 8 * Telefone 35464 * Encerra ás 5 da madrugada**

LUSO
elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Ermida, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra), Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha * **Trav. da Queimada, 10-16 * Telefones: 362889-328503**

VIELA
cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Conceição Tavares e Lisete Maria. Tocam: Torquato Lopes e José Inácio * **Cons. mín. 50$00 * R. das Taipas, 14 * Tel. 327256**

A KAVERNA
cantam: Celeste Maria, Tino, Santos, Renato Mota. Tocam: Armandino Maia e José Maria Carvalho * **Cons. mín. 90$00 * Travessa dos Fiéis de Deus 37 * Telef. 35593**

LAR PORTUGUÊS
cantam: José Borges, Dino Cardoso, Armando Miranda. Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português» * **Conc. mín. 50$00 R. da Barroca, 133 * Telefs. 36960 e 30532 * Encerra ás terças-feiras**

SOLAR DA MADRAGOA
cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Judite Teixeira. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias * **Cons. mín. 30$00 * Rua das Trinas, 67 * Telef. 669857 * Encerra ao domingo**

ADEGA MACHADO
cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, José Vilela, Tina Ferreira. Fados de Coimbra por João Queiroz, Trio Arautos. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Manuel Martins * **Cons. mín. 70$00 * Rua do Norte, 91 * Telefs. 30095-328713 * Encerra á segunda-feira**

O ARABITA DE ALFAMA
cantam: Leonor Macedo, João Cabral, Rossana Lima. Tocam: Acácio Gomes e Armando Ferreira * **Encerra aos domingos * Rua da Adiça 9 * Telef. 86345**

O FORCADO
cantam: António Rocha, Mariana Silva, Coelho de Jesus, Miguel Silva e João Sobreira. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva * **Cons. mín. 40$00 * Rua da Rosa 219 * Telef. 368579**

GUITARRA DE ALFAMA
cantam: Vitorino dos Santos, Tucha, Mascarenhas e José Manuel Osório. Tocam: António Bessa e Fernando Reis * **Encerra ao domingo * Cons. mín. 35$00 * Largo do Peneireiro 7 (Alfama) * Telefone 868505**

BALEEIRA
cantam: Filipe Duarte, Maria Emília, Ana Madalena e Julieta Reis. Tocam: José Alves e Armando Silva * **Encerra ás segundas-feiras * Cons. mín. 40$00 * Av. Marginal, 21-22 (DAFUNDO) * Telef. 213259**

O CASTIÇO
Rua Gilberto Rola, 67-1.º * Alcântara * Telf. 670463 * canta: Silvio Pinto * tocam: Jorge Canedo e Mário Cotrim

TABUINHAS
Restaurante típico * Fados e guitarradas * Beco Esconso, 7 (á Rua Visconde da Luz) * Cascais * Telef. 284060.

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

GUITARRA DA MADRAGOA
Aberto todos os dias * **Rua da Esperança, 174 * Telef. 661915 * Cons. mínimo 50$00**

A FURNA
Rua Ferreira Lapa, 38-D (á Av. Duque de Loulé) * Telefones 538366-561949
Música gravada. Ceias até ás 3 horas. Encerrado aos Domingos.

ARCHOTE-CLUB
Discos * Rua D. Filipa de Vilhena.

HIPOPPÓTAMO
Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A * Telef. 48384 * Conj. Helder Reis * Encerrada aos domingos

NOCTURNO
Travessa Fiéis de Deus, 28 * Telef. 370889 * Poesia com Correia da Silva * Encerra ás 3 e 30.

MAXIME
Conjunto 6 * Reacção e Maximiliano * «Show» turístico * Variedades internacionais * **Praça da Alegria, 58 * Telef. 55366.**

GALERIA REAL
Estrada de São Pedro * SINTRA Encerra á meia-noite * Telef. 981661 * Ultimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A.

SANZALA
Av. Marechal Carmona, 2 * Campo Grande * Telef. 770172 * Encerra ás 3.30.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)
Conjunto Manuel Vieggs * Avenida Duque de Loulé, 73 * Telef. 530171.

BARBARELA
Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto) * Telef. 367136 * Encerra ás 3 horas

SNOB
Rua de «O Século», 178 * Telef. 35123.

TÁGIDE
Variedades. Conjunto Zé Pedro * **Largo da Biblioteca, 18-22 * Aberto ao domingo.**

TAMILA
Morão e s/ Conjunto * **Avenida Duque de Loulé, 69 * Telef. 534117 * Matinées todos os dias * Encerra aos domingos**

ADÁGIO
Apresentação de Teresa Paula Brito no seu novo reportório * Discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil * **Rua Carlos Reis, 51-A * Telef. 775695.**

CASINO DO ESTORIL
Jogo autorizado * Variedades internacionais * **Telefs. 268841-264526-264596-264621-264946.**

FORTE VELHO
Praia * S. João do Estoril * Telef. 261337.

CURTO-CIRCUITO
Rua dos Combatentes, 216 * Telef. 303572 * Aberto das 18 ás 3.30

SENSACIONAL

Vá a Madrid, na Páscoa, OFERTA JOVICA, 30 Viagens (15 prémios iguais para 2 pessoas) 5 dias, viagem em auto-pluma de luxo, Hotel de 1.ª, visita à cidade e Vale dos Caídos, etc. Sorteio a realizar em 27/3/71, autorizado pelo Ex.mo Sr. Governador Civil de Lisboa. E na altura da compra receba logo o BRINDE JOVICA para todos os clientes.

TELEVISORES

Desde 100$00 Mensais, oferta da antena para os dois programas

FRIGORÍFICOS

Desde 100$00 Mensais

ESQUENTADORES

Desde 100$00 Mensais

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA

Desde 150$00 Mensais

MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA

Desde 150$00 Mensais

SEM | ENTRADA FIADOR

JOVICA

LISBOA: Largo D. Estefânica, 12-D
Telef. 53 45 36
Avenida 5 de Outubro, 53-C
Telef. 4 77 69
FILIAIS: CACÉM — SINTRA — CASCAIS
VENDA NOVA

6.ª edição (19.º milhar)

A NOITE E A MADRUGADA

romance de

FERNANDO NAMORA

adoptado na Universidade de Roma como livro de texto português

Do prefácio de André Kedros:
"Considero a obra de Fernando Namora uma das mais significativas do nosso tempo."

COL. "OBRAS DE FERNANDO NAMORA", 256 págs., 50$

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 8 — Mem Martins

Ourivesaria da **GUIA**

GARANTIA DE PROBIDADE E COMPETÊNCIA

FUNDADA EM 1875

RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

OURIVESARIA EM GONDOMAR 3

FILIGRANAS E FILIGRANEIRAS

REPORTAGEM DE J. A. SALVADOR

As mulheres não trabalham só na filigrana, mas é a esta especialidade que fundamentalmente se dedicam

Quem faz as filigranas e como se fazem? É mais utilizado o ouro ou a prata? Quem compra filigranas? Qual a sua origem? Perguntas para as quais nem sempre as respostas foram líquidas, pois, sobre a origem ouvimos que eram do tempo da estadia dos fenícios na Península, que vieram da Índia na altura dos descobrimentos (**«há lá filigrana, embora diferente da nossa»**, asseverou-nos um ourives), que provinham de Marrocos, zona onde, igualmente, aparecia a filigrana, e, ainda, por outro testemunho recolhemos outra hipótese: — que talvez tivesse surgido na altura em que se exploravam minas de ouro em S. Pedro da Cova. Ao fim e ao cabo uma arte cuja origem se perde nos tempos, e cuja continuidade se deve ao trabalho paciente das mulheres de Gondomar, e só elas.

A percentagem de filigranas fabricadas em prata excede largamente as de ouro. A prata de filigrana é quase pura, pois, apresenta um «toque» de 950 milésimos (a legal é de 833), o que significa que num quilograma, 50 gramas são de cobre. Esta liga é feita por fusão. Depois, é puxada por cilindros, que transformam a liga em fio. Este, por sua vez, irá passar pelas «fieiras» (pequenos orifícios com diamantes ou rubis) até que o fio atinja a espessura de um cabelo. Após todas estas operações torcem-se dois fios entre duas tábuas, e o fio duplo daí resultante passará nos cilindros de chapa onde será batido. É com este fio que trabalharão as mulheres para fazerem o «cheio» da filigrana. Existe uma outra espécie de fio, mais grosso, que serve para construir os «esqueletos» da peça. É o desenho, com espaços vazios, que a «enchedeira» (assim se chama à mulher que faz a filigrana) preencherá minuciosamente.

Mais de mil mulheres a fazer filigrana

Os esqueletos das peças são feitos nas oficinas dos industriais. São os homens que se ocup
para de
ao domi
chedeira
Há
a fazer
mar —
da Con
filigran
ma emp
As que
isto —
— Co
— *Ar*
e quand
der em
— Ha
lha nist

PARIS/70-71

Por URBANO TAVARES RODRIGUES

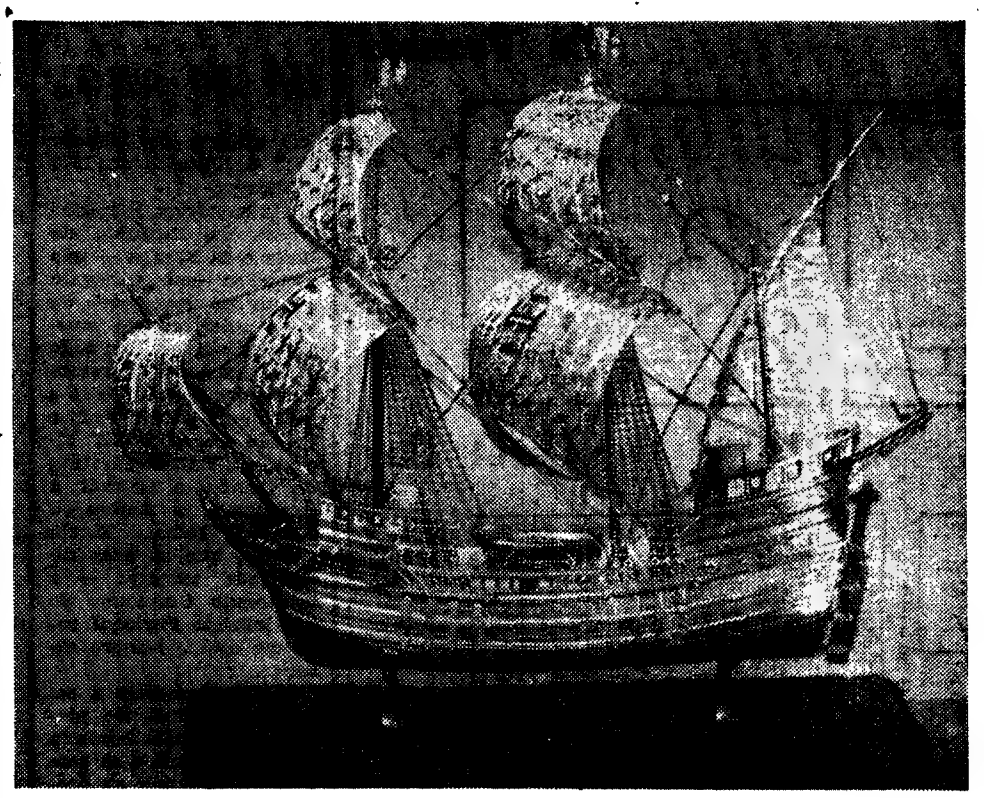
A neve multiplica-se por todo o lado: do Sacré Coeur a Cluny, da Opéra a Vincennes, coagula-se nos jardins, derrete-se nas mansardas de antigos palacetes, existe das árvores congeladas, nas mansões napoleónicas, nas casas seiscentistas da Isle Saint Louis escorrendo açúcar e opala entre estilhaços de estanho e azul, quando o sol por momentos desperta. Ainda não está suja nos passeios. O leão da Praça Denfert aparece metamorfoseado, sob essa cascata de branco, em alimária fabulosa; o Jardim do Luxemburgo, vejo-o sereno, fumegando, alvo e frio, polvilhado de luz violeta como um velho tecido bordado com lagos e bancos, e castanheiros nus, sob os quais, há quinze anos, eu passeava com o Benjamim Pérret debaixo do braço «J'ai même volé une poupée que j'enverrai à Maurras / pour qu'il essaye de la violer / en criant A bas les voleurs».

Nos Campos Elíseos, o vento passa tão agudo que, para lhe fugir, entro no cinema «Lincoln», onde descubro um filme que há muito me interessava: «Elise ou la vrai vie», de Michel Drach, uma das películas que representaram a França no Festival de Cannes, mas que, sem propaganda, sem apoio económico, não teve êxito comercial. E afinal trata-se de uma das mais importantes realizações dos últimos anos, pelo que desvenda da vida nas linhas de montagem de uma fábrica de automóveis, pelo que revela da condição do subproletariado estrangeiro, do racismo, do segregacionismo tão fundamente radicado na sensibilidade francesa que nem alguns militantes de esquerda conseguem deixar de contradizer na intimidade as ideias, ou as palavras, em que acreditam e pelas quais se batem. O protagonista é um árabe (Mohamed Chukh), membro da F. L. N., trabalhando e conspirando em Paris durante a guerra da Argélia. Marie José Nat, burguesinha provinciana, tímida, virgem, calada, com reservas insuspeitadas de coragem, vem de Bordéus a Paris, para restituir ao lar as jóias levadas para a capital, com promessa de retorno, por um irmão «gauchiste», intelectual e doente, que quis experimentar a «vida verdadeira», a de amanhã, e foi encontrar o inferno da fábrica, mas daí não arredou. E ela própria arranja emprego nas linhas de montagem, como verificadora das viaturas, e assim constata o desprezo raivoso dos capatazes perante os «bicots», os ibéricos, os negros, em suma, a escumalha. Com essa escumalha Elise se une na pessoa daquele que de começo lhe oferece e lhe pede amizade e em quem ela há-de achar amor e uma imagem ardente da fraternidade, da resistência e de heroísmo. As ruegas, os espancamentos, as humilhações, sofridas a todo o momento pelos argelinos, reconstituem a atmosfera arrepiante dos anos 50 e, ao mesmo tempo, advertem dos perigos que neste momento se aparelham sobre a democracia em crise, segundo a imprensa francesa que ainda defende o direito de livre opinião e associação, desde o «Le Monde» ao «Idiot International».

★

**O «Gala Club», espécie de superportirios parisiense, mostruário dos últimos modelos lé-lé, a preço acessível, ostenta uma colecção vastíssima de «bonnets», mais no estilo Bardot em revolucionária irlandesa do que no género Bonnie, e nas «boutiques» e até nos grandes armazéns os mesmos barretinhos de pele ou em feltro de tons vivos ou suaves, para o claro ou para o brilhante (verde, tijolo, índigo). Mas a sensação, não para este frio, está bem de ver, para a Primavera tépida, quando vier o florir dos «marroniers», e para o Verão, são os «shorts», minúsculos, pouco abaixo da virilha, desenhados pela Mary Quant e espalhados já por todas as «vitrines», expressão, na dialéctica do vestuário (intimamente relacionada com o fluxo e refluxo das ideias, dos padrões de vida, da imaginação moral) contestando (ou coexistindo com) a moda maxi, subtilmente imposta pelas camadas altas das sociedades de consumo ou com a fantasia delirante das túnicas, peles afgãs
gre» (a recuperaçã
mexicanos, decotes
em paralelo com
-choque (prodígio
Varda «Lions Love
cristalizada, misto
América e de «can
Em teatro, «Les
um Anouilh, com o
dramática francesa
de «Uune Saison e
Jacques Roux, no
«Adriano VII», no
tação de Jean-Louis
bizarro de Peter Lu
são os factos ao
campo das artes pl
nascença no Petit
excepcional de Sa
Françoise Petit», a
fantástico do Muse
«Nova Visão».
As discussões
fés, nos «bistrots»,
do «bus», crepitam
tos de B os e de
exemplares de Pica
sações do trabalho
ciante francês, bur
sibilidades de infor
periores às dos s
ridionais, não pen
o intelectual assal
rário ou o estud
para às vezes se
quadra histórica, e
de loja, de cinem
-service»! Exemplo
da em quase toda
de nojo. Aí há uma
muito na agitação
Japão e, com ind
do «Hara Kiri», ac
Porém, a acordân
do centro ou da o
ge-se de uma cert**

A NEVE E O
A VERD



Quanto custa no mercado esta peça? Quanto recebeu por ela a filigraneira?

se ocupam da sua produção, para depois serem entregues ao domicílio às mulheres «enchedeiras».

Há mais de mil mulheres a fazer filigrana em Gondomar — declarou-nos Maria da Conceição, uma das duas filigraneiras em serviço numa empresa de Gondomar — *As que estão em casa fazem isto* — adiantou.

— Como aprendeu?

— *Andava ainda na escola, e quando saía, ficava a aprender em casa de quem sabia.*

— Há quantos anos trabalha nisto?

— *Há 17 anos. Aprendi aos sete.*

— Gosta de fazer filigrana?

— *De facto, gosto. Mas aí aos 45 anos deixamos de ver para fazer disto. É um serviço muito miudinho que se não pode fazer com óculos.*

Miudinho sem dúvida. Mas o hábito de fazer aqueles «ésses», e levar o fio até ao centro do esqueleto onde é cortado, fazer de novo outro «ésse», e assim sucessivamente, até encher o «esqueleto», é já um gesto de séculos, mais subtil que o da própria renda.

— *As enchedeiras nem sempre são perfeitas. A filigrana é como a escrita, e há mulheres que têm a mão certa e outras não* — considerava um industrial que mobilizava o serviço caseiro de 30 filigraneiras.

Sem previdência social, sem sindicalização, trabalham em casa sujeitas às flutuações do mercado e à vida das empresas.

— *Há ocasiões em que isto falha. Por alturas do balanço* — confessou-nos uma outra

(Continua na 18.ª página)

E O FOGO • AS IDEIAS E A RUA • A ARTE E A MODA
VERDADEIRA VIDA E OS NOCTÂMBULOS DO SOL

les algãs, penteados «pantera ne-
cuperação, òbviamente...), lenços
decotes e colares ao gosto hippy,
o com o agressivo, irónico filme-
rodígio de montagem) de Agnès
ns Love», de uma sensualidade
, misto de reportagem crítica da
de «canulard» desmedido.
ro, «Les Poissons Rouges» — mais
, com o prémio da melhor criação
rancesa de 1970 —, a adaptação
aison en Enfer», do Rimbaud, por
oux, no «Théatre du Tertre», e o
ll», no «Théatre de Paris» (adap-
ean-Louis Curtis, trazendo o humor
Peter Luke para a cena francesa)
tos ao de cima da «saison». No
artes plásticas, os frescos da Re-
o Petit Palais, uma retrospectiva
de Salvador Dali na «Galérie
Petit», as colecções de realismo
do Museu de Viena, na sala da
o».
ussões do homem da rua, nos ca-
istrots», no «métro», nas paragens
crepitam em torno dos julgamen-
os e de Leninegrado, das atitudes
de Picasso e de Miró, das parall-
trabalho. É claro que o comer-
cês, burguesão, embora com pos-
de informação e reflexão bem su-
dos seus congéneres latino-me-
não pensa nem de longe como
al assalariado, o artista, o ope-
o estudante. É tão necessário,
zes se fazer o ponto sobre uma
órica, escutar ao acaso conversas
cinema, de bicha para o «self-
Exemplo: a palavra Manzanas an-
se todas as bocas, com trejeitos
há unanimidade. Fala-se também
gitação do soldado americano no
com indignação, no esmagamento
Kiri», acontecimento mais próximo.
acordância ou a repulsa do senhor
ou da oposição bem instalada tin-
ma certa reserva: houve um abuso

grave do poder, mas o Hara Kiri introduzira no jornalismo de combate uma linguagem «desbragada», ou «deselegante», ou «disparatada... enfim», a mesma linguagem afinal que Eldrige Cleaver, nessa fabulosa entrevista-filme-reportagem rodada em Argel por William Klein, contrapõe ao sermão político convencional e publicitário dos pseudo-republicanos ou pseudo-democratas norte-americanos, ressaltando a estreita conexão existente entre uma classe social e a sua linguagem, uma classe social, a sua linguagem.

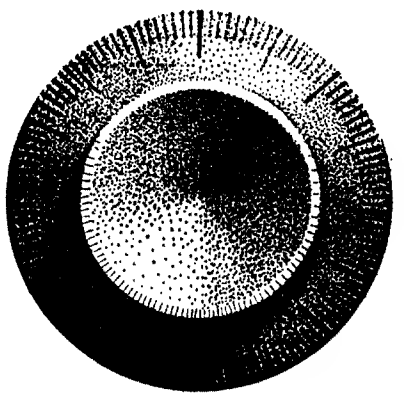
★

Os noctâmbulos do sol, achei-os mais uma vez nos cais do Sena. O baile de máscaras, cansado, lívido à luz do dia, com plantas artificiais, colares feitos de pregos, garrafas de vinho, de sangue ou de quê?, emborcadas de pé, entre seixos vegetais, sobre a seda dura do rio. Pés que calcam o espanto e a tristeza e calcam as gastas peles dos casacos sujos onde se enrolam, se namoram, se amam e dormem os marginais, os meninos-flores...

São os destroços da sociedade dos computadores, os demissionários da tecnologia fria, em estado de «rigor mortis» psíquico, como diz o Marshal Macluhan. São, de toda a maneira, um sinal de alarme.

Neles vinha ainda imaginando, no seu desafio passivo, na sua tribalização, na desintegração da individualidade que porventura prenunciam, ao sobrevoar o Golfo da Biscaia e depois as terras desnevadas de Castela, rumo a Lisboa, num Boeing da TAP, deliciosamente climatizado (que contraste!) sobre searas de nuvens de uma alvura de suspiro, de suspeita (nem poços de ar a esta altitude: 11 000 metros), a epopeia do ar já tornada em rotina, as crianças mais descontraídas ainda que os adultos (amanhã irão à Lua e a Marte, até às fontes da energia, às origens das origens da vida...

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Oferece um novo serviço



ALUGUER DE COFRES

RUA DO OURO

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

AVISO

CONSTRUÇÃO DE CASAS AO ABRIGO DA LEI N.º 2092 EM TERRENOS CAMARÁRIOS

LUÍS ROSADO FÉRIA THEOTÓNIO, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA:

FAZ SABER QUE: Conforme deliberação desta Câmara, ficaram abertas até ao fim do mês de Janeiro de 1971, as inscrições de beneficiários da Previdência, para ao abrigo da Lei n.º 2092, candidatarem-se à construção de habitação própria em terrenos camarários, na modalidade de propriedade horizontal.

As inscrições poderão ser efectuadas por escrito ou na Secretaria da Câmara Municipal em todos os dias úteis e nas horas normais de expediente.

Para uma melhor elucidação das pessoas interessadas, informa-se que os projectos e cadernos de encargos se encontram patentes na Secção de Arquitectura e Urbanismo da Câmara Municipal, sita na Rua Dr. Manuel Arriaga (antigo Registo Civil), onde os interessados poderão colher também outras informações de carácter técnico.

Chama-se, ainda, a atenção de todas as pessoas que se pretendem inscrever, para a conveniência de o fazerem o mais depressa possível, a fim de que as escrituras se possam efectuar imediatamente.

Vila Franca de Xira, 22 de Dezembro de 1970.

O PRESIDENTE DA CÂMARA,
LUÍS ROSADO FÉRIA THEOTÓNIO

PARA COMPRAR OU VENDER
AS SUAS JÓIAS
BARBOSA, ESTEVES & C.ª, LD.ª
293 — Rua da Prata — 295

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

A SURDEZ

A audição é recuperável com um aparelho auditivo adequado. Se não ouve bem consulte sem compromisso MICROSOM caso especializado.

LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º, E

PORTO: Praça da Batalha, 3

COBERTORES

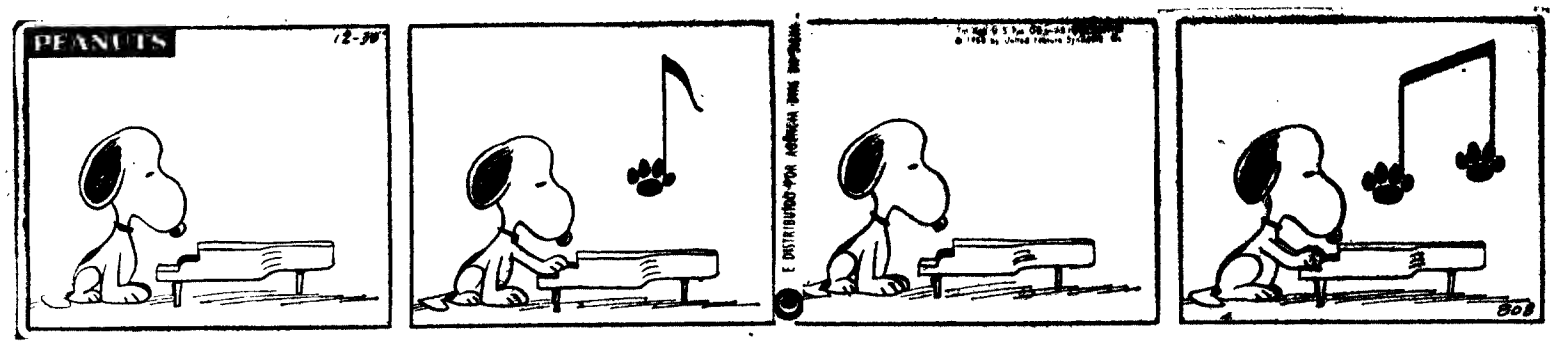
Acabamos de receber novas remessas de cobertores nacionais e estrangeiros, das melhores qualidades, a preços muito vantajosos. Chamamos a atenção em especial para os óptimos cobertores belgas e austríacos, feitos com a melhor lã australiana, extremamente quentes e levíssimos.

Lavores Femininos
Avenida Guerra Junqueiro, 3-D
LAVORES
RUA AUREA, 179

DACTILÓGRAFAS

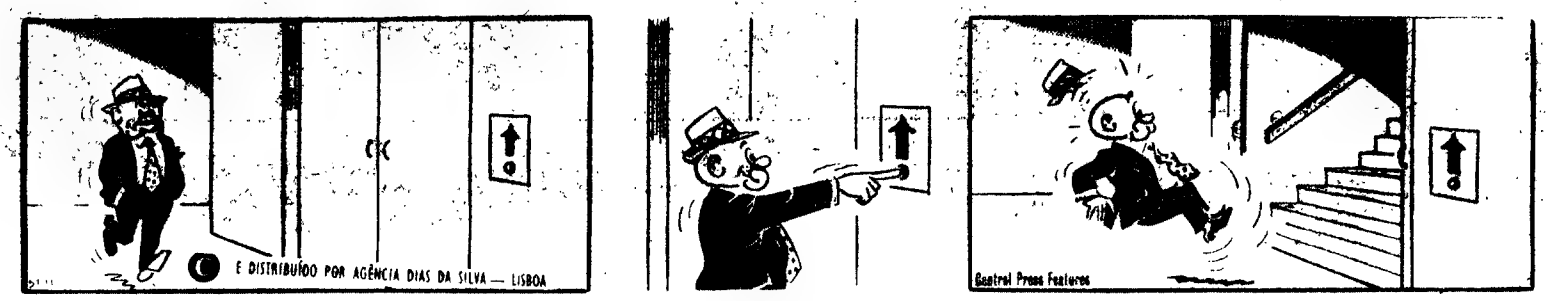
De preferência com prática em teclados de máquinas eléctricas.
Perfeito conhecimento de português.
Resposta a este jornal ao n.º 679.

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 7 de Janeiro de 1971 publicava:

«**As sugestões literárias vindas da Espanha, da Itália e da França — não escondem nem esmagam as nítidas revelações da alma colectiva, da emoção lusíada, que em tudo e por tudo, nos oferecem tantos dos nossos poetas e prosadores, de D. Diniz e Fernão Lopes a Gil Vicente e a Damião de Góis, de Camões a Garrett, a Herculano, a Antero, a João de Deus... Tarefa simples, que só uma dificuldade ameaça: — o inveterado costume de não lobrigar Portugal onde ele está e sempre esteve...**

«**Já se descobriu a escola portuguesa de pintura, e ninguém contesta a sua existência e os seus triunfos. Quando se descobrirá a escola portuguesa de literatura, fixando-lhe os traços marcantes, as tendências mais pronunciadas, e as feições inalteráveis e inalteradas no decurso dos séculos? Não consta que seja cedo demais para dar começo a tão nobre, necessária e salutar iniciativa.**» — JOÃO DE BARROS.

Artes plásticas

Telles da Silva no Palácio Foz

Foi esta tarde inaugurada numa das salas do Palácio Foz, uma exposição do artista Izquierdo Telles da Silva-

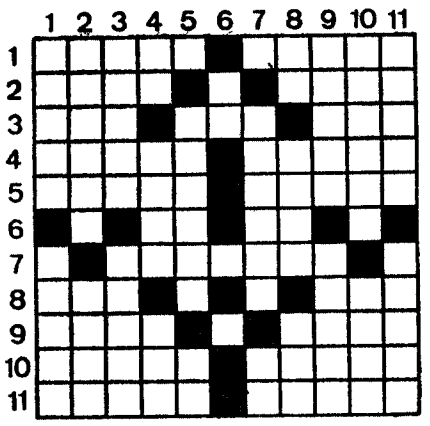
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5767

HORIZONTAIS: 1 — Apanhar. Ardor. 2 — Grande afeição. Mamífero desdentado espécie de tatu. 3 — Pátria. Preposição. Mulher chinesa da classe baixa. 4 — Arma curta um pouco maior do que o punhal. Talófita com clorofila que vive nas águas ou nos sítios humidos. (pl). 5 — Moer Torna a atar. 6 — Item. Novecentos em romano 7 — Filtrariam. 8 — Sala frequentemente á rua Patrão. 9 — Bunra. Freg. do concelho e distrito de Leiria. 10 — Pesquisas Resposta (Fig) 11 — Afie. Tratar por tu.

VERTICAIS: 1 — Ocultar. Modo. 2 — Queridos. Empregam. Cor vermelha, coralina. Centena. 4 — Atmosfera. Pássaro nocivo muito comum em Portugal Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. 5 — Papelão. Pronome reflexo. 6 — Boro (s. q). 7 — Nome de mulher. Basta! 8 — Batráquio. Emblema. Artigo (abrev). 9 — Diminui o brilho de. Sugou o leite materno. 10 — Peça de calçado destinada a cobrir o pé ou parte dele. Cidade da Arábia. 11 — Freguesia do concelho de Guimarães. Tartamento addo ás freiras.



Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5766

HORIZONTAIS: 1 — Camba Casca. 2 — Ardor. Alais. 3 — Le. Amara. Ra. 4 — Das. Ama. CCI. 5 — Arom. À Aros. 6 — Marcada. 7 — Alas. Ivan. 8 — Res. Cai. Oro. 9 — MÁ SORTE. Ps 10 — Aires Empos. 11 — Isaro. Maura

VERTICAIS: 1 — Calda. Armai. 2 — Arear. Leais. 3 — MD. Samos. Rã. 4 — BOA Mas Ser. 5 — Arma. Cosa. 6 — Amaciar. 7 — CARA. Item. 8 — Ala. Adi. Ema. 9 — Sa. Cravo. Pu 10 — Cirro Arpar. 11 — Asais. Nossa

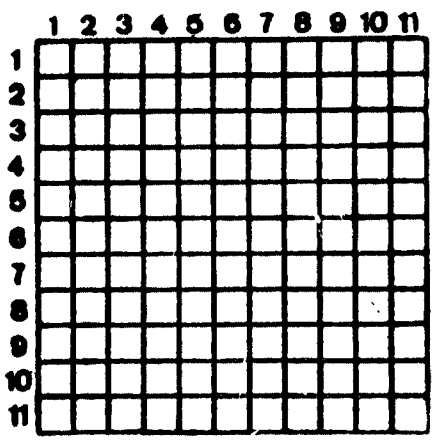
Provérbio: À MÁ SORTE BOA CARA.

(NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 9610

HORIZONTAIS: 1 — Antiga cidade da Macedónia 2 — Plantio de amieiros Troncos. 3 — Rio de França e da Alemanha Escovais. 4 — Cloro (s. q). Preposição. 5 — Duna na Suécia Uma das Espórades. Conjunção. 6 — Nome de fruto Orlas 7 — Rio de Portugal Ver. 8 — O mais. Falecido. Atmosfera. 9 — Cidade da Albânia Tolera. 10 — Cobiçosa. Nome de jogo. 11 — Sacerdotes budistas. Guarnecera de asas.

VERTICAIS: 1 — Casa de pasto ordinária Sincero. 2 — Meter em mala. Grupo. 3 — Senhor em inglês. Nota musical. Víscera dupla. 4 — Nome de mulher. O mesmo que amimada 5 — Ice. Casinholas. 6 — Compaixão. 7 — Princípio Investida. 8 — Pedaço de pão. Mulheres hipócritas. 9 — Cólera. Grande quantidade. Artigo indefinido. 10 — Quebrados. Lavrar. 11 — Queimes Carvão incandescente.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 9609

HORIZONTAIS: 1 — Capas Cádis 2 — Aros Cara. 3 — Nei. Eno. Sor. 4 — Ta Alisa. Sa. 5 — Odete. Secar. 6 — Ames Aras. 7 — P. Or. 8 — Aba. Ama. Ale. 9 — Ba. Amolo. Ir. Ítaca. Estar. 11 — Aoros. Maura

VERTICAIS: 1 — Canto Fábia 2 — Arcada Bato. 3 — Pai. Empa. Ar. 4 — SS. Ate. Aço. 5 — Eles. Amas. 6 — ANI. Imo. 7 — Osso. Além 8 — Ac. Aero. Osa. 9 — Dás. Cara. Tu 10 — Irosas. Liar. 11 — Sarar Berra

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

AVISO

CONSTRUÇÃO DE CASAS PARA FAMÍLIAS CUJOS CHEFES NÃO SEJAM BENEFICIÁRIOS DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA

LUÍS ROSADO FÉRIA THEOTÓNIO, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA:

FAZ SABER QUE: Conforme deliberação desta Câmara, ficam abertas durante todo o mês de Janeiro as inscrições a **Grupos de Chefes de Família, não** beneficiários das Caixas de Previdência, para se candidatarem á construção de habitação própria em terrenos camarários, na modalidade de propriedade horizontal.

As inscrições poderão ser efectuadas por escrito ou na Secretaria da Câmara Municipal em todos os dias úteis e nas horas normais de expediente.

Só serão consideradas as inscrições que reunam as seguintes condições:

a) Os chefes de família a residirem no concelho há mais de 2 anos, ou que aqui trabalhem há dois anos, embora com residência noutro concelho.
b) Tenham família legalmente constituída.
c) Não possuam casa de habitação própria no concelho.
d) Não tenham rendimento superior a 1 500$00 «per capita».

Para uma melhor elucidação das pessoas interessadas, informa-se que os projectos e cadernos de encargos se encontram patentes na Secção de Arquitectura e Urbanismo da Câmara Municipal, sita na Rua Dr. Manuel Arriaga (antigo Registo Civil), onde os interessados poderão colher, também, outras informações de carácter técnico.

Chama-se, ainda, a atenção das pessoas que se pretendem inscrever, para a conveniência de o fazerem o mais depressa possível, a fim de que as escrituras se possam efectuar imediatamente.

Vila Franca de Xira, 22 de Dezembro de 1970.

O PRESIDENTE DA CÂMARA,
LUÍS ROSADO FÉRIA THEOTÓNIO

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL

COMPAE69/DSM

Faz-se público que, na Secretaria da Comissão do Plano de Aquisições do Exército da Direcção do Serviço de Material, Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 180, 3.º, em Lisboa, se encontra(m) aberto(s) o(s) Concurso(s) Público(s) seguinte(s):

Concurso N.º	Assunto	Caução provisória	Entrega de propostas		Abertura de propostas	
			Data	Hora	Data	Hora
41/70 PAE 69	INGREDIENTES DE LIMPEZA PARA ARMAMENTO	3 % do valor da proposta	16 Fev 71	19 h.	17 Fev 71	15.30 h.

O(s) respectivo(s) Caderno(s) de Encargo(s) pode(m) ser consultado(s) todos os dias úteis, das 14 ás 18 horas, e aos sábados, das 10 ás 12 horas

As propostas devem ser entregues até á hora e dia acima marcados.

O PRESIDENTE DA COMPAE 69/DSM
LUÍS BORGES RAMOS
Ten. Cor. Eng.º do S. M.

NOVA DISCIPLINA DA TRANSACÇÃO DE ACÇÕES

(Continuação da 1.ª página)

cial relevo nessa hipótese as regras de lealdade e de correcção pelas quais os administradores ou fiscalizadores devem guiar-se ao realizar, ou deixar de realizar, negócios sobre acções de sociedade por eles administrada e de que são testemunho, em Inglaterra, as disposições do *Companies Act* de 1967, que na sequência do relatório elaborado por uma comissão de estudo, reforçou as já minuciosas cláusulas do *Companies Act* de 1918.

2 — Espera o Governo português que os mencionados problemas, em toda a sua complexidade, encontrem solução global na reforma da legislação relativa ás sociedades, que vem sendo estudada sob a égide do Ministério da Justiça. Todavia, tal como já se fez a propósito da responsabilidade civil dos administradores e da fiscalização das sociedades anónimas, nada impede que se tomem entretanto as providências parcelares impostas pelas circunstancias e que, além do mais, terão a vantagem de preparar a reforma completa.

3 — O presente diploma não adopta soluções do tipo das perfilhadas pelo código da *City* como processo para a regular efectivação de alterações do domínio de empresas pela transacção de lotes das respectivas acções-providências que vão da publicidade prévia das operações projectadas a uma fiscalização oficial da sua regularidade, senão mesmo da sua conveniência.

Salvo quanto a determinadas actividades que manifestam especiais características e reflexos na vida económica, confia-se por agora, tão-só aos órgos da própria sociedade, a vigilância dos inconvenientes que ás ditas operações possam apresentar para aquela e a defesa dos intereses dos accionistsa que elas deixam afastados nas vantagens e possìvelmente afectados por prejuízos. Ora, como a actuação desses órgãos sociais é fiscalizada pelos próprios accionistas, que dispõem de meios eficazes para efectivar a responsabilidade em que os respectivos membros porventura incorram, cabe afinal aos accionistas a defesa dos seus interesses, quer individuais, quer como participantes numa empresa colectiva.

Operações do género das encaradas neste diploma só muito excepcionalmente são instantâneas. Daí que a aplicação dele no tempo tome em conta essa circunstancia, determinando-se que abranja não só os contratos iniciados depois da sua entrada em vigor mas também aqueles que, iniciados num período de tempo relativamente próximo, não tenham ainda sido completamente executados nessa data.»

O condicionamento abrange as sociedades anónimas com capital obtido por subscrição pública ou superior a 100 mil contos

É o seguinte o articulado do decreto-lei:

Artigo 1.º — 1 — Nas sociedades anónimas cujo capital tenha sido total ou parcialmente constituído mediante subscrição publica, ou seja igual ou superior a 100 000$ os contratos de venda de lotes de acções por negociação particular, ou outros contratos que operem transferência de propriedade ou atribuição do direito de voto a pessoa diferente do proprietário, ficam sujeitos ao disposto no presente diploma desde que se verifique alguma das seguintes circunstancias:

a) o lote de acções ser igual ou superior a 5% do capital social e o vendedor ou transferente ser membro do conselho de administração ou do conselho fiscal;

b) o lote de acções ser igual ou superior a 5% do capital social e o adquirente ser entidade interessada em empresa concorrente;

c) o lote de acções ser bastante, por si ou juntamente com outras acções já pertencentes á mesma entidade, para atribuir a esta votos que excedam os correspondentes a 20% do capital social.

2. Para efeitos das alíneas *a*) e *b*) do número anterior, tomar-se-ão em conta os contratos celebrados entre as mesmas entidades num período de doze meses; em todos os casos, atender-se-á ás partes reais desses contratos, sendo irrelevante a interposição de pessoas.

3. Para os efeitos da alínea *c*) do número 1, atender-se-á, igualmente, á titularidade real das acções.

Consentimento do Conselho de adminisetração (com prévio parecer do conselho fiscal)

Art.º 2.º — 1. Os projectos de contratos ou os contratos abrangidos pelo número 1 do artigo anterior devem ser comunicados, por qualquer das partes, ao conselho de administração da sociedade com pedido de consentimento.

2. O conselho de administração submeterá o pedido a parecer do conselho fiscal.

Art.º 3.º — 1. A validade ou a eficácia dos contratos referidos no número 1 do artigo 1.º depende do consentimento expresso da sociedade, dado por maioria de dois terços dos votos do numero de membros estabelecido para a composição do conselho de administração, sob parecer favorável do conselho fiscal.

2. A falta do consentimento expresso, nas condições do número anterior, nos trinta dias seguintes á recepção do pedido, equivale á recusa.

3 Quando haja administrador ou membro do conselho fiscal interessado, este não poderá participar na resolução sobre o pedido de consentimento ou no respectivo parecer

A transacção de lotes de acções será recusada quando altere o funciomento da concorrência entre empresas

Art.º 4.º — 1. O consentimento deverá, especialmente, ser recusado sempre que:

a) No caso da alína a) do numero 1 do artigo 1.º, o administrador ou o membro do conselho fiscal interessado obtenha por esse contrato um preço ou uma contrapartida que exceda em mais de 10 % o preço médio de realização na Bolsa nos três meses anteriores ao contrato;

b) No caso da alínea b) do numero 1 do artigo 1.º, seja razoávelmente previsível que a aquisição provocará alteração no funcionamento normal da concorrência entre empresas;

c) No caso da alínea c) do numero 1 do artigo 1.º, seja razoávelmente previsível que a aquisição permitirá a uma entidade ou grupo o domínio efectivo da sociedade;

d) Forem recusadas ou falsamente prestadas as informações pedidas pelo conselho de administração a qualquer das partes para se certificar de circunstancias relevantes para a aplicação deste diploma.

2. Nos relatórios exigidos pelo artigo 189.º do Código Comercial e pelo artigo 30.º do Decreto-Lei n.º 49'387, de 15 de Novembro de 1969, serão transcritos os pareceres e resoluções referidos no artigo anterior.

Art.º 5.º. Sendo divergentes o parecer do conselho fiscal e a resolução do conselho de administração, o consentimento considera-se recusado, mas o accionista interessado poderá requerer, no prazo de vinte dias, a convocação da assembleia geral, que deliberará em definitivo sobre o consentimento, não podendo votar, directamente ou por interposta pessoa, nem o requerente nem a outra parte do contrato a apreciar.

Art.º 6.º — 1. Recusado afinal o consentimento exigido por este diploma, são nulos os contratos celebrados depois e definitivamente ineficazes, tanto em relação ás partes como a terceiros, incluindo a sociedade, os celebrados antes.

2. A sanção cominada pelo número anterior abrange apenas a parte que exceda os limites fixados nas três alíneas do número 1 do artigo 1.º, salvo se o contrário resultar da vontade efectiva dos contratantes ou do princípio consignado no artigo 292.º, do Código Civil, quanto á redução dos negócios jurídicos.

Normas especiais para as sociedades que explorem o comércio bancário ou a indústria de seguros

Art. 7.º — 1. A prestação e a recusa de consentimento pelos órgãos sociais de sociedades que explorem o comércio bancário ou a indústria de seguros necessitam de confirmação do Ministro das Finanças, a qual se considera dada se não for expressamente recusada nos trinta dias seguintes á comunicação referida no número 2 deste artigo.

2. A resolução expressa ou tácita do conselho de administração e o parecer do conselho fiscal devem ser comunicados por qualquer dos administradores á Inspecção Geral de Crédito e Seguros, nos oito dias seguintes á data em que aquela resolução tenha sido ou deva considerar-se tomada.

3. Em relação ás sociedades de que trata este artigo, não haverá o recurso á assembleia geral previsto no artigo 5.º

4. O despacho que não confirme o consentimento ou a recusa de consentimento deverá ser fundamentado, quer a falta de observância de disposições deste diploma, quer em circunstâncias relevantes de interesse económico ou geral ou do respectivo sector.

5. Relativamente aos projectos de contratos ou contratos em causa, o despacho que negue a confirmação das resoluções substitui estas, sem prejuízo dos meios legais de efectivação de responsabilidade dos membros dos órgãos sociais.

6. A falta das comunicações ordenadas por este artigo sujeita cada um dos administradores á pena de multa, entre 10 000$ e 100 000$.

7 — Os ministros da Justiça e das Finanças podem, em portaria, mandar aplicar o disposto nos numeros anteriores a outras sociedades, abrangidas pelo artigo 1.º deste diploma e que explorem industria ou comércio considerados de interesse nacional.

Art.º 8.º — 1 — O presente decreto-lei entra imediatamente m vigor.

2 — Os contratos celebrados nos doze meses anteriores á entrada em vigor deste diploma e que, na mesma data, ainda não hajam sido totalmente executados por ambas as partes ficam sujeitos ás disposições antecedentes; o consentimento nelas previsto deve ser pedido nos quinze dias seguintes á sua entrada em vigor, tendo a falta de pedido dentro desse prazo os efeitos da recusa do consentimento.»

Necrologia

FALECIMENTOS

António Dias Tavares

PORTO, 7 — Na sua residência, na Rua Alexandre Herculano 144, faleceu o sr. António Dias Tavares, de 83 anos, viuvo, proprietário.

O funeral sai amanhã, para o cemitério do Prado do Repouso

FUNERAIS

Jorge Barbosa

Para o cemitério do Monte de Caparica, efectuou-se esta tarde o funeral do escritor cabo-verdiano Jorge Barbosa, ontem falecido, como dissemos, na sua casa da Rua Projectada á Rua D. Dinis, 66 6, na Cova da Piedade. Viera de Cabo Verde para se tratar.

Jorge Barbosa era um intelectual muito conhecido de quantos se ocupavam de Cabo Verde, onde nasceu e onde viveu quase toda a sua vida. Natural da Ilha de Santiago, nascera em 1902, sendo durante muitos anos funcionário da alfândega da Ilha do Sal.

SUFRAGIOS

Arcipreste José Luís Antunes

Amanhã, ás 11 horas, na Capela de Marvila, em Lisboa, e, no dia 11, na igreja de Ruvina, ás 16, serão celebradas cerimónias fúnebres comemorativas do 30.º dia do falecimento, em Ruvina (Sabugal) do rev. José Luís Antunes, arcipreste de Alfaiates.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4%	—	—	500$
Consolidado 3%	—	—	502$
Consolidado 3 1/2%	—	—	612$
Centenários 4%	—	—	1.400$
Obrigs Tesouro 5%	—	—	1.000$
Externo 1.ª Série	—	—	—
Externo 1.ª Série c.	—	—	—
Externo 3.ª Série	—	700$	—
Externo 3.ª Série c.	—	—	800$
Cautelas 3.ª Série	—	140$	—
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A P T 5% 56	—	860$	—
A P T 5% 58	—	860$	—
C P 4 1/2% 65	805$	—	—
C P 5 1/2% 67	—	920$	950$
C U F 6%	905$	900$	—
C U F 6% 68	905$	900$	920$
Gás Elect 4% 48	—	842$	—
Gas Elect 4 1/2% 51	—	—	—
Gás Elect 5% 52	—	—	—
Gás Elect 5% 58	—	—	—
Gás Elect 5% 59	—	—	780$
Gás Elect 5% 62	—	935$	—
Gas Elect 5% 63	—	920$	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	—	—	—
H E A Alentejo 5%	—	750$	—
H E Cávado 5%	—	—	—
H E Cávado 6%	—	—	900$
H E Douro 5%	710$	700$	—
H E Douro 6%	900$	895$	900$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	—	900$
H E Zêzere 5% 55	—	760$	—
H E Zêzere 5% 57	—	760$	—
Lisnave 6%	900$	—	900$
Metropolitano 4%	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%	—	905$	—
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Elect 5%	—	—	760$
Nitratos 5%	—	—	770$
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	850$	—
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	910$	—
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	750$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	740$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	740$	—
Sonete 5%	—	—	825$
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	700$	—
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	—	—
U E P 1/2%	—	—	85$
U E P 5%	—	69$5	77$
U E P 5% 60	—	690$	710$
U E P 5% 63	—	830$	—

Ultramarinos	Efec	Compra	Venda
Ag S Tomé e Principe	—	200$	—
Boror	—	125$	150$
Buz	—	72$	75$
Cabinda	200$	199$	202$
Diamantes Angola	2.300$	2.290$	2.330$
H E Revué	660$	655$	665$
Ilha do Principe	—	—	—
Moçambique	185$	184$	185$
Sonete n	—	412$	430$
Sonete p	—	425$	430$
Zambézia	—	75$	77$
Diversos			
Cdlio	6.850$	6.800$	6.900$
Cim Leiria	—	4.200$	—
Cim Tejo	—	7.500$	7.700$
Col Navegação	1.670$	1.660$	1.700$
C U F	1.590$	1.590$	1.600$
Inc Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	3.910$	4.000$
Petroquímica	—	1.500$	1.600$
Port e Colónias	—	—	—
Port Celulose	4.020$	4.020$	—
Port Pesca	—	—	—
Port Tabacos	—	693$	700$
Sacor	—	3.950$	4.000$
Siderurgia Nac	—	2.630$	2.700$
Soce	—	3.310$	3.350$
Tabacos de Portugal	—	—	1.600$
Tabaqueira	6.750$	6.700$	6.750$
U F Azota	—	760$	790$
Agua Elect e Gás			
Aguas Lisboa p	—	390$	—
Aguas Lisboa 34	—	400$	—
Aguas Lisboa 36	—	390$	—
C P Electricidade	1.190$	1.800$	—
C P Electricidade nom	—	1.172$	1.180$
C P Electricidade 969	—	—	—
Eléct Beiras	1.660$	1.650$	1.670$
Gás Electr	445$	454$5	456$5
H E Alto Alentejo	182$	182$	183$
H E Norte Portugal	—	240$	250$
H E S Estrela	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U E p	206$	206$	207$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	200$5	206$5
F I D E S	—	123$1	126$8

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS
Rua do Ouro, 52-54 — Lisboa — Tel. 366066/7
Teleg: ALMEIRO — Telex: 471, ALAPI P

ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.690$	2.690$	2.700$
Alentejo	1.185$	1.182$	1.185$
Angola	3.820$	3.800$	3.850$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	—	4.100$	5.000$
E Santo	24.900$	24.750$	25.000$
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S p.	—	—	—
Fomento	—	—	2.500$
L & Açores p	—	—	—
L & Açores n	—	—	—
P Atlântico p	6.800$	6.600$	6.800$
Portugal n	—	3.050$	3.100$
Portugal p	—	4.100$	—
Totta Aliança	5.700$	5.600$	5.800$
Ultramarino n.	3.850$	3.850$	3.900$
Ultramarino p	4.220$	4.220$	4.240$
Seguros			
Alentejo	—	149$5	150$
Douro	—	1.500$	—
Mundial	1.120$	1.115$	1.120$
Sagres	—	1.800$	2.000$
Tranquilidade	—	90.000$	—
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	785$	785$	790$
Ag Cassequel	—	—	630$
Ag Incomati	—	—	2.000$
Ag Neves	—	—	430$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	31/12/70	6/1/71	7/1/71
GERAL	151,5	153,2	153,7
METROPOL.	146,4	148,3	148,6
ULTRAM.	188,8	189,0	190,9

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	35$50	38$00
Alemanha — Marco	7$70	8$00
América:		
—Dollars de 1 e 2	28$00	28$50
— » de 5 a 20	28$40	28$80
— » de 50 a 000	28$50	28$90
Argentina — Peso Novo	5$50	7$00
Austria — Schilling	1$10	1$16
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	5$80
Canadá — Dólar	27$70	28$20
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$10
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirham	5$00	5$60
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$58	6$78
Ouro		
Inglaterra—Libra Isabel	290$00	310$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	35$50	37$50

J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 Tel. 231273

NIXON REVÊ A SUA POLÍTICA ECONÓMICA

WASHINGTON, 7 — (R.) — O presidente Nixon parece ter abandonado a tradicional política económica do seu Partido Republicano e numa conversa com um repórter da televisão declarou seguir actualmente a orientação keynesiana.

Esta revelação foi feita ontem á noite por Hoqurd Smith, da American Broadcasting Company, um dos quatro repórteres de televisão que entrevistaram o presidente na segunda-feira.

Até agora, Nixon tem tentado seguir a habitual política económica do Partido Republicano que consiste em travar as despesas públicas para tentar reduzir a inflação. Porém, durante a entrevista, o presidente disse que para tentar resolver os problemas do país seguirá de futuro uma política económica expansionista mesmo á custa de um «deficit» financeiro, tal como propôs o famoso economista britânico John Keynes.

Keynes, falecido em 1946, advogava grandes despesas públicas como forma de impedir o desemprego e a inflação.

Conversando com os jornalistas após a entrevista transmitida pela televisão, Nixon admitiu ser actualmente partidário da teoria económica keynesiana. Outras fontes confirmam ter o presidente feito esta declaração.

Smith comentou que o presidente, ao adoptar a teoria de Keynes, é como um cristão que dissesse: «Bem vistas as coisas, Mohamed é que tinha razão».

A questão que se põe agora é: se o presidente adoptou de facto essa doutrina, se estará ele preparado para um vasto programa de despesas públicas tal como o que assinalou, na década de 30, o «New Deal» do presidente Roosevelt?

Smith fez votos para que o presidente Nixon consiga obter a quantidade certa.

TRANSFORMAMOS DINHEIRO EM PROGRESSO!

FACULTAMOS

Crédito a médio ou longo prazo para:

* Investimento.
* Produção.
* Venda a prazo de bens de equipamento.
* Exportação.

COLABORAMOS

com as actividades económicas nacionais na realização de:

* Estudos económicos sobre oportunidades de investimento

e

* Contactos com empresas nacionais e estrangeiras para a concretização de iniciativas de interesse mútuo

REMUNERAMOS

Depósitos de prazo superior a um ano, à taxa de 5,5% com:

* Isenção total de impostos.
* Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.
* Segurança total.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

METRÓPOLE

SEDE: LISBOA, Delegações: PORTO, COIMBRA, BRAGA, SANTARÉM, ÉVORA, VISEU, AVEIRO.

ULTRAMAR:

Direcções Gerais: LUANDA, LOURENÇO-MARQUES

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

Auxílio americano ao Camboja

SAN CLEMENTE (Califórnia), 7. — (A. N. I. e R.) — O presidente Nixon assinou ontem a lei que autoriza a concessão de 550 milhões de dólares (15,6 milhões de contos) para o programa de auxílio militar e económico aos aliados norte-americanos no Médio Oriente e no Sueste Asiático.

Esta medida, que está de acordo com as diligências de Nixon para a redução dos compromissos militares norte-americanos no estrangeiro, determina que quase metade daquela verba seja para o Camboja. Assim, 155 milhões de dólares destina-se ao novo programa económico e militar do país e cem milhões para outros fundos de auxílio.

A lei, especialmente a verba de 155 milhões de dólares para o Camboja, provocou acalorado debate nos últimos dias do Congresso e não foi aprovada senão depois de restrições a ela serem apensas para bloquear o envio de forças de combate terrestre americanas para o Camboja.

A lei destina 150 milhões de dólares para a assistência militar á Coreia do Sul, trinta milhões á Jordânia, treze milhões á Indonésia, cinco milhões ao Líbano, setenta e cico milhões ao Vietnam do Sul e dezassete milhões para compensar as faltas nos programas dos anos anteriores.

A proposta apresentada pelo presidente ao Congresso incluia também um crédito militar de quinhentos milhões de dólares a Israel, mas a proposta foi separada e incluída numa acta da defesa.

«Os fundos concedidos por esta lei representam um grande apoio dos Estados Unidos aos nossos amigos e aliados que assumem uma responsabilidade cada vez maior na construção do mundo pacífico e estável que pretendemos para a década de 70» — afirma Nixon na declaração que acompanha a lei.

Actualidade internacional

ADMITE-SE EM WASHINGTON

O CESSAR-FOGO NO MÉDIO ORIENTE PODERÁ SER PROLONGADO

WASHINGTON, 7 — (R.) — O cessar-fogo no Médio Oriente poderá ser prolongado além de 5 de Fevereiro se os contactos israelo-árabes, sob os auspícios das Nações Unidas, resultarem num diálogo sério, segundo afirmaram a noite passada fontes bem informadas.

Disseram ainda que se julgava que o Egipto está pronto a chegar a uma solução por consideràvelmente menos do que as suas condições publicamente manifestadas para prolongar o cessar-fogo.

O presidente Anwar Sadat tem afirmado repetidas vezes que não haveria qualquer prolongamento da trégua a não ser que as conversações de paz no Médio Oriente, que recomeçaram recentemente, façam um progresso sério no sentido de uma solução, a qual devia incluir um calendário para a retirada israelita de territórios árabes.

A opinião em Washington é a de que o cessar-fogo se manterá se os contactos árabe-israelitas, sob os auspícios da O.N.U., se transformarem num diálogo sério e progridam um pouco quanto a questões substanciais.

Ao darem esta previsão cautelosa das perspectivas de se evitar novo recrudescimento das hostilidades, as referidas fontes acentuaram o grande abismo que existe quanto ás atitudes das partes interessadas e a incerteza acerca do procedimento da União Soviética do Médio Oriente.

GUNNAR JERRING SEGUE HOJE PARA JERUSALÉM

NAÇÕES UNIDAS, 7 — (R.) — O enviado especial da O.N.U., Gunnar Jerring segue hoje de avião para Jerusalém a fim de ali realizar conversações urgentes destinadas a permitir que as negociações de paz sobre o Médio Oriente ultrapassem as dificuldades iniciais e prossigam em pleno rendimento.

MANOBRA DILATÓRIA

Não está previsto que Jarring visite igualmente o Cairo e Amã antes de regressar de Jerusalém a Nova York.

Tanto o Egipto como a Jordânia preferem que as negociações se efectuem na O. N. U., entre os embaixadores ali acreditados e o medianeiro.

O embaixador egípcio El Zayyat sublinhou isso ontem ao declarar aos jornalistas: «Eu sou o Cairo.» — «e rendo com isso dizer que tinha plenos poderes para negociar em nome do seu Governo.

El Zayyat disse ainda que a proposta israelita para Jarring se deslocar a Jerusalém «é apenas uma táctica dilatória para ganhar tempo.»

REUNIÃO CIMEIRA NO CAIRO

CAIRO, 7 — (R.) — O Egipto, o Sudão, a Líbia e a Síria, que, em Novembro, anunciaram planos para uma federação de quatro nações, realizarão no dia 20, nesta capital, a sua primeira reunião cimeira — anuncia hoje o autorizado jornal «Al Ahram».

A conferência ao mais alto nível fora originàlmente marcada para Assuão em 15 de Janeiro, a data das cerimónias assinalando a conclusão da barragem e o dia em que passa, também, o 53.º aniversário natalício do falecido presidente Nasser.

MULHER ESMAGADA PELO PRÓPRIO PESO

PACIFIC GROVE (Califórnia), 7 — (A. N. I.) — Uma mulher, que pesava 262 quilos, morreu esmagada pelo seu próprio peso quando os bombeiros tentavam alargar quatro portas da sua casa, para a transportarem para o camião que a aguardava na rua, a fim de a levar ao hospital.

O dr. John Lord declarou que Gladis Hardman, de 52 anos, que há anos dormia sentada numa cadeira, para evitar que a gordura lhe oprimisse o peito, adoeceu recentemente com gripe e teve de se deitar.

«Isto não foi bom para ela e toda aquela gordura esmagou-a até á morte» — acrescentou o médico.

Oito homens colocaram Gladis Hardman numa maca especial, enquanto outros, com serras eléctricas alargavam as portas da casa, para ela poder passar, mas a doente não resistiu e morreu antes de chegar ao camião que devia transportá-la ao hospital.

Foram encontradas drogas na casa de Sonny Liston

LAS VEGAS, 7 — (R.) — Foram encontradas no corpo de Sonny Liston picadas semelhantes ás de uma agulha hipodérmica, mas as pessoas que conheciam bem o antigo campeão rejeitaram ràpidamente a ideia de que o pugilista fosse um viciado com estupefacientes.

A possibilidade de se tratar de narcóticos foi levantada pelo xerife do condado de Clark ao comunicar ontem que tinham sido encontradas pequenissimas quantidades de heroína e marijuana em casa de Liston, pouco depois da mulher ter descoberto o corpo, na terça-feira á noite.

Mais tarde, e depois da autópsia, o chefe dos inspectores da Polícia revelou que Liston tinha marcas de picadas no braço. Contudo, os patologistas declararam que a heroína introduzida no corpo transforma-se em insulina e, como Liston parece ter morrido há uma semana, não será possível determinar com rigor se morreu em consequência de uma dose excessiva de drogas. Por outro lado, a Polícia afirma que não há indícios de morte violenta nem quaisquer outras indicações que possam sugerir a causa da morte.

Liston, que dizia ter 38 anos, devia andar pelos 46 e esteve vários dias internado no hospital a seguir a um recente desastre de automóvel. Depois disso esteve noutro hospital, onde foi submetido a operações plásticas, mas nunca desistiu de regressar ao «ring» e dizia-se estar em negociações para lutar com o inglês Henry Cooper e com o espanhol José Urtain.

O FRIO NA ÍNDIA: 120 MORTOS

NOVA DELHI, 7 — (ANI) — A onda de frio que se abateu sobre a Índia oriental e setentrional foi causa da morte de 120 pessoas — anunciou a Rádio oficial indiana, a noite passada.

Noventa e oito pessoas morreram no Estado de Bihar, 16 no de Uttar Pradesh, e seis em Bengala Ocidental.

O PRÉMIO NADAL FOI ATRIBUÍDO AO ESCRITOR FERNANDEZ SANTOS

BARCELONA, 7 — (F. P.) — O escritor espanhol Jesus Fernandez-Santos recebeu ontem á noite o Prémio Nadal de Literatura (o Goncourt espanhol) pela sua obra «Livro da recordação das coisas». O juri, reunido num elegante hotel da capital catalã, teve que escolher entre 112 obras para atribuir este prémio, de 200 000 pesetas. Entre as obras apresentadas, 26 pertencem a escritores de diversos países hispano-americanos.

Madrileno, de 44 anos, Jesus Fernandez-Santos é autor de vários romances apreciados, designadamente «Os bravos», «Cabeça rapada», «Fogueira», Prémio Gabriel Miro, em 1957, e «O homem dos santos», que, em 1969, obteve grande êxito.

Fernandez-Santos, que é diplomado pela escola oficial de cinema, realizou várias películas, nomeadamente «Espanha 1800» longo documentário sobre o pintor Francisco de Goya.

NATAL EM JANEIRO

MOSCOVO 7 — (R.) — Centenas de cristãos soviéticos encheram a noite passada a catedral de Yelokhovsky iluminada a a velas, para assistirem á missa tradicional da véspera do Natal da Igreja Ortodoxa Russa.

Os fiéis que se reuniram na catedral, em Moscovo, compreendiam principalmente pessoas de meia idade e velhos, mas muitos jovens escutaram também, o metropolita Pimen, patriarca adjunto pedir aos crentes na sua mensagem de Natal não só para rezarem pela paz, mas para lutarem activamente por ela em todo o Mundo.

Os festejos na União Soviética, assinalando o nascimento de Jesus Cristo, registam-se após o Natal das Igrejas ocidentais devido ao facto da Igreja Ortodoxa Russa manter o antigo Calendário Juliano, abolido oficialmente pela Revolução Bolchevista de 1917.

A liberdade religiosa é garantida nos termos da Constituição soviética, embora o Estado seja oficialmente ateísta.

FUTEBOL

JOGO VITÓRIA DE SETÚBAL-SPORTING (A realizar em 10 de Janeiro de 1971)

A Empresa de Camionagem «BELOS» assegura o transporte nas s/ carreiras, entre CACILHAS-SETÚBAL, com partidas de 15 em 15 minutos, destas duas localidades.

Também está assegurado o transporte com partidas de LISBOA (Alcântara-C. C. N.), ás 7.30; 7.50; 8.30; 8.45 e 13 horas.

Há igualmente, uma partida de LISBOA, da Av. 5 de Outubro, 54-C, ás 8.00 horas.

COMISMAR

PERITAGENS

INDUSTRIAL
CIVIL
INCÊNDIOS
CONSTRUÇÃO NAVAL
CONSTRUÇÕES METALOMECÂNICAS

R. do Arsenal 148, 4.º, dt.º
Telefones 32 85 11 / 36 88 96

E VOCÊ COMO PENSA?

PARA TRÁS E PROFUNDAMENTE?

Pois... dedique-se à História, por exemplo.

Ou, pelo contrário,

Orienta o seu pensamento para a frente (para o lado do progresso)?

Então, ponha o seu entusiasmo na profissão do futuro - SEJA MECANÓGRAFA !...

Contacte connosco, URGENTEMENTE!

Gabimac

GABINETE DE ESTUDOS E APLICAÇÕES MECANOGRÁFICAS, S.A.R.L.
ESTRADA DE BENFICA, 95 - 1º LISBOA 4 - TELEF. 76 19 68

Esta noite há desporto

HÓQUEI EM PATINS — Torneio de Qualificação para o Campeonato Metropolitano da I Divisão: Parede-C. U F., Oeiras-Paço de Arcos e Algés-çCascais, a partir das 20 e 15, no Pavilhão da Juventude Salesiana.

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa de Juniores (final): Sporting-C D. U. L., ás 22 e 15, no Pavilhão da Ajuda.

— Campeonato de Lisboa da II Divisão: Maria Pia-Oeiras, ás 20; Pedrouços-Queluz, ás 21 e 15; e Liberdade-Sporting de Torres, ás 22 e 30, no Pavilhão da Ajuda; e Educação Física-Sacavenense, ás 22, em Torres Vedras.

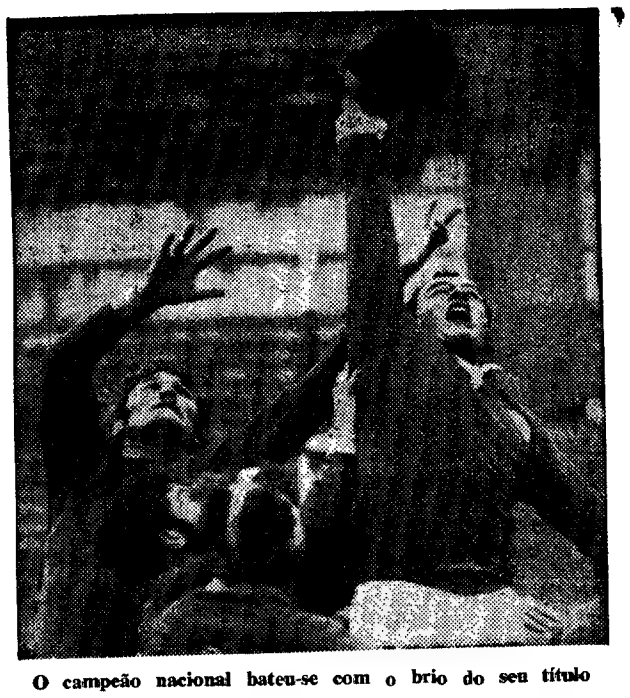
— Campeonato de Lisboa de Juvenis (final): Algés-Sporting, ás 21, no Pavilhão da Ajuda.

TÉNIS DE MESA — Reunião de delegados da Associação de Lisboa, para apreciar o regulamento de transferências de jogadores, ás 21 e 30.

VOLEIBOL — Torneio Aberto de Seniores: Benfica-Lisboa Ginásio, ás 21 e 30, no Liceu D. Pedro V.

XADREZ — Campeonato Nacional de 1.ª categoria, no Grémio Literário de Lisboa, a partir das 20.

BADMINTON — Campeonato de Lisboa de Juniores (finais) e primeira jornada do Campeonato de Lisboa de 2.ª categoria, ás 21, no Liceu Pedro Nunes.



O campeão nacional bateu-se com o brio do seu título

PROVAS DE ESQUI NA SERRA DA ESTRELA

Na pista das Penhas da Saude (Serra da Estrela) efectuaram-se diversas provas de esqui que forneceram os seguintes resultados:

2.ª categoria (homens) — 1.º, Joaquim Fortunato, 36 s. 1/10; 2.º, João Inácio da Conceição, 42 s. 3/10; 3.º, Domingos Matos Silva, 43 s. 4/10 e 4.º, António Andrade e Silva, 58 s. 4/10.

3.ª categoria (homens) — 1.º, Paulo Pimentel — 41 1/10; 2.º, Miguel Carmo e Sousa, 45 s. 1/10; 3.º, João Paulo Vaz, 51 s.; 4.º, João Antunes Andrade, 52 s. 2/10 e 5.º, Gonçalves Firmo, 56 s. 1/10.

2.ª categoria (senhoras) — 1.º, Marina Duarte Ferreira, 41 s.; 2.ª, Carmo Andrade e Silva, 48 s. e 3.ª, Isabel Alçada, 53 s. 3/10.

3.ª categoria (senhoras) — 1.ª, Leonor de Matos Ferreira, 46 s. 1/10; 2.ª, Maria Carlos Fortunato, 55 s. 1/10.

Infantis — 1.º, Carlos Fortunato, 56 s.; 2.º, Alexandre Firmo, 58 s. 3/10 e 3.º, Manuel Firmo, 1 m. 36 s. 5/10.

Campo de jogos do Sangalhos

Foi concedida, á direcção do Sangalhos Desporto Clube, para a obra de construção do campo de jogos daquela colectividade, em Sangalhos, a comparticipação oficial de 300 contos. A obra deve concluir-se até 31 de Dezembro do ano corrente.

RAGUEBI — Estudantes de Joanesburgo bateram o Benfica

Sob a direcção de Luís Feist, defrontaram-se os *quinzes* de raguebi da Witwatersrand University e do Benfica (campeãi nacional de seniores).

O encontro dos sul-africanos era para ser realizado contra a selecção nacional, mas como os jogadores da equipa portuguesa se recusaram a Federação pediu ao Benfica para defrontar os «estudantes».

Os «encarnados» acederam e obtiveram o melhor resultado feito por equipas portuguesas contra sul-africanas.

A Selecção A perdeu por 66-0, a de «Esperanças» por 57-0, e o Benfica foi vencido por 32-3. Sofreu, portanto, menos 34 pontos que a Selecção A e menos 25 que a de «Esperanças»

Os raguebistas do Benfica bateram-se com muito brio, tapando com um manto de vontade, decisão e combatividade o fundo fosso técnico que os separa dos raguebistas da África do Sul.

A primeira parte terminou com o marcador em 9-0, graças a três «ensaios» clássicos, com jogadas pela linha de três-quartos finalizadas, a primeira pelo segundo-centro Grace e a segunda pelo ponta Foreman.

A frescura física dos benfiquistas permitiu-lhes aguentar a velocidade de movimentos e de execução dos sul-africanos, em cujo «quinze» Bayvel, Grace e Foreman eram uns «diabos á solta». O Benfica, defendendo valentemente, conseguiu aguentar o marcador.

No segundo tempo, os portugueses substituiram Minhoto por Cartuxo e Domingos Borges por Fernando Augusto. Em breve, porém, Domingos Borges voltou ao terreno pois Cartuxo não estava em condições de jogar.

Os ataques constantes dos estudantes da «Witts» empurraram o Benfica para o seu meio-campo. A defesa «encarnada» já denotava sinais de cansaço e, sucessivamente, Foreman, com a transformação conseguida por Miller, pôs o resultado em 14-0. Grace ampliou-o com um «ensaio» não transformado. Depois, foi Van Vught que, a passe de Grace, passou o marcador para 22-0, graças á transformação de Bayvel. Finalmente, num dos escassos contra-ataques que fazia, o Benfica entrou nos 22 metros dos sul-africanos e houve falta. Domingos Borges transformou o pontapé de penalidade nos três unicos pontos de uma equipa portuguesa contra sul-africanos.

A meia-hora, Foreman voltou a marcar, junto aos postes, e Bayvel «transformou», ficando o marcador em 27-3. Já nos ultimos minutos o «segunda linha» Turner, apossou-se da bola rompeu, como um «bulldozer», por entre a cansada defesa dos campeões nacionais e marcou um «ensaio» no meio dos postes. Bayvel transformou, fixando o resultado final em 37-3.

Alinharam e marcaram:

Benfica — Ramos Pinto; Mário Silva, Indalécio, Domingos Borges (3) depois F. Augusto e Mesquita; Minhoto (Cartuxo) e Nobre; Correia, Trindade e Gaspar Ramos; Neto e Silvestre; João Carlos, José Augusto e Clemente.

Witwatersrand University— Heoburgge; Foreman (9), Grace (6), Botes e Van Vught (6); Atwood Gunther e Bayvel (6); Miller (2) Bell e King; Carty e Turner (3); Dittburner, Remich e Van Schalkwagle.

Depois do encontro os jogadores foram visitar a secretaria e a sala das taças do Benfica.

P. A.

Agora que estamos no inverno pense num desumidificador para ele absorver toda a humidade

Acaba com o dispendioso prejuízo da humidade... Protege a mobília, paredes e outros valores contra a humidade destrutiva, a ferrugem e os bolores. Conserva o lar, o escritório e as áreas de trabalho ou armazenamento o mais seco possível.

O seu estilo, aliado ao seu rico e perfeito acabamento, fazem do desumificador AIRKING, uma peça de decoração que fica bem em qualquer ambiente.

Air King

Representantes:
FRIAL - Instalações Frigoríficas e Artigos Domésticos, Lda.
Avenida do Brasil, 40 — Lisboa

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS

Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º ALGÉS
Telefone 21 49 10

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

ABERTURA DE NOVOS CURSOS
16 DE JANEIRO

Das 10 às 12 horas e das 17 às 22 horas excepto sábados

hippopótamo

«BOITE» — AMBIENTE SELECCIONADO — M/ 17
QUINTETO CORREIA MARTINS
COM:
HELDER REIS e TINO
SERVIÇO DE CEIAS
MARQUE A SUA MESA PELO TELEFONE — 48384
Av. António Augusto de Aguiar, N.º 3
ABERTO DAS 22 AS 5 H (Encerrado aos domingos)

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o concurso n.º 18 da 10.ª época

Açores — 121 221 211 1212; Beira Baixa — 121 121 111 1211; Os Belenenses — X21 X21 X11 X211; Brados do Alentejo — 121 121 211 1212; Cavalgada do Ritmo — X1X X11 121 XX21; Clube Asas do Atlântico — XX1 X21 211 1X1X; Comércio de Portimão — 221 222 211 1212; Correio dos Açores — 121 221 212 121X; Correio de Coimbra — 121 121 111 1211; Diário da Manhã — 1X1 X21 21X 121X; Ecos do Desporto — 121 121 21X 1211; Eu Sei Tudo — 121 221 2X1 111X; Folha do Domingo — X21 12X 211 1211; Gazeta do Sul — 221 221 221 1212; A Ilha — 121 121 2X1 1211; Imagens Piedenses — 121 121 222 121X; Jornal do Fundão — 1X1 121 111 1111; O Jornal da Lixa — 121 121 211 1212; Jornal de Viseu — XXX 12X 221 2XXX; Linhas de Elvas — 121 121 X1X 1X11; Maria da Fonte — 111 121 222 1211; Mundo Desportivo — 121 221 21X 1211; Notícias do Totobola — 1X1 12X 222 12X2; Novidades — 1X1 X22 2XX 1X12; Peça Que Não Maça — 121 221 21X 1211; Povo Algarvio — 121 122 111 1211; Rádio Altitude — 121 121 211 1212; Republica — 122 1X1 2X1 1211; Revista de Som — 1X1 1XX 2X1 1X11; Semana Tirsense — 121 X2X 2X1 1112.

O Algarve — 121 12X 111 1212; Badaladas — 2X1 112 211 X11X; Boletim Desportivo RP — 1X1 12X 111 221X; Cantinho Ricardo Lemos — 121 X21 21X 1211; O Comércio de Leixões — 121 X22 221 121X; O Comércio do Porto — 121 221 X1X 1X11; Correio do Vouga — 121 221 211 1111; De Tudo Um Pouco — 121 221 21X 121X; Às Dez, Espere Por Nós — X11 11X 221 1121; Diário do Minho — 121 X21 2X1 1212; Ecos de Cacia — 121 122 221 1211; Estrela da Manhã — X21 22X 212 1212; Dos Fracos Não Reza a História — 211 122 2X1 2111; Ideal Rádio — 121 221 211 1211; Jornal do Sul — 121 1XX 211 1X1X; A Lição do Menino Quim — 12X 12X 222 1212; Litoral — X21 12X 212 1X12; Momento do Totobola — 1X1 XX1 X11 XX11; Notícias de Chaves — 111 XX1 2X1 1X22; Notícias do Douro — 111 121 X1X 1XX1; Notícias d'Évora — 121 X21 2X1 1X11; A Ordem — X21 222 2XX 1221; Passatempo J. J. — 1X1 111 111 12X1; Penalti — 121 221 211 1111; Progresso Electro-Mecânico — 121 X2X X11 22X1; A Rabeca — 121 121 2X1 1X11; Rádio Oceano — 121 12X 2X2 1212; Auto-Rádio — 121 122 222 1X22; Campeão Português — 121 122 222 1X12; Reconquista — 121 121 211 1211; Repórter do Dia — 121 221 X11 1212; Repórter do Dia (Angola) — 121 221 111 1X11; O Sorriso da Hora do Almoço — 121 X21 212 212X; O Templário — 121 121 112 X211; Terra Alta — 221 121 111 12X1.

Mosaico — 121 221 212 1112; Primeiro de Janeiro — 221 22X 221 1212; Programa Sem Nome — 121 1X2 211 1111; Rádio Clube do Norte — X21 122 22X 2221; Rádio Placard—221 22X 222 1X1X; Estudios 64 — X21 222 222 1222; Placard Desportivo — 2X1 1XX 2X2 1X12; Rádio Sports — 121 121 211 1111; Resenha Desportiva — 111 121 21X 1X1X; Jornal Notícias — 221 221 211 121X; Colina Sagrada — X21 121 21X 121X; Musica e Desporto — 121 X21 1X2 1211; Programa da Manhã — 121 XX1 211 112X; Norte Desportivo — X21 121 211 X111; Montra do Exito — 121 X21 211 1X11; Boletim Desportivo — 2X1 221 X1X 1211; Miscelânia Musical — X21 X11 122 X112; Programa da Só-Rádio — 1X2 111 X12 1211; Passatempo — 121 221 212 1111; Bondiazinho — 221 221 2XX 12XX; Brado Africano — 121 222 221 12XX; Cidade 71 — 121 12X 222 1X11; Diário de Moçambique — 1X1 121 111 2211; Domingo Alegre — 121 121 X11 1111; Jornal Desportivo — 121 121 221 121X; Passatempo — 121 X21 111 111X; Roteiro Sonoro — 121 X1X XX2 111X; Terceiro Programa X2X X1X 2X1 1X12; Vamos Jogar no Totobola — 1X1 X21 21X 1X11; Revista Desportiva — 1XX 121 X1X 1222, A Voz — X21 121 X11 1211; Voz do Casa Pia — 121 121 211 1211; A Voz de Domingo — 1X1 X21 111 1211; Voz de Lamego — 121 121 211 1211; A Voz dos Ridículos — 1X1 221 211 1X11.

Diário — 121 121 211 1211; Canal 18 — X11 221 X1X 121X; Comércio — 121 221 21X 111X; Estádio — 121 221 21X 121X; A Nossa Chave — 121 X21 21X 1X1X; Apostolado — 12X 221 21X 1211; Notícias do Totobola — 121 121 211 1111; Diário de Coimbra — 121 121 211 1211; Diário de Lisboa — 12X 221 21X X211.

CONCURSO N.º 18
10.ª ÉPOCA

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS 1	BOLAS X	BOLAS 2 (a)
1. Portalegrense-Feirense	81	17	11	9	2	1
2. Chaves-Braga	8	19	82	1	2	9
3. U. Coimbra-Lamego	100	7	2	10	1	1
4. Luso-Peniche	54	25	30	6	3	3
5. Beja-Atlético	8	8	93	1	1	10
6. Marrazes-Santarém	75	20	14	8	2	2
7. Anadia-Salgueiros	16	14	79	2	2	8
8. Covilhã-Torriense	71	18	20	8	2	2
9. Oriental-Marinhense	63	24	22	7	3	2
10. Montijo-U. Leiria	94	8	7	10	1	1
11. T. Novas-U. Tomar	21	26	62	2	3	7
12. Sesimbra-Penafiel	91	8	10	10	1	1
13. Almeirim-Vizela	57	26	26	6	3	3

E a chave lógica será: 121 121 211 1211

(a) Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

O FUTEBOL PORTUGUÊS VIAJA

BENFICA: PRIMEIRA ETAPA DE COMBOIO • FARENSE: UM IMPREVISTO MARÍTIMO • ACADÉMICA: SAI DO NEVOEIRO PARA O BRASIL • SPORTING: DIVERSAS GENTES NO ROTEIRO • CUF: PARIS À NOITE • V. SETÚBAL: QUASE, QUASE

Aproveitando a pausa nos campeonatos oficiais, o futebol português vai lá fora conquistar divisas... e passear.

O Benfica começou a excursão de comboio: Santa Apolónia-Atocha (Madrid). Depois, a partir de Barajas, todos no avião para Caracas: onde a comitiva deve ficar ao fim da tarde de hoje.

Com Jimmy Hagan foram os seguintes jogadores: José Henrique, Malta da Silva, Humberto Coelho, «Zeca», Adolfo, Jaime Graça, Matine, Simões, Nené, Artur Jorge, Eusébio, Fonseca, «Toni», Vítor Martins, Diamantino e Calado.

Estão previstos quatro encontros: na Venezuela, Colômbia, Equador e Brasil.

☆

No Funchal, com dificuldade que não se previa, o Farense venceu o Marítimo por 3-2. As equipas:

MARÍTIMO — Grisaleña (Dias); Belarmino, Isaac, Hilário e Andrade; Nunes e Eduardo; Rui, Angelo, Vasco e Noémio.

FARENSE — Rodrigues Pereira; Atraca, António Maria, Valdir, Bastos (Nunes) e Assis; Dani Testas (Correia e Sitoe; Nelson Faria e Panhuja

Golos de Assis, Nelson Faria e Sitoe. Noémio e Angelo.

☆

A embaixada da Académica parte na madrugada de amanhã para o Rio de Janeiro. Com Juca seguem 17 jogadores: Melo, Cardoso, Artur, Alhinho, Belo, Feliz, Gervásio, Rocha, Vítor Campos, Mário Campos, Manuel António, António Jorge, Simões, Serafim, Oliveira Duarte, Rui Rodrigues e José Manuel.

Encontros marcados: dia 10, em Cabo Frio (contra o América local); dia 12 em São Paulo (perante a Portuguesa dos Desportos); dia 14, em Curitiba (o adversário é a Ferroviária); dias 17 e 19, no Rio de Janeiro (com jogos ante o Flamengo e o Vasco da Gama).

☆

O Sporting, que parte para as Américas ás 20 horas do próximo domingo, tem jogos marcados em Guadalajara, México (dias 13 e 15), Léon (dia 20), São Paulo, Brasil (dia 25) e Belo Horizonte (dia 27). Hipótese ainda, de uma exibição (dia 17) em Los Angeles.

☆

A C. U. F. vai até França. Dia 16 estará em Paris (perante o Red Star) e no dia seguinte defronta o Stade de Reims (em Reims).

Regressa a Portugal no dia 18 do corrente.

☆

O Vitória de Setubal está perante duas alternativas: Torneio Pentagonal em Belo Horizonte (onde defrontaria o Sporting) ou jogos em São Paulo (contra o Juventus), no Rio de Janeiro (perante o Vasco da Gama) e Recife (adversário a designar).

De qualquer modo viagem ao Brasil quase absolutamente certa.

Otto Glória deixou o América e ingressou no Grémio do Porto Alegre. Sessenta contos por mês, além do mais... Para o substituir, Zezé Moreira. Será ele quem dirigirá o América, contra A Académica de Coimbra, no próximo dia 10

P. L. M. NA METRÓPOLE E EM ANGOLA

Produções Lança Moreira continuam no domingo as transmissões desportivas, que incluem a habitual cadeia de relatos de jogos de futebol irradiados, em simultâneo, pelos Emissores de Lisboa e Porto de Rádio Clube Português, Emissores do Norte Reunidos e Emissores de Onda Média e Onda Curta do Rádio Clube de Angola. Esta realização que tem merecido as mais elogiosas referências compreende, desta vez, as reportagens das partidas Setubal-Sporting, Porto-Hannover, e Guimarães-Barreirense.

Como habitualmente, serão fornecidas informações em cima da hora sobre os jogos que se realizem noutros campos do País ou do estrangeiro, directamente da Redação do «Diário de Lisboa», por uma equipa constituída por Fernando Duarte, Rogério Charrão e Vítor Santos. Na Central do R. C. P. estarão Marçal Pacheco e João Cília comandando as «operações» desta sensacional tarde desportiva de P. L. M.

Acontecimentos DE ONTEM

FUTEBOL

Marcado para ontem, em Chaves, o jogo Desportivo-Arcos de Valdevez (para o Nacional da Terceira Divisão) foi adiado devido á neve. Data novamente estabelecida: 20 do corrente.

TÉNIS DE MESA

No Estádio José Alvalade realizou-se o encontro Sporting-Ateneu, a contar para a Taça «Record». Os «leões» venceram por 3-0. Resultados parciais: Carlos Guilherme (Sporting)-António Faria (Ateneu), 2-0 (21/12, 21/8); José Carlos Cavaco (Sporting)-Alfredo Veludo (Ateneu), 2-0 (21/12. 21/19); e C. Guilherme/Ricardo Lameira (Sporting)-A. Faria/A. Veludo (Ateneu), 2-0 (21/19, 21/14).

Ficaram em prova, invictos, o Sporting e o Benfica.

XADREZ

No Grémio Literário realizou-se mais uma jornada do Campeonato Nacional de Xadrez, para jogadores de 1.ª categoria. Resultados: Luís Leal-Grácio Ribeiro, 1-0; Bernardino Passos-Renato Pereira, 0-1, Manuel Brito-Joaquim Durão, 0-1. O encontro João Cordovil-Francisco Rego, foi suspenso.

BASQUETEBOL

Terminou o Campeonato Regional da I Divisão.

Ultimos resultados:

Lisgás-Técnico	59-55
Cruz Queb.-Moscavide	65-52
Ateneu-Rio Seco	57-50
C. D. U. L.-Oriental ...	90-67

O C. D. U. L. venceu o torneio.

VOLEIBOL

Para o Torneio Aberto, o Lisboa Ginásio (B) venceu o Sintrense por 3-0. Jogo de seniores: C. D. U. L., 3-Nacional de Ginástica, 2.

ARQUIVO

■ Realiza-se no dia 19, pelas 21 horas, a assembleia geral da Associação de Patinagem de Lisboa. Na ordem de trabalhos, a eleição de corpos gerentes para este ano e a apreciação e votação do relatório e contas da direcção e parecer do conselho fiscal, do ano passado.

■ *A Federação Portuguesa de Badminton organiza mais três torneios: Campeonato Distrital de Lisboa de 1.as categorias, Campeonato Regional do Sul de não-séniores e Campeonato Regional do Sul de 3.as categorias. As inscrições podem fazer-se, até ao dia 11, para a primeira das competições, e até ao dia 25 para as outras.*

■ O brasileiro João Henriques á conquista do título mundial de boxe, da categoria de meios-médios, na posse do italiano Bruno Arcari. O combate já foi confirmado para o dia 30, em Roma.

MENDES CONTINUA NO BENFICA

Fernando Mendes e o Benfica parecem ter chegado a acordo, mantendo-se o ciclista «encarnado» ao serviço do clube durante mais uma época. Assim — e aparentemente — Mendes lá conseguiu uma melhoria de condições...

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDAS	PORTOS DE DESTINO
«P. Perfeito»	14 de Janeiro	Luanda e Lobito (Carrega em Lisboa até 11-1).
«Angola» *	19 de Janeiro	Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, L. Marques e Beira. (Carrega em Lisboa até 16-1).
«Moçâmedes» *	28 de Janeiro	S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Novo Redondo, (se necessário) e Porto Amboim.

* Com escala prévia por Leixões

Reserva de passagens: Telef. 34764 e 369172

LISBOA — R. DO COMÉRCIO
PORTO — R. INFANTE D. HENRIQUE

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

Caixa de Previdência e Abono de Família dos Serviços Médicos-Sociais do Distrito de Lisboa

AVISO

Em cumprimento do disposto na Base XVII do despacho de 23 de Setembro de 1966, faz-se público de que se encontra aberto concurso, pelo prazo de 20 dias, a contar da data desta publicação, para provimento de vagas de:

— **Técnicos de Contabilidade de 3.ª classe**
— **Contabilistas**
— **1.os escrituários de contabilidade**
— **2.os » » »**
— **3.os » » »**

Os requerimentos, em papel comum de 25 linhas, deverão ser remetidos à Sede da Caixa — Avenida dos Estados Unidos da América, 39 — Lisboa.

Lisboa, 31/12/70

A DIRECÇÃO

O NORTE DESPORTIVO

NA EDIÇÃO DE HOJE

☆ Reencontro do Benfica com a sua condição de «grande senhor».
☆ Reportagem completa sobre o Setúbal / Sporting jogo-chave do campeonato.
☆ O já famoso «cara-a-cara» (Boavista-Benfica).
☆ Riva — o barão mais «sexi».
☆ Página de automobilismo com um artigo sobre o Viva SL/90.

Veja

e compare as vantagens em escolher propriedades da organização

J. PIMENTA

S. A. R. L.

APARTAMENTOS MOBILADOS

o melhor emprego de capital

PAÇO DE ARCOS — junto à praia e a 100 metros da estação de Caminho de Ferro com magnífica vista para o mar.

Preços de 170 a 400 contos

REBOLEIRA-AMADORA — grande conjunto urbano, bons estabelecimentos comerciais, ligado ao centro da cidade por uma eficiente rede de transportes.

Preços de 150 a 260 contos

CASCAIS — num dos melhores locais, excelentes Apartamentos Mobilados dominando soberbas panorâmicas da Serra e do Oceano.

Preços de 350 a 680 contos

LISBOA — para construção imediata numa zona de expansão acelerada.

Preços desde 370 contos

ANDARES • ANDARES • ANDARES

PAÇO DE ARCOS — em adiantada fase de construção e com magnífica vista para o mar.

3 assoalhadas — 370 contos
4 » — 370 »
5 » — 425 »
6 » — 480 »

LISBOA — Para construção imediata.

3 assoalhadas — 325 contos
4 » — 425 »

AMADORA — Av. Santos Matos n.º 10 — Andares prontos a fazer escritura em prédio de luxo junto à estação do Caminho de Ferro e do jardim.

4 assoalhadas — 300 contos
6 » — 600 »

REBOLEIRA-AMADORA — Andares prontos a fazer escritura.

3 assoalhadas — 250 contos
4 » — 350 »
6 » — 450 »

INFORMAÇÕES E APARTAMENTOS EM EXPOSIÇÃO:
LISBOA: Pr. Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefs. 4 58 43 / 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telef. 95 20 21 / 22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telef. 93 36 70
PAÇO DE ARCOS: Bairro Com. Joaquim Matias — Telef. 2 43 25 11
CASCAIS: Rua Regimento Infantaria 19, n.º 30 — Telef. 28 27 85
Conjunto Turístico da Pampilheira — Telef. 28 39 88
COIMBRA: Avenida Fernão de Magalhães, 470-1.º — Sala 1
CASTELO BRANCO: Pr. do Rei D. José (com entrada pela R. da Figueira)

5.000 Clientes satisfeitos recomendam-nos

OURIVESARIA EM GONDOMAR

(Continuação da pág. central)

filigraneira, Jerónima de Castro Cunha, que fôramos encontrar no seu quintal, apanhando restos de sol, debruçada sobre a mesa a fazer filigrana.

— *Tinha nove anos quando comecei nisto. Hoje tenho 37. Aprendi cá em casa com uma irmã mais velha.*

— Quantas horas trabalha por dia?

— *Também faço a minha vida de casa. Por isso, tanto trabalho a tarde toda, como só duas horas.*

Um vidro sobre a mesa com pano negro, uma tesoura, uma pinça, e as mãos — eis o necessário para a filigrana aparecer. A isso junta-se a habilidade de anos que permite se conserve e trabalhe simultâneamente.

— Quanto e como ganha?

— *Recebo por grama de fio. Quanto mais gramas gastar, mais recebo. Há patrões que pagam por peça. Recebo 1$80 por grama de prata. Em ouro é melhor. Pagam a 2$50 o grama.*

Trabalho ao domicílio, uma forma de subemprego. Por isso, nos dizia um industrial:

— *Não há nenhuma filigraneira que viva exclusivamente da filigrana. Se fossemos a fazer o «cheio» cá em casa (na oficina) não podíamos concorrer com os preços.*

A emigração e o casamento são os dois factores determinantes para as mulheres abandonarem a actividade filigraneira, e a sua falta começa já a sentir-se.

O estrangeiro é o maior consumidor

Não morre nas mãos das mulheres o ciclo produtivo da filigrana. Depois da operação de enchimento regressam ás oficinas. Aí a filigrana é pulverizada por limalha duma liga especial de prata para se proceder à soldadura através do fogo. Essa limalha possui a característica de não tapar o rendilhado. Por vezes, a peça é composta de várias partes que também terão de soldar-se. Por fim, o objecto vai a um banho de água acidulada a ferver, passando em seguida pelo fogo, alternadamente cinco ou seis vezes, até ficar branco. A encerrar as operações é escovado até surgir o brilho, podendo ficar na cor natural da prata ou ser dourado.

Para se apresentar no mercado passa pela contrastaria, e é o estrangeiro o maior consumidor da filigrana portuguesa que só tem por concorrentes a de Itália e a indiana.

Não morre nas mãos das mulheres o ciclo produtivo da filigrana. Não morre a filigrana por causa das mãos das mulheres de Gondomar.

A SEGUIR (CONCLUSÃO): NECESSIDADE DUMA COOPERATIVA

MOBILIÁRIO MODERNO

tipo nórdico

Para quartos, salas de jantar e de estar. Grande variedade de maples e sofás, estofados em tecidos exclusivos

a melhor qualidade
aos melhores preços

Exposição e vendas na:
Avenida Almirante Reis, n.º 30-C
Lisboa
telefone 831150

F. RAMADA—AÇOS E INDÚSTRIAS, SARL

Comunica aos seus clientes e amigos, que em virtude de ter adoptado o regime de «SEMANA AMERICANA», os seus estabelecimentos fabris e comerciais de OVAR e dependências de LISBOA, PORTO, ÁGUEDA, COVILHÃ e MARINHA GRANDE, estarão encerrados aos sábados, desde o início deste ano.

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje — OS SEIS INVENCÍVEIS — POLITEAMA

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326305
HOJE, ÀS 21.30 — (Color.)
SENSACIONAL ESTREIA DE ACÇÃO ESPECTACULAR E EXPLOSIVA
OS 6 INVENCÍVEIS
com **Stuart Whitman, Elke Sommer** e **Curt Jurgens**
Assassinos e ladrões... Se eles viverem acabam por ser heróis...
HOJE, ás 18.30 — (Adultos)
SESSÃO CLÁSSICA
com o filme
AMO-TE, AMO-TE

VOX
(Adultos) Tel 720808
Às 18.30 e 21.45
8.ª SEMANA DE ÊXITO
Michel Duchaussoy, Caroline Delier e Jean Yanne
numa vibrante e dramática aventura!
REQUIEM PARA UM DESCONHECIDO

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21 45
Um grande êxito de comicidade
2.ª SEMANA
O BOM PASTOR
com CANTINFLAS
Eastmancolor

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45
ALUCINANTE ACÇÃO!
TEMPO DOS LOBOS
Robert Hossein — Charles Aznavour — Virna Lisi
EASTMANCOLOR
No programa: Complemento **PETRÓLEO**, da **Telecinemoro**

LIDO
(M. 17 anos) Tel. 937593
Às 21.30 h
NOITE DE TEATRO
A revista mais popular da época
ALTO LÁ COM ELAS
Com os artistas **Camilo, Ivone, Apoloni, Toni** e toda a Companhia do Teatro ABC

SÃO LUIZ
(M. 12 anos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
NUNCA FORAM VENCIDOS
com **John Wayne** e **Rock Hudson**
Colorido

ALVALADE
(M. 12 anos) Tel. 717480
Às 15.45 e 21.45
com **John Wayne** e **Rock Hudson**
NUNCA FORAM VENCIDOS

SÃO JORGE
(Adultos) Tel. 54153
Hoje, ás 15.15 18.15 e 21.30
3.ª SEMANA
A VIDA INTIMA DE SHERLOCK HOLMES
Um filme de **Billy Wilder**
AMANHÃ, das 12.30 às 14.15
Música e Cinema na Hora do Almoço
Preço único — 5$00
Aviso: no início desta 2.ª série foi alterado o horário: Abertura do Cinema às 12.30: início das sessões: 13.15
Serviço especial de snack-bar a baixo preço

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30, 18.30 e 21.45
O filme que devolve ao romantismo o seu lugar de honra!
O SILÊNCIO DO AMOR
com **Marie Dubois** e **Matthieu Carriere**
EASTMANCOLOR

CASINO ESTORIL
(M/17 anos) Tel. 264621
Às 21.30 h.
UM BEATLE NO PARAÍSO
c/ **Peter Sellers** e **Ringo Starr**

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 78560
Às 21 horas
STILETTO
ONDE ESTÁ O OSCAR?

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134/5
Às 15.15 e 21.30
O CÍRCULO PERFEITO!
VER E TORNAR A VER!
Um filme de **Jean Pierre Melville**
O CIRCULO VERMELHO
3.ª SEMANA Eastmancolor
com **Alain Delon, Bourvil, Yves Montand, François Perier**

ESTÚDIO
(Adultos)
Às 15.30, 18.30 e 21.45
Segundo a obra de Dostoiewski um filme de Robert Bresson
UMA MULHER MEIGA

MUNDIAL
(M 12 anos) Tel 538743
Às 15.30, 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA DE ÊXITO
Rod Steiger, Christopher Plummer e Orson Welles
No mais surpreendente filme da temporada
WATERLOO

MONUMENTAL
(Adultos) Tel. 555131
Às 15 e 21 horas
3.ª SEMANA
Uma história de amor filmada por **David Lean**
O FILME DO ANO
A FILHA DE RYAN
com **Robert Mitchum**
QUINZENA CLÁSSICOS
Amanhã — 18.45 h. — Adultos
DIA DE CÓLERA, de Carl Dreyer, com Thorkild Roose e Lisbeth Movin

CHIADO TERRASSE
Às 15 e 21 h. (M. 17 anos)
UM HOMEM DE QUEM EU GOSTO
O ESCROQUE ELEGANTE

ROYAL
(Adultos) Tel. 86545
Às 15 e 21 h.
A MALUQUINHA DE ARROIOS
O LADRÃO DE QUEM SE FALA

TIVOLI
(M 17 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6,15 da tarde (p. red.)
10.ª e ÚLTIMA SEMANA
Sophia Loren e Marcello Mastroianni
na película de Vittorio de Sica filmada na Rússia
O ÚLTIMO ADEUS

CONDES
À 14, 16.30, 19 e 21.45
EM 9.ª SEMANA
(Adultos) Colorido
O PASSAGEIRO DA CHUVA
com **Charles Bronson** e **Marlene Jobert**

EUROPA
Tel. 661016
Às 15.15 (M. 6 anos)
Às 21.30 (M. 12 anos)
Um carro que para ser gente só lhe falta falar...
SE O MEU CARRO FALASSE
(The Love Bug)

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 32[illegible]
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
3.ª SEMANA DE SENSAÇÃO
com a admirável comédia musical
A VIDA É SEMPRE IGUAL
com o famoso ídolo da Eurovisão
JÚLIO IGLÉSIAS
na história de um amor sublime, com a formosa
JEAN HARRINGTON
(Eastmancolor)

RESTELO
(M. 12 anos) Tel. 610875
Às 21.30 horas
POR QUEM OS SINOS DOBRAM
com Gary Cooper

IMPERIAL
(M. 17 anos) Tel. 45933
Às 21 horas
OS INTOCÁVEIS
O SEGREDO DAS CATACUMBAS

EDEN
(M 12 anos) Tel. 320768
Às 15.15 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
Panavision-Technicolor
AVENTURAS! AVENTURAS! AVENTURAS!
NEM SEMPRE SE PODE GANHAR
Tony Curtis, Charles Bronson e Michele Mercier
No programa — Actualidades de Angola

BERNA
(À Av. Marquês de To[illegible])
(Adultos) Tel. 776[illegible]
Às 18.30 e 21.45
11.ª SEMANA
Alain Delon e Jean Paul Belmond no sensacional filme de Jacques Déray
BORSALINO

LUMIAR
(M. 12 anos) Tel. 79[illegible]
Às 21 horas
CANTINFLAS PORTEIRO
ALVAREZ KELLY

outros espectáculos

LISBOA

CIRCO
COLISEU — Às 16 e 21.30: «Grande Companhia de Circo» (12 anos).

TEATROS
GIL VICENTE — Às 22: «Breve sumário da história de Deus» (17 anos)
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «O Inocente» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O Preço» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «Lar» (17 anos)
MONUMENTAL — Às 21 e ás 23: «A casa das cabras» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «O Processo» (17 anos)
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Pimenta na língua» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 45: «O último inquilino» (17 anos)
VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23: «O Zé faz tudo» (17 anos)

CINEMAS
OLIMPIA — Às 19: «Duas vezes traidor» (12 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «Ódio por ódio» (12 anos)
MOSCAVIDE — Às 21: «Balada do Deserto» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «Mundo mulher» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Bandolero» (17 anos).
PARIS — Às 21: «Um homem irresistível» (17 anos).
ENCARNAÇÃO — Às 21: «Sua Excelência» (17 anos).
CAMPOLIDE — Às 21: «Um maluco em órbita» (17 anos).

Outra Banda
ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «As viuvas» (17 anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «O segredo da ilha sangrenta» (12 anos).

Linha de Sintra
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «Bonecos de carne» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Dossier 202—Destino morte» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINEMA — Às 21 e 15: «Safari africano» e «Um leão na minha cama» (12 anos)
MEM MARTINS — CINE CHABY — Às 21 e 30 «Jovanka e as outras» (17 anos).

Linha de Cascais
ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «A sangue frio» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «O jogo é o amor» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Um Beatle no Paraíso» (17 anos).
CASCAIS — S JOSÉ — Às 21 e 30: «Fúria de viver» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Mentira imperdoável» (17 anos)

PORTO

TEATROS
SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «O visón voador» (17 anos).

CINEMAS
SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Waterloo» (17 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «Testemunha suspeita» (17 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «Traição inverosímil» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «A vida íntima de Sherlock Holmes» (17 anos).
BATALHA — Às 21 e 30: «Nem sempre se pode ganhar!» (12 anos).
ESTUDIO — Às 21 e 30: «Os cavalos também se abatem!» (17 anos).
ÁGUIA D'OURO — Às 21 e 30: Aeroporto» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Ofício de matar» e «O segredo das catacumbas» (17 anos).

COIMBRA
GIL VICENTE — Às 21 e 30: «O homem a quem chamaram cavalo» (12 anos).
AVENIDA — Às 17 e 45: «Tarde clássica» e «Fahrenheit 451 Grau de destruição» (12 anos) e ás 21 e 30: «Estes simpáticos cavalheiros do gatilho!» (17 anos).
TIVOLI — Às 21 e 30: «Cromwell» (12 anos)
SOUSA BASTOS — Às 21 e 30: «Jogo sujo» (17 anos).

farmácias de serviço

LISBOA
ALCÂNTARA — **Vieira Rosa**, Rua Prior do Crato, 74 (660187).
ALMIRANTE REIS — **Cândido Monteiro**, Av. Almirante Reis, 21-B (45751) * **Góis, Lda., Sucrs.**, Rua dos Anjos, 2-C-D (840101).
ALTO DO PINA — **Ibéria**, R. Barão de Sabrosa, 235-A (728277).
ALVALADE — **Sonex**, Av da Igreja, 31-C (776909) * **Aeroporto**, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D (722384) * **Rio de Janeiro**, Av. Rio de Janeiro, 4-C (721409) * **Pinheiro** — R. Presidente Arriaga, 16 (161867).
AREEIRO — **Algarve**, Av. de Roma, 7-B (777478).
AVENIDAS NOVAS — **Figueira**, Av. Marquês de Tomar, 20 (44995) * **Cruz Nunes**, Pr. Duque de Saldanha, 14 (41845) * **Novais**, Av. **Luís Bivar**, 11-13 (44324).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Ascenso**, R. 27, 41 (311216).
BAIXA — **Lima Amaro, Suc.**, Pr da Alegria, 27-28 (321149) * **Valadas, Suc.**, Rua da Madalena, 235 (326260) * **Cortez**, R. de S. Nicolau, 93 (325378).
BENFICA — **Santa Cruz**, Av. Gomes Pereira, 34-A (704828) * **Curie**, Av. Madame Curie, 5-A (778439) * **J. Ribeiro**, Est. da Luz, 199-A (780969).
BELÉM — **Gomes, Suc.**, Rua da Junqueira, 326 (638193)
BOM SUCESSO — **Bom Sucesso**, Rua Bartolomeu Dias, 63-A (Tel. 611454).
CAIS DO SODRÉ — **Africana**, R. Bernardino Costa, 45 (369120).
CAMÕES — **Pinhoranda**, Rua da Rosa, 94-96 (321534).
CAMPO GRANDE — **Cabrita**, C. Grande, 220-222 (772397).
CAMPO DE OURIQUE — **Pinheiro**, R. de Campo de Ourique, 131-133 (686640) * **Urbano de Freitas**, Rua Silva Carvalho, 1-9 (Telf. (662838) * **Elmo**, R. D. Maria Pia, 358-A (686176).
CAMPOLIDE — **Farmácia Oliveira**, R. de Campolide, 54-A (684424).
CHARNECA — **São Bartolomeu**, Vila Paulo Jorge, 1 — Galinheiras (790969).
CONDE REDONDO — **Salus**, Rua Luciano Cordeiro, 73 (42239).
ENTRECAMPOS — **São Miguel**, Pr. Francisco Morais, 20 (771469).
ESTEFÂNIA — **São Jorge**, Av. Rovisco Pais, 32-A-B (534027).
ESTRELA E LAPA — **Tagus**, Praceta do R. Possidónio da Silva, 162-A (669485) * **Rodrigues & Alves**, Rua da Lapa, 52-54 (662246) * **Pinheiro**, Rua Presidente Arriaga, 16 (661867).
LUMIAR — **Central do Lumiar**, R. do Lumiar, 77 (790480)
OLIVAIS — **Central dos Olivais, Ld.ª**, Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C — Olivais-Norte (315539) * **Antunes Rosas**, Praça Cidade do Luso, lote 199, Olivais-Sul (313610).
PALHAVÃ — **Laranjeiras**, R. Filipe da Mata, 160-162 (761035).
PICHELEIRA — **Luxmar**, Rua João do Nascimento Costa, 16-A (728395-720703).
MARQUÊS DE POMBAL — **Ribeiro & Centro, Ld.ª**, Rua Braamcamp, 52-C (43409).
RESTELO — **Belém**, Rua Tristão Vaz, 10-A, à encosta do Restelo (612248).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — **Conceição**, Calçada de D. Gastão, 30-32 (381279) * **Pereira, Suc.**, R. do Paraíso, 98-100 (863224) * **Branquinho**, Rua dos Sapadores, 87 (842725)
SANTO AMARO — **Dilene**, Rua Aliança Operária, 49-A-B (636620) * **Costa**, Rua dos **Lusíadas**, 32 (Tel. 636704)
SÃO BENTO — **Confiança**, Praça das Flores, 59 (327901).
MOSCAVIDE — **Banha**, Av. Moscavide, 22 (Telef. 2518518).

Linha de Cascais
ALGÉS — **Miramar**, R. Ernesto Silva, 8 (T 212048)
CAXIAS — **Nova** — R. Bernardim Ribeiro 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — **Godinho da Silva**, Av. Patrão Lopes 4 (Tel 2432039).
OEIRAS — **Central** — R João Teixeira Simões, 18 (Tel 2430058)
PAREDE — **Grincho**, Av da Republica 87-A (Telef 2471204)
ESTORIL — **S. João** — S. João do Estoril (Telef 261186).
MONTE ESTORIL — **Ostende** — R de Espinho, 1 (Tel 260391).
CASCAIS — **Cordeiro**, Av.ª Comb G Guerra 40 (T 280170) * **Nova**, Estrada de Alvide — Fontainhas (Tel 281044)
S. PEDRO DO ESTORIL — **S. Pedro** (Tel. 263052).
9710231).

Linha de Sintra
AMADORA — **Amadora**, Praceta 28 de Maio, 3 (Tel 9855 8) * **Carmelo**, Rua Elias Garcia, lote 48 (Tel 983306) * **Helénica**, R. Elias Garcia, 4 (9836 8) * **S. Jorge**, R. Pedro del Negro 5 (Reboleira) (Tel 938703).
DAMAIA — **Lemos**, R. de Goa 8-A (T 971121).
QUELUZ — **Zelfus**, R. da Republica, 88 (T 950045) **Correia**, L. do Mercado, 3 Tel 950905)
CACÉM — **Central** — R. Elias Garcia, 55 (Telefone 2940034)
MEM MARTINS — **Químia** — Est Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (Tel 980456)
SINTRA — **Marrazes**, L Afonso de Albuquerque (T 980058).
COLARES — **Colares** — Abrejo (Tel 299088)

Outra Banda
ALCOCHETE — **Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel 234137)
ALHOS VEDROS — **Gumão** — R Candido dos Reis, 30 (Tel 224020)
ALMADA — **Cristo Rei**, Av Cristo Rei, 31-A (Tel 273498)
BAIXA DA BANHEIRA — **Nova Fátima**, Estrada Nacional 221-B (Telef 224141).
BARREIRO — **Pimenta**, R. Cons Joaquim António Aguiar, 259 (T 227302)
COVA DA PIEDADE — **Império**, R Cabo da Boa Esperança, 31-A (Telefone 274356)
MOITA — **Silva Rocha**, P da República 6 (Tel 239029
MONTIJO — **Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 230008).
SESIMBRA — **Leão**, Av Salazar (Tel. 229471).
SETÚBAL — **Bocageana** — R do Romeu (T. 23425 * **Barros** — B.º Santos Nicolau (Tel 23330)
SEIXAL — **Soromenho**, R Paiva Coelho 38 (Telefone 2218560)

PORTO
Almeida Cunha, Lda., Rua Formosa, 327 (T. 214874) * **Antas**, Av. Fernão de Magalhães, 1076 (Telefone 41158) * **Barreiros**, R. de Serpa Pinto, 8 (Telefone 40053) * **Clérigos**, R. dos Clérigos, 36 (Telefone 40058) * **Gomes Carneiro**, Rua de Cedofeita, 348 (Tel. 35394) * **Guerra**, Rua de Costa Cabral, 43 (Tel. 23420) * **Guimarães**, Rua de Francos, 37 (Tel. 40470) * **Lidador**, Rua do Lidador, 171 (Tel. 60103) * **Lousada**, L. do Campo Lindo, 62 (Tel. 683739) * **Oriental**, Rua do Bonjardim, 727 (Tel. 214874) * **S. Roque da Lameira**, Rua S. R. da Lameira, 1111 (Tel. 51739) * **Soeiro**, R. de Santos Pousada, 71 (Tel. 5370) * **Vasques**, R. dos Condominhas, 794 (Tel. 6801131) * **Campos**, Rua Pedro Álvares Cabral, 943-Foz (Tel 6801131).

COIMBRA
Estácio — Rua do Brasil (tel. 24410) * **Miranda** — Praça do Comércio (telef. 23261) * **Baptista** — Praça da República (telef. 23747).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho 185-1.º
Telef 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal

O PROBLEMA DA LOTA NA PÓVOA DE VARZIM

PÓVOA DE VARZIM, 7 — Reina, desde há dias, grande efervescência neste importante meio piscatório verificando-se até, a ocorrência de cenas desagradáveis.

O problema anda à volta da eliminação da tradicional lota deste centro piscatório com o qual os pescadores não concordam. Eles admitem, sim, a construção, como, aliás lhes foi prometido, de um edifício próprio para isso, mas querem que continuem a ser as suas mulheres a venderem o peixe, e não que a venda seja feita através da secção de vendagem da Póvoa e de Vila do Conde, da Junta Central das Casas dos Pescadores.

O capitão do porto e a Polícia Marítima, ainda que com grande dificuldade, especialmente devido às cenas a que nos referimos, procuram serenar os ânimos, e para já estão a ser feitos inquéritos a tais casos, e ainda a alguns mestres, por não terem cumprido os processos determinados pela Polícia Marítima.

Entretanto, uma comissão, de cerca de duas dezenas de mestres, estuda a possibilidade de ir a Lisboa expor o problema.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava geralmente muito nublado; o vento era fraco ou moderado do quadrante Leste e havia neblina ou nevoeiros locais.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Anadia, 6°,4; mínima: Figueira de Castelo Rodrigo, —3°,1.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 5°; Penhas Douradas, 8°; Coimbra, 4°; Portalegre, 5°; Lisboa, 5°; Faro 9° e Funchal, 6°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Na atmosfera: 7°,5; na água do mar: 12°,6.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu geralmente pouco nublado; vento fraco ou moderado de Leste ou Sueste; neblina ou nevoeiros matinais nos vales e terras baixas; formação de geada nas regiões abrigadas do Norte e Centro.

Dia 11 Dia 19 Dia 26 Dia 2

MARÉS:

PREIA-MAR: **Hoje** — 0 e 32 (3,4 m); 13 e 03 (3,4 m). **Dia 8** — 2 e 37 (3,5 m); 14 e 11 (3,5 m). **Dia 9** — 2 e 32 (3,7 m); 15 e 05 (3,6 m).

BAIXA-MAR: **Hoje** — 6 e 18 (1,5 m); 8 e 45 (1,5 m). **Dia 8** — 7 e 20 (1,4 m); 19 e 40 (1,4 m). **Dia 9** — 8 e 06 (1,2 m); 20 e 22 (1,2 m).

A MELHORIA DE REMUNERAÇÕES DO PESSOAL DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

Conforme foi já anunciado, em diplomas, enviados para o «Diário do Governo», está a proceder-se à reclassificação do pessoal de enfermagem hospitalar e de ensino, bem como do pessoal técnico auxiliar e pessoal auxiliar, com actualização das respectivas remunerações.

Também, na mesma linha de reestruturação são reajustados os quadros dos hospitais centrais, quanto a pessoal de direcção e chefia, a partir de 1 de Janeiro deste ano.

Outros diplomas introduzem modificações nos serviços e quadros da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, com vista a corresponder à expansão da sua actividade, à uniformização de categorias e vencimentos e à integração em novos quadros.

Finalmente, por decreto remetido para publicação no «Diário do Governo» é tornada extensiva ao pessoal do serviço social dos organismos com autonomia administrativa do Ministério da Saúde e Assistência a revisão de categorias, sem prejuízo de posterior acerto em relação com a reestruturação em curso daquele Ministério.

O conjunto de medidas tomadas envolvem encargos cujo montante atinje cerca de 80 mil contos.

MARQUESA DE VALVERDE

O Cenáculo Poético Marquesa de Valverde promove esta noite, a partir das 21 e 30, na Casa do Concelho de Gouveia (Avenida Almirante Reis, 2, 1.º dir.), um recital dedicado a poetas trasmontanos.

A declamação está a cargo de Madalena Fillol, Berta Corado, Alcinda de Sousa, actriz Maria do Carmo Mateus e actor António Sarmento. Na parte musical far-se-á ouvir o acordeonista José Alexandre.

TRÂNSITO RESTABELECIDO

Segundo comunicação oficial, foi restabelecido o trânsito na E. N. 351, entre Vendas Nova e Envendos, e nas E. N. dos distritos de Viana do Castelo e Aveiro, que tinham sido afectadas pelo mau tempo.

Dirigentes sindicais tomaram posição sobre o problema da duração do trabalho

PORTO, 7 — Realizou-se nesta cidade uma reunião intersindical com a participação das direcções dos seguintes sindicatos: Bancários (Coimbra, Lisboa e Porto); Caixeiros (Lisboa); Carregadores e Tráfego (Lisboa); Escritórios (Lisboa); Escritórios e Caixeiros (Santarém); Ferroviários S. Centrais, Jornalistas, Lanifícios (Guarda, Viseu, Lisboa e Porto); Metalúrgicos (Braga e Porto); Propaganda Médica e Seguros (Lisboa e Porto).

Assistiu, como observador, um representante de Lisboa da Ordem dos Médicos.

Entre os assuntos tratados figura o projecto do Decreto-Lei n.º 5/X, sobre duração de trabalho, em apreciação na Câmara Corporativa.

Confraternização de informadores bancários

Os informadores bancários reunem-se, pela décima vez, num almoço de confraternização, no próximo sábado. Será homenageado o mais antigo informador bancário, sr. João José da Silva.

A SITUAÇÃO EM ESPANHA

(Continuação da 1.ª página)

escreveu o «Pueblo», em que uma revisão dos postos se tornou necessária. Passaram-se coisas em número suficiente durante o ano findo para que a sociedade e o poder sejam levados a rever, ao nível da gestão, a equipa governamental».

«Mas, mais do que falar de concentração, precisou o «Pueblo», convém ver quais são os Ministérios que funcionam bem e quais são os que têm um rendimento menos elevado».

O «Madrid» (próximo do Opus Dei) interroga-se quanto à próxima reunião plenária do Conselho Nacional do Movimento (partido único), pedida por vários conselheiros no final das reuniões ordinárias que se realizaram nestes últimos dias.

«Por que motivo, pergunta o «Madrid», esta reunião plenária se realizou à porta fechada? Do que será que os conselheiros do Movimento poderão ter falado que o povo espanhol não possa ser livremente informado? Os membros do Movimento deveriam ser os primeiros a trabalhar às claras e frente à opinião pública».

Teka
O moderno
LAVA-LOUÇA inox
18/8 — 304
Fabricado por — Teka-Hergom
Representante — Anselmo Santos
AVEIRO - Apart.-130 - LISBOA - R. Cor. Bento Roma, 12-A

SAIU HOJE
motor
NESTE NÚMERO:
- ENSAIO—FIREBIRD TRANS-AM (Philippe Toussaint)
- RALLYE DO FIM DO ANO (Augusto Vilela)
- EU E OS INICIADOS (Maria do Céu)
- SLALOM OU EVOLUÇÃO DOS TAQUINHOS (Hélder de Sousa)
- NOVOS VALORES FALAM DE AUTOMOBILISMO
- RALLYE MONTE CARLO
- SEGURO OBRIGATÓRIO (Eng.º Farinas de Almeida)
- ENTREVISTA COM ANTÓNIO PEIXINHO (Carlos Blanco)
- ESTILISMO 70 — CONCURSO
- AVIAÇÃO (Alves Saraiva)
- KARTING (Herlânder Garcia)
- NOTICIÁRIO E AS HABITUAIS SECÇÕES

24 PÁGINAS PREÇO 2$50

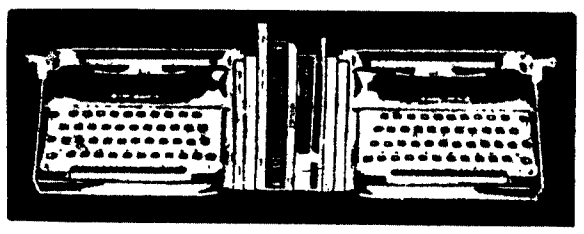
disque:
779210
E SOLUCIONE O SEU PROBLEMA DE EXCESSO DE SERVIÇO, COM PESSOAL TEMPORÁRIO.
RINGUPE

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

PRODUTOS QUÍMICOS

Acordo colectivo de Trabalho com a CUF e UFA

Realiza-se no dia 8 do corrente mês pelas 21 horas, na Rua do Alecrim, 46-1.º, uma reunião de informação referente à FASE DE ARBITRAGEM dos acordos colectivos de trabalho com a CUF e UFA.



Nós em 1970

■ PARALELAMENTE à preocupação de noticiarmos (e/ou comentarmos) *em cima da hora* o acontecimento literário e artístico, predominou, nas 51 edições deste Suplemento publicadas durante o ano de 1970, a *tendência crítica* que procurámos imprimir-lhe.

■ NÃO FOI FÁCIL, nem isento de controvérsia ou discórdia — que é o que há sempre a esperar quando à rotina se contrapõe um mínimo de isenção, um mínimo de independência, um mínimo de preocupação ética no trabalho exposto.

■ NÃO ULTRAPASSANDO o campo do *possível*, parece-nos, ainda assim, termos proposto à consciência de quem nos lê um sentido da comunicação necessária.

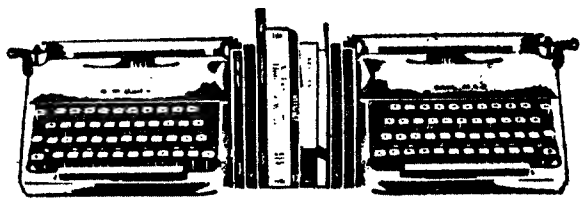
■ ACUSADOS (por alguns) de sectarismo cultural, podemos registar a colaboração de 75 nomes culturalmente diferenciados, cuja relação segue abaixo. Cremos desnecessário comentar o que significa o número e a qualidade de tais colaboradores, bem como realçar a política cultural (nossa) que tal e tanto permitiu.

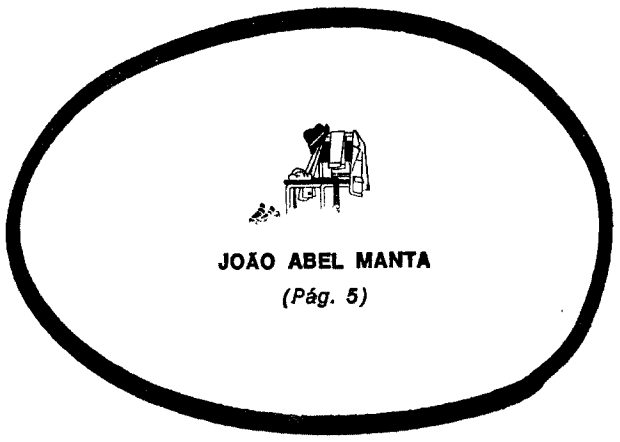
■ INICIÁMOS duas novas secções :«À Lupa» e «Poesia & Não», ambas de teor essencialmente crítico. Ser-nos-ia mais fácil, como é óbvio, preencher o espaço com as costumadas louvaminhas ou a simples inserção do noticiário enviado, quer pelas casas editoras, quer... pelos próprios autores. Não o fazendo, nem sempre nos tornámos simpáticos. Prometemos continuar.

■ PARA ALÉM dos trezentos e tal artigos (originais) publicados; dos 50 «Prontuários das Letras»; das 31 entrevistas; dos quinzenais folhetins-artísticos; das páginas semanais dedicadas às artes plásticas; das vinte *caixas* preenchidas por Alexandre O'Neill; das 12 narrativas «In Memorian», de Fiama Hasse P. Brandão, dedicámos páginas especiais ao «Modern Jazz Quartet», às peças «Victor ou a Criança no Poder», «A Relíquia», «Melim 4», ao Festival de Teatro Independente realizado em San Sebastian, à Quinzena do Cinema Francês, ao Festival de Pesaro, a Almada Negreiros, a José Régio, a Vieira da Silva, a Dickens, a Hemingway, a Tarzan, a Hegel, a Alain Robbe-Grillet, a Kafka, a Swift, a Beethoven, a Soljenitsine, ao *best seller* «Love Story», à literatura experimental nos E. U. A., à nova geração dos romancistas latino-americanos, ao realismo fantástico, ao curso de Formação Artística da S. N. B. A. — para não nos alongarmos na citação. Tal foi o âmbito (ainda assim reduzido) da nossa óptica cultural.

■ NÃO RECEÁMOS as polémicas — mas evitámos, na medida do possível, aquelas que não ultrapassavam o interesse dos polemicantes. De resto, abrimos as colunas a quem entendeu intervir. O que manteremos.

Cont. na pág. 2





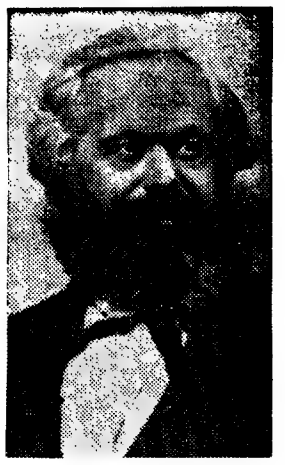
2.º SUPLEMENTO LITERÁRIO

644 ■ 7 DE JANEIRO ■ 1971

McCartney

Guevara

Lennon


Marx

dos beatles nossos senhores

por Manuel João Gomes

Temos agora uma outra eternidade e sempre era melhor a que passou

(Pessoa)

DE UM CINEMA de Lisboa sai uma das obras-primas de Orson Welles, entrando imediatamente uma película dita *Let it Be*. Classificada para efeitos de publicidade como «fascinante experiência em cinema» que enche salas e vai durar algumas semanas (queiram os deuses, que eu me engane).

É para maiores de 12 anos e não há duvida que não falta malta de 12, 13 e 14 anos; o grosso do publico é o vulgar da casa, o mesmo que se sentou, com a mesma seriedade, a ver *Le Procès*, *Les Amants* e *Yellow Submarine*. Um publico prestigioso.

Ora trata-se de um espectáculo chato, chatíssimo, chatérrimo, que só se aguenta com uma valente dose de boa ou má vontade: de qualquer das maneiras, um certo masoquismo.

A experiência fascinante de que se fala é, nem mais nem menos, que a filmagem dos quatro de Liverpool, a afinar instrumentos, a desafiná-los, a ensaiar vários numeros de um disco (até eles bocejam, quanto mais eu) a cantarem *Let it be* em solo, em duo, em trio, em quarteto, a dizerem uma ou duas frases (não a conversar como parece que quer o critico Lauro António) e — o unico momento fílmico *desta* coisa — a dançar uma valsa (John e Yoko) ao som de uma das canções do ensaio.

De cinema, portanto, nada de novo a bordo: trata-se de ter uma leve noticia do cinéma-vérité e algum Jean Rouch, além de muito bons meios técnicos à disposição. Aqui havia isso tudo, porque a publicidade sabe onde é que isso se compra. Se ela até sabe onde trabalham os poetas portugueses...

Tudo decorre, pois, em ritmo de alegria (publicidade *dixit* e parece ser verdade; pelo menos não posso provar o contrário. É caso para falar numa série de milagres e é o que, de facto, acontece. Quem sustenta de pé um filme com hora e meia de imagens a-cinematográficas e quem conserva sentados quatro centenas e tal de cidadãos são, na verdade os milagres dos deuses — deuses que neste caso hão nome BEATLES e têm as características novas de serem deuses *jovens, irreverentes e antideuses*. Efectivamente os deuses têm sido até aqui — pelo menos nesta civilização ocidental — pessoas de idade, hieráticas e bem colocadas.

OS ANTIGOS DEUSES

Ao menos depois de Freud, Deus é a projecção da imagem do Pai — o objecto colocado acima de todos e de tudo, dominando todos, obviando ás suas necessidades, satisfazendo os desejos dos mais íntimos, dando sentido à vida e à morte, gerando os ideais do espiritual e imortal.

Este será o Deus judaico-cristão mas não é menos o da Grécia e Roma, digamos, o Deus clássico: uma necessidade tradicionalmente inevitável em todas as civilizações; útil para tudo, desde a protecção no meio das trovoadas e cataclismos até à fertilização das plantações de batata e sementeiras de feijão.

A este Deus velho sucedem os deuses jovens, novíssimos, quase meninos.

OS NOVOS DEUSES

Não será dificil ver esta evolução dos cultos na evolução das necessidades a que o progresso tecnológico vai obrigando ou obviando.

Se o Deus clássico era o substituto da tecnologia no tempo em que não havia electricidade, raios X e energia nuclear — na era da tecnologia em que há electricidade, energia nuclear e raios X há necessidade de novos deuses que tomem o lugar do deus clássico: assim da mesma forma que o Deus antigo era contra o progresso e obviava a ele, os deuses modernos nascem do progresso, sem perder a função de deuses e são capazes de dar o que o progresso tirou.

Porque, se na Antiguidade havia necessidades que os deuses satisfaziam e que o progresso veio acabar, hoje o progresso trouxe necessidades que têm outra vez a solução na mão dos deuses.

Tomando como necessidades típicas de uma e outra era (a velha e a nova) *a falta de chuva* e a *poluição* podemos equacionar o seguinte:

Jupiter, Zeus, Jeová e Buda estão para a falta de chuva
assim como Ringo, Dylan, Donovan e Baez estão para a poluição.

OS DEUSES NOVOS

A necessidade cria o órgão e criou os deuses, sendo os Beatles órgãos e deuses da sociedade de consumo.

O facto de serem jovens é importante; é que a imortalidade continua a ser uma coisa sem solução e uma necessidade que as transplantações e o congelamento temporá-

Cont. na pág. 3

Nós em 1970

Cont. da pág. 1

■ CORRIGIMOS algumas deficiências quanto ao aspecto gráfico, no sentido de tornarmos mais aprazível — e de maior impacto — a leitura do Suplemento. Manteremos igualmente tal orientação, corrigindo o que for de corrigir e possível tècnicamente.

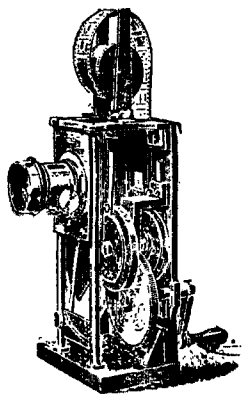
■ PARA 1971 temos alguns planos — que realizaremos sem prévia publicidade. Obrigando-nos à exigência, julgamos ir ao encontro da exigência de quem nos lê.

■ EM 1970 COLABORARAM NESTE SUPLEMENTO:
Adelino Tavares da Silva, Alexandre O'Neill, Alexandre Pinheiro Torres, Álvaro Manuel Machado, Ana Hatherly, António Areal, António Augusto Menano, António Cabral, António Ramos Rosa, Carlos Porto, Claude-Cichel Cluny, Conceição Gomes da Silva, E. M. de Melo e Castro, Eduardo Prado Coelho, Ernesto de Sousa, Fernando Assis Pacheco, Fernando Guimarães, Fernando J. B. Martinho, Fernando Luso Soares, Fernando de Macedo, Fernando Mendonça, Fiama Hasse Paes Brandão, Gastão Cruz, Hélio Osvaldo Alves, Irineu Garcia, João César Monteiro, João Medina, João-Palma Ferreira, João Perestrelo, Jorge Peixinho, José Alberto Gil, José A.-França, José A. Seabra, José Cardoso Pires, José Duarte, José Fernandes Fafe, José Gomes Ferreira, José Manuel Amorim, José Paulo Brandão, José Vaz Pereira, Júlio Moreira, Lauro António, Liberto Cruz, Lourenço Alves, Luís Amorim de Sousa, Luís Francisco Rebello, Luís Lobo, Luís Miguel Cintra, Luís de Sttau Monteiro, Manuel Alberto Valente, Manuel de Castro, Manuel Dias Duarte, Manuel João Gomes, Manuel Machado da Luz, Maria Alberta Menéres, Maria Aliete Galhoz, Naief Safady, Natália Nunes, Nelly Novaes Coelho, Nelson de Matos, Neves Águas, Nuno Bragança, Pedro Luzes, Raul Bernardo, Raul Calado, Raul de Carvalho, Rocha de Sousa, Rui Nunes, Sam, Sena da Silva, Urbano Tavares Rodrigues, Vasco Granja, Vergílio Ferreira, Vítor Silva Tavares, Yvette K. Centeno.

■ EM 1970 FORAM ENTREVISTADOS (EM EXCLUSIVO) NESTE SUPLEMENTO:
Adriano de Gusmão, Alfonso Sastre, Ângelo de Sousa, António-Pedro Vasconcelos, António Vitorino de Almeida, Armando Silva Carvalho, Carlos Cabral, Constança Capdeville, Ernesto Leal, Ernesto de Sousa, Fernando Guimarães, Fernando Luso Soares, Gabriel Garcia Marquez, Irineu Garcia, Joaquim Rosa, Jorge Luís Borges, Jorge Peixinho, José Cayolla, José Rodrigues, Juan Goytisolo, Júlio Resende, Luísa Ducla Soares, Luzia Maria Martins, Margarida Mauperrin, Maria Alberta Menéres, Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta, Mario Vargas Llosa, Pablo Neruda, Ricard Salvat, Rui Mário Gonçalves.

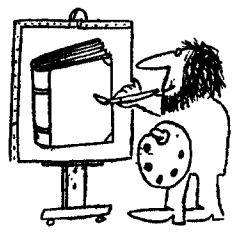
■ PASSANDO do balanço próprio para o balanço das actividades literárias e artísticas durante 1970, decidimos (através de uma equipa constituída por Carlos Porto, José Vaz Pereira, Rocha de Sousa, Nelson de Matos, Fernando Assis Pacheco e Vítor Silva Tavares) seleccionar o que nos pareceu mais importante ou significativo. Ao simples registo de títulos e autores, quase sempre longo e desinteressante, preferimos o quadro selectivo acompanhado do pequeno comentário crítico que marca o «porquê» da nossa opção.

1970: BALANÇO SELECTIVO



cinema

O ACOSSADO (A Bout de Souffle) *Real.: Jean-Luc Gordon Int.: Belmondo, Jean Seberg*	Com um atraso de dez anos, o portentoso filme que fez a revisão revolucionária do cinema. Em linha directa do plano para a alma.
ACONTECEU... NO OESTE (Once Upon a Time In the West) *Real.: Sérgio Leone Int.: Jason Robards, Claudia Cardinale*	O Oeste tal como nunca poderia ter sido. Barroco, pomposo e mitológico. Um Leone com lampejos geniais, ainda que mutilado.
O COMPROMISSO (The Arrangement) *Real.: Elia Kazan Int.: Kirk Douglas, Faye Dunaway*	Retrato duma América obcecada pelo sucesso. Um homem analisa os valores sem conteúdo que lhe são propostos e, após uma crise, decide-se pela ruptura. Um retrato da América pela América, que é também um retrato de Kazan por Kazan.
BEIJOS ROUBADOS (Baisers Volés) *Real.: François Truffaut Int.: Jean Pierre Léaud, Claude Sade*	Com uma sensibilidade á flor da pele, Truffaut consegue (mais uma vez) um filme com vinte anos.
O PROCESSO (The Trial) *Real.: Orson Weles Int.: Anthony Perkins, Romy Schneider*	K pelo homem que realzou Kane. Turbulento, cheio da herança expressionista e, juntamente com Kafka, duma actualidade inquietante.
QUINZENA DO CINEMA FRANCÊS	«L'Amour Fou», de Rivette, foi o melhor filme projectado em Lisboa em 1970.
RETROSPECTIVA DREYER	Um autor maravilhoso que nada tem a ver connosco.
EASY RIDER	De realçar a banda sonora.
O SUBMARINO AMARELO	«Idem» para a animação.



artes plásticas

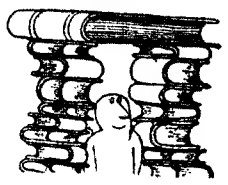
VIEIRA DA SILVA *Galeria de Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian*	Retrospectiva importante de uma obra cuja coerência se tem de reconhecer e que permitiu que se fizesse no nosso país, apesar da oportunidade tardia, a referência histórica e didáctica que tal estética suscita, quer se lhe reconheça ou não uma actualidade possível.
SÁ NOGUEIRA *Galeria Interior*	Trajectória de uma consciência em movimento — a do artista perante o seu meio — imprimindo-se numa obra original e empenhada pela utilização inteligente da base fotográfica e exprimindo com violência um quotidiano onde as técnicas de mitificação do objecto absorvem a exploração do erotismo.
JOSÉ RODRIGUES *Galeria S. Mamede*	Derivação gráfica muito importante na obra deste escultor, prova fundamental e irónica de que a modernidade de uma estética não depende apenas da natureza dos meios técnicos, antes se determina pela constante reformulação crítica dos dados da visão no contexto de uma poética que afirme lucidamente não renunciar o homem.
EDUARDO NERY *Galeria Buchholz*	A coragem de assumir os dados e os riscos de uma investigação (ou de uma problemática) levando a pintura a um limite em que ela se redefine pelo absurdo e se autocontesta na realização de um novo espaço onde a própria moldura, fronteira real e representada, é simultâneamente ironia e funcionalidade, crise e destino do objecto.
MANUEL BAPTISTA *Galeria 111*	Ponto significativo de tensão de todo um evoluir numa pintura que se prefere saudosa de um informalismo antigo, mais misterioso e contundente, a se destruir no rigor lírico dos seus relevos pela violentação afirmativa da linguagem.

teatro visto

TEATRO UNIVERSITÁRIO *(Melim 4.Macbeth, que se passa na tua cabeça? Azul Negro)*	Pela procura de uma nova linguagem e de uma nova ética. Porque é o único Teatro vivo, polémico e actuante que se faz em Portugal.
TRÊS INTERMESOS DE CERVANTES *dir. por Luis Miguel Cintra*	Tentativa de conseguir um espectáculo popular pela raiz e pela audiência.
BREVE SUMÁRIO DA HISTÓRIA DE DEUS *de Gil Vicente. Dir. de Carlos Avilez*	Por ser Carlos Avilez, com os seus erros e as suas fraquezas, o único encenador profissional disposto a usar a imaginação.
TEATRO-ESTÚDIO (VASCO SANTANA) *dir. por Luzia M. Martins e Helena Félix*	Pela qualidade do reportório, pela melhoria progressiva dos espectáculos. Simplesmente, por amarem mais o Teatro do que o deus-bilheteira.
O REI ESTÁ A MORRER *de Ionesco, pela C.ª do Teatro Nacional*	Pela encenação, copiada do francês e pela inesquecível interpretação de José de Castro.
PIMENTA NA LÍNGUA *de José Viana e Aníbal Nazaré*	Por ser uma revista limpa, inteligente e crítica. Por José Viana.
NOITE DOS ASSASSINOS *de José Triana. Enc. de Jorge Listopad*	Porque teria sido o melhor espectáculo do ano.

teatro lido

AFONSO III **Ernesto Leal** *(Publ. Europa-América)*	Inábil na construção, uma peça que se destaca pela ironia rabelaiseana. Ou o «elogio da feijoca...»
FILOPOPOLUS **Virgílio Martinho** *(in «Grifo»)*	Uma sátira que desmonta, pelo humor, a engrenagem do poder. A imaginação e um lirismo saudável não ficam de fora.

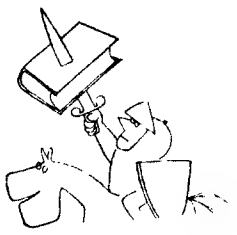


ficção

CARLOS DE OLIVEIRA PEQUENOS BURGUESES *(Pub. D. Quixote)*	Uma reedição que se transformou num livro novo. Um percurso que se continua cada vez com maior autenticidade. A firmeza de uma posição que se cumpre. Sem dúvida o mais importante romance do ano.
MARIA TERESA HORTA AMBAS AS MÃOS SOBRE O CORPO *(Pub. Europa-América)*	Um livro de que alguma crítica quiz fazer um acontecimento. A exploração de um processo a que a escrita estreitamente se cinge. Proximidade das referências. Um conseguimento de que se fica á espera.
MARIA I. BARRENO OS NOSSOS LEGITIMOS SUPERIORES *(Pub. Europa-América)*	O que em DE NOITE AS ÁRVORES SÃO NEGRAS pôde acontecer como surpresa é aqui pura repetição. Um léxico bem referenciável. Um universo que se desvenda e nos mostra finalmente o que no livro anterior pareceria apagado. A posição de uma classe enfim manifestada ao nível da escrita.
ALMEIDA FARIA RUMOR BRANCO *(Portugália Editora)*	Mais uma reedição que foi também um livro novo. Um texto que ficou sem dúvida mais sereno, menos adjectivado. Um equilíbrio que se conseguiu.
ÁLVARO GUERRA A LEBRE *(Prelo Editora)*	Uma escrita que se nos mostra «cansada». Uma inabilidade que é também o resultado de um trabalho deficiente.
RUBEN A. PÁGINAS VI *(Parceria A. M. Pereira)*	Um escritor quase condenado á originalidade.

poesia

RUY BELO HOMEM DE PALAVRA (S) *(Pub. D. Quixote)*	Um poeta que se desencontrou. Um livro falhado, por vezes equívoco, mas que conserva alguns dos traços que fizeram de «BOCA BILINGUE» uma experiência conseguida.
LUIZA DUCLA SOARES CONTRATO *(Iniciativas Editoriais)*	Um livro visívelmente datado. As marcas de geração de 61 chegadas com quase dez anos de atraso. Uma voz de que se fica á espera de mais conseguida manifestação.
ANTÓNIO JOSÉ FORTE UM POEMA *(in «Grifo»)*	Um grande poeta silencioso e silenciado. Um poema de que ninguém falou mas que foi talvez o grande acontecimento deste ano.
EGITO GONÇALVES O FÓSFORO NA PALHA *(Pub. D. Quixote)*	A metáfora como um dos lugares privilegiados desta poesia. Uma aventura que se continua, embora, cremos, sem grandes oscilações.
JOÃO J. COCHOFEL UMA ROSA NO TEMPO *(Iniciativas Editoriais)*	«Outros serão / os poetas da força e da ousadia». Uma poesia «modesta» e silenciosa de um poeta que raramente se deixa ouvir.
NATÁLIA CORREIA AS MAÇAS DE ORESTES *(Pub. D. Quixote)* CÂNTARES DOS TROVADORES GALEGO-PORTUGUESES — Adaptação *(Ed. Estampa)*	Uma antologia e um trabalho de transposição dos cantares dos trovadores que, apesar das dúvidas que nos levanta, não queremos deixar de considerar valioso.
ANTÓNIO R. ROSA NOS SEUS OLHOS DE SILÊNCIO *(Pub. D. Quixote)*	Um trabalho que se prolonga e cada vez com maior rigor. Uma unidade e um equilíbrio não encontrados em livros anteriores.
SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN ANTOLOGIA *(Moraes Editores)* GRADES *(Pub. D. Quixote)*	A 2.ª edição de uma Antologia que é a história de um percurso a rever criticamente. «Grades» (editorialmente pouco honesto) é a recolha dos «poemas políticos» dispersos em livro [illegible] os.
JOÃO RUI DE SOUSA MEDITAÇÃO EM SAMOS *(Galeria Panorama)*	O resultado de uma meditada prática escritural. Um trabalho que não foi no entanto até onde poderia ter ido.
FIAMA H. P. BRANDÃO (ESTE) ROSTO *(Iniciativas Editoriais)*	Um livro que nos põe «sérios» problemas de leitura. Dos discursos que se entrelaçam, como o próprio título gráficamente assinala. Um ano que se encerra sobre [illegible] manifestações.



ensaio

ANTÓNIO J. SARAIVA MAIO E A CRISE DA CIVILIZAÇÃO BURGUESA *(Pub. Europa-América)*	O saudosismo de um «emigr[illegible] que [illegible] a distância deslocou as prespectivas. Um livro [illegible] apresenta algumas propostas de discussão ma[illegible] na generalidade, nos aparece perigosamen[illegible] voco. Um livro não suficientemente discut[illegible] vez mesmo não suficientemente combatido en[illegible] da divulgação que veio a ter.
MÁRIO SACRAMENTO FERNANDO PESSOA — POETA DA HORA ABSURDA *(Editorial Inova)*	Uma reedição de há muito esperada. Uma [illegible]tura de Pessoa. Portanto um texto a rever e discutir. Uma proposta que o próprio autor de[illegible] poder aprofundar.
GEORG RUDOLF LIND TEORIA POÉTICA DE FERNANDO PESSOA *(Editorial Inova)*	O resultado de um longo trabalho de investigação e estudo. Outra proposta para a leitura de um poeta que as permite muitas.

Cont. da pág. 1

rio não resolveram: nos Beatles piedosamente se venera a juventude que a poluição, o cancro, a bomba e o esgotamento nervoso tornam um privilégio de poucos.

Trata-se de engarrafar toda a juventude do Mundo, aproveitá-la e bebê-la nos santuários do consumo: para isso se inventam cinemas como o 444 e filmes como *Let it Be;* para isso se cria o *streap-tease* ou o *deus-frescura* que desce ao Sinai entre trovões e relampagos; para isso, os espectáculos como *Hair* e *Oh Calcutah!* em que predominam espectadores de idades médias e avançadas; para isso, a ilha de Wight e o Festival de Woodstock. A importância de tudo isto, ó deuses imortais, quando se tem que comer pescada congelada, nabiças enlatadas e, em breve, bifes de plástico!...

A TEOCNOCRACIA

Eis a religião das coisinhas frescas depois da religião do céu e do dinheiro. Que não acabaram, claro! (como aliás sempre existiu o deus jovem chamado *Eros* na Grécia, *Cupido* e *Vénus* em Roma, etc. em etc.) Da mesma guisa que esta religião do Céu e do Ouro continua, sem prejuízo para a dos Beatles. É ver:

Os Beatles — quem é que não sabe? — têm *a Grande Manifestação* da Sua Divindade no regresso a uma espiritualidade oriental, a uma mitologia primitiva de oração, de amor universal, de paz pela paz, de Kenosis para-cristã e não sei que mais.

Os Beatles — quem é que não sabe? — são milionários. E entram na religião dos que adoram o bezerro de ouro, de palmas erguidas, enquanto Moisés sobe ao Sinai e J. Cristo ameaça que não podeis servir a dois senhores, Deus e o dinheiro.

A esta religião ecléticamente simples podemos dar o nome de TEOCNOCRACIA que Humpty Dumpty cínico e ingénuo interpretará como uma mistura de *Teocrata e tecnocracia,* aquele sistema que precisa de Deuses e de progresso; que consome dinheiro e consome deuses; que adora deuses e adora dinheiro; *que diz que não liga a deuses e também não liga a dinheiro.*

Desses se enche todas as noites o Estudio 444.

Além desses há os que ligam ao dinheiro, porque o ganham com o suor do rosto,

os que acreditam em Deus, porque assim como assim, pelo menos o diabo tece-as,

e os que praticam masoquismo em casa: Alice no País do Espelho.

E eu gosto muito da liberdade de religião.

MANUEL JOÃO GOMES

RESPOSTA, A PEDIDO

Folhetim-artístico de José-Augusto França

MEU caro Rocha de Sousa

Com muito gosto assegurei ao Presidente da Secção Portuguesa da A.I.C.A. que aquele revólver aperrado que apontado lhe era em ilustração do seu prezado artigo em carta-aberta, não era de sua mão nem em sua mão estava. Devo dizer-lhe que facilitou o convencimento o facto de outra ilustração pôr um sujeito a bracejar — que também, verosimilmente, não era Você. O trajo logo evitava a suposição, mesmo sem reconhecer a mão do Leonardo em vez da sua — como no outro era de identificar a «écriture» (como dizem os críticos de arte) do Liechtenstein.

Fiquei um tanto incomodado de ver uma arma de fogo com tal gana empunhada na sua prosa, logo por debaixo da minha — e até me passou pela cabeça que alguma bala perdida me tivesse levado para o diabo umas palavras de que dei por falta no meu folhetim. Nessas coisas de pistolas, meu caro Rocha de Sousa, nunca fiando... Lembro-me sempre do Millan Astray empunhando uma aos berros histéricos de «abajo la inteligencia!». Não se referia ele sòmente aos críticos de arte.

Estou certo, porém, de que o «colt» voltará pacatamente para o coldre, e de que não havia má intenção no boneco. Sequer qualquer alusão a atiçadas guerras que a alguns críticos sejam movidas por alguns artistas — justamente, como é natural e humaníssimo, por aqueles que (provàvelmente por modéstia de talento) menos elogios e mais censuras, tácitas até, tem recebido. A carne é fraca, diz-se, e ainda mais, por certo, o espírito...

PESSOALMENTE, devo dizer-lhe que não acredito na sinceridade de tais guerras. Imagine Você, que pinta e ensina futuros pintores, o que seria dos artistas num mundo em que os críticos sobre eles não escrevessem ou falassem. Ou num mundo, ainda pior, em que só eles mùtuamente se tratassem da saude — oficiais do mesmo ofício, concorrentes e estrategas possíveis no mesmo consumo, empenhados na própria vida criativo-comercial, juízes e partes ao mesmo tempo! Ponho de lado, horrorizado, tal visão — lembrando-me até

de velhos versos do Jorge de Sena falando *(mutatis mutandis)*, dos «artistas na leprosaria, inspeccionando as chagas uns dos outros»...

...Mas isto são prosa e opinião minhas, particulares e de folhetim, bem à margem da resposta que o Presidente da A. I. C. A. portuguesa, por dever de ofício, noutro local dará à carta que que lhe foi dirigia. Cada um de nós tem o seu ofício — o do dito presidente mais grave e mais sisudo que o meu. Nenhuma confusão entre ambos — e prefiro, com certeza, o que tenho aqui. Por outras e mais sábias palavras: o divertimento para mim, a chatice para ele. E ainda há quem o inveje — oh Portucalenses, meus meio-irmãos!

N. R. — São da exclusiva responsabilidade do coordenador deste Suplemento as vinhetas que ilustraram, a 24 de Dezembro último, a «Carta à A. I. C. A.» do nosso colaborador Rocha de Sousa. Necessidades da paginação e o aspecto gráfico, bem como o propósito de (já agora...) tentar-se através da ilustração garantir o interesse do maior número possível daqueles leitores não forçosamente interessados, á partida, na matéria em causa, estiveram na base da iniciativa. O facto de tais vinhetas, apresentadas regularmente no Suplemento Literário, justificarem por vezes controvérsia e até, neste caso, servirem de base ao folhetim-artístico de José-Augusto França, deve-se à pouca atenção que alguns dos nossos prezados colaboradores dedicam ao complemento gráfico dos seus artigos, apesar de para tal solicitados e sempre no objectivo de um maior impacto junto do público leitor. O critério de escolha das ilustrações torna-se, deste modo, difícil e... discutível. Mas não vemos, na circunstância, que outra atitude tomar, já que mantemos o parecer de que, num jornal e entre nós, largas manchas de prosa cerrada afugentam — qualquer que seja o teor da matéria exposta — a curiosidade e o correspondente possível interesse da grande maioria dos leitores, junto de quem pretendemos fundamentalmente actuar. Mesmo num Suplemento que, por ser literário, não deve, segundo nossa opinião, circunscrever-se ao âmbito dos (infelizmente poucos) privilegiados da cultura. Aproveitamos pois a oportunidade para solicitar pùblicamente a esses nossos colaboradores um pequeno esforço suplementar quanto a um aspecto do trabalho intelectual, que reputamos de interesse comum — para uma maior eficácia e resultados porventura mais frutuosos.

Resta acrescentar que, efectivamente, não houve «má intenção» na escolha das vinhetas em causa.

ACABA DE APARECER A

3.ª EDIÇÃO DE

MEMÓRIAS DUMA NOTA DE BANCO

Romance de JOAQUIM PAÇO D'ARCOS

Editado nos Estados Unidos, em Espanha e em França e destacado na selecção de «Le Figaro Littéraire» entre os romances de maior êxito

«Um bom romance realista. Tudo é inventado, tudo é verdadeiro. Pode-se invejar a esta nota de banco o seu conhecimento da natureza humana. E, através as personagens muito características, reconstitui-se uma sociedade ocidental entre 1940 e 1960. Em resumo, o livro dum moralista, escrito com uma **verve** verdadeiramente voltairiana.»

Roger Giron — *France-Soir* — 10 de Abril de 1968, na crítica à edição francesa

GUIMARÃES EDITORES — Rua da Misericórdia, 68 — LISBOA

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

prontuário das letras

A poesia em força

Salvos das águas depois de quinze dias em que não pudemos pôr o nariz de fora, aqui estamos para desejar um bom ano (literário) e a aprovação superior dos estatutos da Associação Portuguesa de Escritores, ideia parada desde pelo menos Março de 1970.

A começar, algumas notas sobre o fim do ano poético. Salientamos desde já o atraso na saída de *Poesia IV*, de José Gomes Ferreira, parece que à espera do respectivo disco (etiqueta Philips): enfim tudo regularizado, livro e disco, e com boa venda. Quanto à jovem poesia, gostaríamos de chamar a atenção para o bastante anunciado e ainda bem *(Este) rosto*, de Fiama Hasse Pais Brandão, imprescindível em qualquer biblioteca que se pretenda actualizada; e para o quase nada anunciado *Do agregado sentimental*, de António Torrado (Livros Época, Colecção Linguagem), idem, idem. Torrado é bem a revelação poética de 1970, depois de episódica colaboração na *Antologia de Poesia Universitária* (Portugália, 1964), quando ainda assinava António Freire Torrado. Os mesmos Livros Época, que já nos haviam dado este ano um excelente *Corpo agrário*, de Nuno Guimarães, recuperaram do (relativo) silêncio o poeta algarvio Casimiro de Brito, de quem lemos *Mesa do amor*.

Este primeiro Prontuário de 1971 não quer deixar de registar ainda *Daniel na cova dos leões*, de Pedro Tamen, na série de poesia da Moraes, que também lançou uma 2.ª edição da *Antologia* de Sophia de Mello Breyner Andresen; a tradução de Aimé Césaire pelos Cadernos de Poesia da D Quixote, selecção e versão de Armando Silva Carvalho (fala-se de Césaire para um hipotético próximo Nobel, que talvez contemple de preferência o ex-ministro Malraux ou o futuro embaixador Neruda); a tradução de *50 Haiku* por Paulo Rocha (está ou tem estado no Japão) com a colaboração de António Reis e grafismos (caligrafias) de Yukie Kito; um novo livro de poemas de Henrique Segurado, *Ressentimento dum ocidental*, na Galeria Panorama; uma recolha de José Valle de Figueiredo, *Poemavra* (Verbo), rescendendo a leituras brasileiras, especialmente de Mário Chami e dos homens da Praxis; e os *Telepoemas*, de Vimala Devi.

No que se refere a planos, surgirá brevemente no Porto uma nova colecção poética, Agora, abrindo com *Viola interdita*, de Manuel Alberto Valente, e prosseguindo com *Gracejos à solidão*, de Margarida Losa, *País ignorado*, de António Manuel Lopes Dias, e *Ainda não é o fim nem o princípio do mundo calma é apenas um pouco tarde*, de Manuel António Pina.

Os prosadores

Vários prosadores estiveram em foco nas últimas semanas. Referência muito especial merecem-na António Rebordão Navarro, que em prazo «record» viu editado (pela Europa-América o seu romance vencedor do Prémio Alves Redol, *«Um infinito silêncio»*, sobre o qual a crítica parece tardar a pronunciar-se (e Rebordão Navarro nas tintas: escreve uma nova obra de ficção e prepara também um volume de poemas); e Rogério de Freitas, que não publicava prosa há dez anos bem medidos mas regressa agora com uma densa e comovente *«Memória destruída»*, edição da Signum, por onde perpassam as linhas de força da nossa história recente e onde se descobre um inusitado amplo fôlego memorialista, tão fora dos nossos hábitos.

Registámos também um romance mais de Joaquim Lagoeiro, *«Almas danadas»* (Minerva); a estreia de um prosador, Manuel Jacinto Pereira, com *«Dez histórias de amor e desencanto»* (Parceria António Maria Pereira); o volume colectivo *«Histórias de Natal»*, da Editorial Estúdios Cor, com textos de Redol, Abelaira, Sena, Urbano, Mourão-Ferreira, Manuel da Fonseca, Sophia Andresen, Isabel da Nóbrega, Natália Nunes, José Gomes Ferreira, Rodrigues Miguéis e Domingos Monteiro; e o novo livro de Santos Fernando, *«A sopa dos ricos»*, maciçamente vendido apesar de ser a primeira das suas dez obras a sair em edição do autor. No capítulo das traduções terá sobressaído o terceiro Gorki da Início, *«Ganhando o meu pão»*, e *«Pavilhão de cancerosos»*, de Aleksander Soljenitsine, na D. Quixote.

Lá fora lêem-se os portugueses. Namora na Checoslováquia *(«Domingo à tarde» — «Vnedelu podvecer»)* e pròximamente na Venezuela (contrato feito para um país que muito nos desconhece); Redol na Hungria *(«Fanga»*, edição prevista para 15 mil exemplares). O mesmo Namora elevou a tiragem de *«A noite e a madrugada»*, 6.ª edição, para a casa dos 20 mil.

Textos auxiliares

Enquanto a Portugália lançou *«A estrutura de Os Lusíadas e outros estudos camonianos e de poesia peninsular do século XVI»*, de Jorge de Sena, os Estúdios Cor puseram nos escaparates o primeiro volume da *«História do romance português»*, de

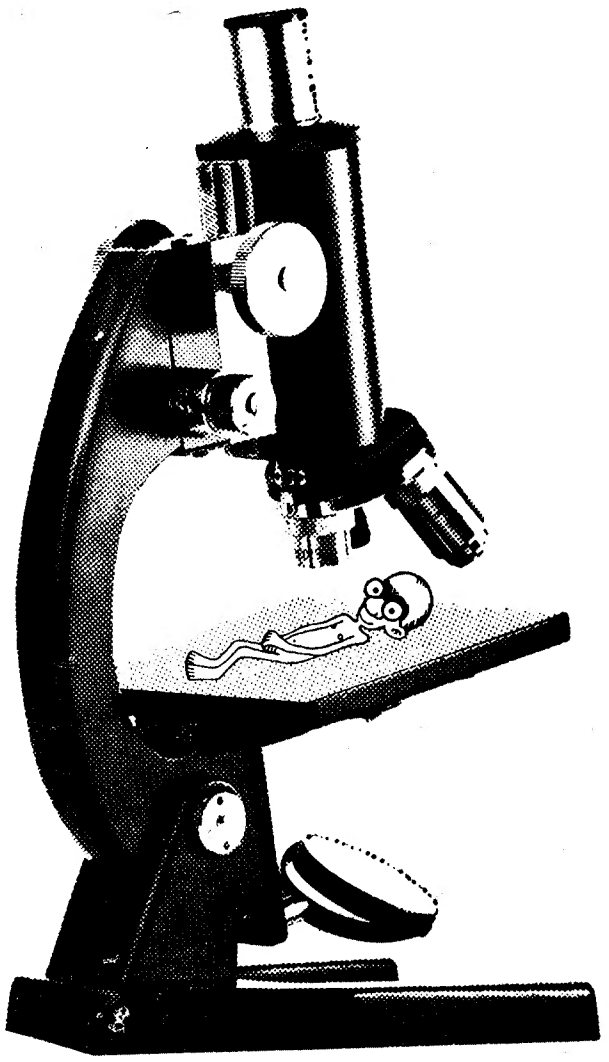
Jorge de Sena

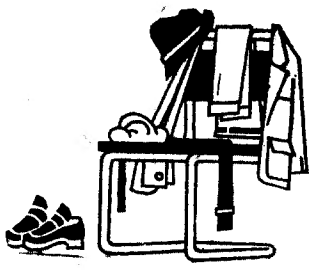
João Gaspar Simões. Em Coimbra o editor Arménio Amado fez sair a quinta edição de *«Análise e interpretação da obra literária»*, de Wolfgang Kayser, título que tem rendido farto dinheiro. Com a chancela da Inova registámos a segunda edição de *«Os afluentes do silêncio»*, de Eugénio de Andrade, agora com um novo texto. A importante recolha da polémica *«Bom senso e bom gosto»*, que Alberto Ferreira fez para a Portugália, chegou ao quarto volume: boa ocasião para nos vermos em corpo inteiro e sem postiços há cem anos.

Feito e por fazer

Muita coisa terá que ficar para o próximo Prontuário, embora se deva, *in extremis*, dizer que a *«Vértice»* dedicou a Alves Redol o seu volume de Novembro-Dezembro (n.os 322-323), monumento biobibliográfico inestimável para os estudiosos do malogrado escritor vila-franquense, e que saiu o n.º 5 da revista *«Península»*, tenaz no seu esforço de aproximação luso-espanhola mas desta vez propondo algum material desactualizado.

Dos vários programas para o ano em curso, e sem esgotar por agora o assunto, levantamos uma ponta do véu: teremos José Cândido de Carvalho *(«O coronel e o lobisomem»)* e dois Steinbeck nos Livros do Brasil; *«Arte combinatória»*, de M. S. Lourenço, na Moraes; a segunda edição revista e aumentada das *«Líricas Portuguesas»*, 3.ª Série, de Jorge de Sena para a Portugália; e volumes de Fernando Namora, Vitorino Nemésio, Branquinho da Fonseca e Agustina Bessa Luís na Biblioteca Básica Verbo-Livros RTP.





UMA CARTA DE JOÃO ABEL MANTA

NO SEU PENÚLTIMO «folhetim artístico» do Suplemento Literário do «Diário de Lisboa», refere-se José Augusto França sucintamente à minha pessoa (não citando delicadamente o nome), a propósito de um inquérito realizado pelo «Diário Popular» (1) a que respondi, atacando a actividade de alguns membros da chamada Secção Portuguesa da Associação Internacional dos Críticos de Arte, entre os quais ele figurava.

Para neutralizar esse ataque, França (a quem as bolas de neve não convêm), utiliza o processo simples e eficiente de, em vez de se defender, dizer mal de quem o ataca. E assim, nessa referência, exprime em meia dúzia de linhas, e sem vir muito a propósito, a sua opinião desfavorável sobre parte da minha actividade como artista plástico, opinião a que, como crítico de arte, tem pleno direito, e fornece seguidamente uma informação torpezita de ouvido acerca da minha actividade como arquitecto, a que já não tem direito algum, e que eu, veementemente e muitíssimo a sério lhe aconselho a não voltar a repetir irreflectidamente em público, para evitar rixas pessoais desequilibradas e, portanto, deselegantes, ou questões legais e sindicais incómodas e morosas. Por agora, tomarei a coisa como gaffe estúpida, e tentarei ignorá-la generosamente.

Com o seu primeiro e de direito parecer, pretende por conseguinte França, ao que suponho, demonstrar como lhe é indiferente e portanto inconsequente, a opinião que sobre a sua pessoa ou sobre uma organização que lhe é cara, possa ter alguém que ele não preza. Se se trata disso, a demonstração é impecável e indestrutível.

Coloca-me ele porém numa posição desvantajosa perante algumas pessoas amigas que poderão ignorar ainda ser esse rigorosamente o meu raciocínio, frente aos escassos juízos que França teve, tem ou possa vir a ter a meu respeito.

Sou assim forçado a, por meu lado, tornar pública a *minha* opinião sobre França, ou mais correctamente, a minha opinião sobre a sua actividade no campo da investigação e da crítica literária das artes plásticas e que resumidamente também, é a seguinte:

Como escritor acho-o francamente inábil e, sobretudo, pretensioso; cansativo na sua ânsia permanente de autopromoção, patético na sua procura de um humor que nele não é fluente, que não resulta.

Como crítico e «scholar», considero-o desajeitado e pedante, receptáculo de uma cultura que em 70 é inadequada, por absurdamente condicionada que é às necessidades das suas ambições pessoais, aos seus secretos gostos provincianos, às suas já obsoletas convicções, ao seu eterno deslumbramento saloio por esse centro de arte de tão escasso interesse, que é o Paris de hoje. Tudo isto piorado por uma incapacidade congénita de uma leitura correcta de qualquer obra de arte, que atinge por vezes as raias da oftalmoplegia.

A opinião, portanto, que um sujeito de quem eu penso todas estas lamentáveis coisas possa ter a respeito da minha obra, é-me òbviamente tão indiferente como lhe é indiferente a que eu tenho sobre a sua.

E isto encerraria definitivamente pela minha parte esta, até agora, tão injucunda questiúncula, se não se levantassem duas dúvidas que em consciência tenho mesmo que levantar, e que são:

1) Terei eu direito, em boa verdade, de pùblicamente, exprimir a minha opinião desfavorável sobre a actividade crítica de José Augusto França? Isto é, serão os meus direitos iguais aos dele?

2) Terei eu de facto, perante a minha consciência, autoridade para me permitir uma opinião desfavorável de José Augusto França?

Em relação à primeira, e sem procurar outras razões, direi apenas que a mera qualificação de artista plástico a que tenho jus, por ter obra aceite como válida e com nível por pessoas imensamente mais idóneas e competentes que França, *me dá o direito de criticar qualquer crítico de arte.*

Para responder à segunda, sou infelizmente forçado a dar o flanco e a cair no feio pecado, com que França perde todos os dias o céu, e que é o pecado da presunção e o vício do auto-elogio. Mas porque não há outra saída tenho de confessar que (vai já para vinte anos), no campo das artes plásticas e em muitos outros, me tenho por bastante mais bem apetrechado teòricamente que França e me sinto (não obstante o acanhamento que isso me causa) possuidor duma bagagem cultural das coisas visuais e literárias, extremamente mais eficaz, funcional, e *a la page*, até porque auxiliada por uma aptidão de leitura dos objectos de arte, que me foi eficientemente imposta quase desde o berço, e a que França, em minha opinião, não poderá nem remotamente aspirar.

E, por favor, não me venham, para corroboração deste panache, exigir aquilo que ingénua e pitorescamente se designa cá na terra por obra crítica e erudita dos fenómenos das artes plásticas. Essa bagagem utilizo-a, como a utilizam outros colegas, para tentar penosamente desenterrar algumas difíceis verdades das coisas realmente importantes nas *Artes*, coisas que estão perfeitamente fora do âmbito e compreensão duns teoricositos pomposos e medíocres que ainda utilizam com maiúscula, terminologias pirosas e estanques, como O Pintor, O Colador, O Escultor, O Desenhador, O Aguarelador, O Ilustrador, O Guachador, etc.

Se este alarde de superioridade que me permiti para levar a minha avante perturbasse França, o que, conhecendo a sua auto-suficiência, suspeito não acontece, e ele o pretendesse contestar, sou, porém, forçado a admitir que a sua posição seria injustamente desfavorável.

A verdade é que França é uma figura de ribalta, que faz o seu *strip-tease* intelectual regularmente em jornais, revistas, livros, conferências, aulas, colóquios. A sua biblioteca, os seus arquivos, os seus papéis, as suas viagens, em resumo, a sua cultura e as suas ambições (e ele bem se encarrega de as propagar) estão implícitas nas suas actividades públicas e portanto sujeitas à desagradável inevitabilidade das opiniões. Qualquer indivíduo atento, com uns tostões para livros e revistas e com paciência para o ouvir, pode de facto conhecer França.

Em contrapartida, eu, bicho do mato, só escrevo, e sempre com dificuldade, para uso interno, não torno públicas as minhas íntimas convicções, nem, prudentemente, sujeito a testes os meus conhecimentos teóricos. França conhece-me mal, nunca lhe fiz confidências, temos poucos amigos comuns, nunca me esgravatou os livros, as revistas, os arquivos, os papéis, como eu lhos esgravato descaradamente nas entrelinhas da sua prosa.

Perante a barreira deste desconhecimento, França se me quisesse destruir a basófia, teria de facto que inventar, o que é feio e perigoso. Caso contrário não terá outro remédio senão engolir a afronta, de que existe alguém em Portugal que se considera melhor que ele.

Lá na sua, pensa evidentemente que a cultura dum indivíduo se reflecte na sua obra, e que a minha, gargalha, pelos vistos não beneficia. Eu, obstinado, continuo a não aceitar a opinião crítica de França pelas razões expostas, ocorrendo-me simultâneamente em flash mais 3 ou 4 nomes de intelectos afins, por quem (inverosímil!...) ainda consigo ter menos consideração.

França tem evidentemente condecorações, títulos, diplomas, passaportes, bibliografia para me esmagar. Eu, do alto da minha informação e das minhas firmes convicções, sei por meu lado que os centros culturais e os organismos donde lhe vem toda essa «camelote» pouco valem, que a sua cidade e língua preferida já estão ao alcance de qualquer emigrador de Freixeda do Torrão e que a sua obra é de terceira.

Enfim, um beco sem saída...

Antes, porém, de terminar estas linhas, quero apenas prevenir França ou coléricos admiradores de França, que não irei, mesmo que instado com indignados protestos, alimentar folhetins e cronqueiros, em debates bairristas Já perdi demasiado tempo a tratar com sisudez alguém que (palavra de honra), já nos meus verdes anos do Largo da Biblioteca eu pouco tomava a sério. Daqui em diante, portanto, e no que respeita a este assunto só adiro a folguedos.

Nada disto vai evidentemente abalar o, sólido nacional e frágil parisiense, prestígio de J. A. França, nem pelo que me toca, aquele prestígio que me interessa preservar. Que um muro de desconsideração mútua continue, portanto, a cair, como até agora, sobre as nossas tão afastadas e diferentes pessoas.

Dentro dos limites que a lei, e fundamentalmente a civilidade permite, continuarei como é óbvio a «dizer mal do França», até porque isso já constitui um tique da nossa profissão. Fá-lo-ei, no entanto, tristemente ciente de que a sua resposta será sempre o desdém e a indiferença.

França é porém, repito, um homem público, cada vez que escreve uma linha e a publica, ou faz uma conferência, ou domina um colóquio ou organiza qualquer coisa, como eu o sou, cada vez que faço um risco e o mostro. Está portanto como eu e todos os que penamos nestas lidas, sujeito à incansável e inexorável crítica jornalística.

Como caricaturista e cartoonista, portanto crítico jornalístico, que entre muitas outras coisas também sou, é portanto natural que, cada vez que isso se torne necessário, eu me debruce sobre a silhueta (assaz sedutora, diga-se com justiça, para este tipo de sátira gráfico-literária) de José Augusto-França.

Mas evidentemente, porque também eu sou exigentíssimo na escolha dos meus inimigos, sempre,

sans rancune

JOÃO ABEL MANTA

---

(1) Porque pressenti uma ténue ironia quando França cita, sem nomes, os dois periódicos em que surgiram os primeiros ataques sacrílegos à AICA portuguesa, relembro que foi num desses periódicos, em entrevista com retrato a óleos pesados e tudo, que França teve a terminar este desabafo e esta ameaça que, infelizmente para as artes e felizmente para a literatura, ele ainda não levou a efeito:

Qualquer dia reformo-me, pego em manuscritos antigos, leio-os, deito-os fora — e recomeço a escrever ficção...

O Presidente da Secção Portuguesa da Association Internationale des Critiques d'Art responde a uma Carta-Aberta

Com o pedido de publicação recebemos o seguinte texto, em resposta ao que foi inserto neste Suplemento, em 24 de Dezembro último.

Prezado Confrade Rocha de Sousa

COM MUITO GOSTO os membros da Comissão de Candidaturas da secção portuguesa da A. I. C. A. o receberam nesta associação profissional e cultural, por unanimidade, tal como receberam, ao mesmo tempo, o dr. Manuel Rio-Carvalho e Egídio Álvaro. Com gosto também viu a direcção que conversas particulares com o dr. R. M. Gonçalves e o arq. Nuno Portas o moveram agora a interessar-se por fazer parte da associação.

Estou certo de que muitos dos nossos confrades têm apreciado a sua actividade de crítico e eu próprio me lembro, com prazer, das palavras de incentivo que lhe dirigi há alguns anos, quando começava essas actividades nas colunas do «Jornal do Fundão».

A carta que fez o favor de me endereçar só o honra pelo louvável espírito de independência que revela.

Outro interesse ainda ela tem, que é o de permitir desfazer algumas interpretações, de má informação se não de malícia, que certas pessoas têm posto a correr sobre a acção da A. I. C. A., e que o confrade me transmite, numeradas de 1 a 6.

Com efeito, não usa a A. I. C. A. de meios discutíveis, ou indiscutíveis, para *impor* seja o que for: aceita convites para participar em acções culturais, ou propõe outras acções, conforme entende dever fazer. Nenhum *litígio*, de nenhuma espécie, existiu, existe, ou pode existir entre a A. I. C. A. e a «classe dos artistas» — antes ela tem procurado servir a dita «classe», fomentando prémios, aquisições, expansão no estrangeiro através de uma publicação que é únicaem Portugal, a «Pintura & Não». Não pratica a A. I. C. A. qualquer *dirigismo cultural*. Não creio que a sua condição de artista o iniba de uma verdadeira actividade crítica «esclarecida, capaz e independente» como diz, nem vejo que o facto de pertencer à A. I. C. A. o impeça de pertencer a outras associações, culturais ou não, ou a quaisquer grupos.

Estes esclarecimentos põem no seu devido plano de simples ou complicada opinião pessoal, *que não cabe ao presidente da Secção discutir*, as conclusões que desejou tirar de suposições inversas. Resta a observação que justamente faz de a A. I. C. A. não fomentar um espírito de equipa entre os seus membros; observação que, com prazer o constato, se opõe a miúdas acusações e intrigas que à A. I. C. A. têm sido feitas. Assim é — exactamente porque a A. I. C. A. não é uma equipa de trabalho mas uma agremiação de críticos e historiadores, profissionais, tanto quanto conjunturalmente é possível, cada qual com a sua formação e as suas opiniões. O que fica, aliás, provado, por aquelas que o confrade acaba de expender.

Quanto às razões que o levaram agora, certamente para benefício de todos nós, a entrar na A. I. C. A., felicito-me com o acerto de algumas delas. Sem dúvida o aumento do número de sócios poderá contribuir para uma melhor definição da «função crítica», e para uma maior abertura de espírito em relação às actividades artísticas, ou a conceitos de modernidade. Na verdade, quanto mais — melhor e maior, se poderá dizer.

Já não me parece que com a sua entrada venha a A. I. C. A. «a ultrapassar a circunstância de se tratar de uma simples associação de críticos» — na medida em que ela é, *estatutàriamente*, uma simples (ou complexa, depende do ponto de vista) «associação de críticos» organizados internacionalmente. Como tal a UNESCO a reconhece e não cabe à secção portuguesa alterar o que é «definição» ou «situação» e não «circunstância».

Também (e felizmente) não é a entrada do Rocha de Sousa que fará «admitir de forma iniludível a capacidade dos artistas para a actividade crítica». Devo lembrar-lhe (sem supor que haja na sua ideia qualquer menosprezo por eles) que já outros artistas com actividade crítica fazem parte da A. I. C. A. portuguesa: três arquitectos e um pintor, aliás também arquitecto.

Devo ainda chamar a sua atenção para a falta de sentido de falar em «os artistas», o que gramaticalmente implica *todos os artistas*. Estou certo de que as palavras ultrapassaram o seu pensamento — e logo ficaremos de acordo se ambos falarmos em «alguns artistas». Para lhe dar um exemplo da necessidade do partitivo, lembraria que o facto de o Rui Mário Gonçalves que bem conhece, ser licenciado em ciências físico-químicas não pode, em boa verdade, significar que os *(todos os)* licenciados em físico-química sejam capazes de exercer a crítica de arte. Digamos que alguns, sem querer saber quantos.

De qualquer modo, os quatro artistas «doublés» de críticos, acima citados, constituíam, em 1970, um terço dos doze membros da secção. Com a sua entrada em 1971, teremos cinco artistas-críticos constituindo igualmente um terço dos quinze membros que a secção terá no próximo ano. Não creio que algum outro caso, neste momento, se apresente — mas com todo o interesse a Comissão das Candidaturas (onde a direcção tende a ser, por princípio do regulamento, minoritária) receberá qualquer boa sugestão sua.

Outro ponto, ainda no n.º 5 das suas razões, me parece merecer correcção — e aí peço-lhe licença para o esclarecer, (não como presidente duma secção nacional mas como vice-presidente do próprio organismo internacional. Trata-se de a sua entrada poder representar (como diz) a possibilidade de «os artistas melhor se representarem num organismo de tal natureza». Essa possibilidade não existe, pois a *A.I.C.A. como o seu nome indica, não tem representação de artistas mas sim de críticos de arte*. Para isso é que ela foi constituída e oficializada internacionalmente. Os artistas, esses, têm um organismo paralelo: a Association Internationale des Arts Plastiques (onde os críticos não têm, naturalmente, cabimento), tal como os arquitectos têm a UIA, os museólogos a ICOM, os historiadores de arte o CIHA. Nada impede, é claro, de pertencer a dois ou mais organismos quando duas ou mais profissões se pratiquem. Há membros da AICA portuguesa que são da UIA, eu próprio pertenço também ao CIHA — e o Rocha de Sousa muito bem poderá inscrever-se, como pintor que é, na AIAP, quando ela vier a organizar-se entre nós, facto de resto desejável.

Na A.I.C.A., foi ao crítico, aliás do «Diário de Lisboa», que tivemos o gosto de dar entrada: não poderíamos, por força dos estatutos, fazê-lo ao pintor, se ele crítico não fosse.

Mas, para além destas correcções que creio serem meramente de pormenor, e afinal de pequena monta, com muito agrado me detenho na sua razão última — da qual resulta uma boa justiça feita aos seus 14 confrades da Secção portuguesa e aos mil duzentos e tantos da A.I.C.A. em geral: que o ser sócio deste organismo «não afectará o seu comportamento habitual», reservando todas as suas capacidades intelectuais para, em louvável independência, criticar os seus próprios colegas, em suas decisões, senão em suas opiniões e opções.

«Estou certo de que a sua presença (mormente em qualquer posição directiva para que justamente algum dia seja eleito) poderá contribuir para melhorar aquelas, senão estas.

Volto a agradecer-lhe, em nome da secção a que presidi em 1970, o ensejo que me deu de prestar algumas informações e esclarecimentos sobre factos e situações tantas vezes (sabe-se lá por que razões ou tolices!) deturpadas. Creia-me, com a maior cordialidade, em 31 de Dezembro de 1970.

JOSÉ AUGUSTO FRANÇA
(Presidente da Direcção da Secção Portuguesa da A. I. C. A.)

...18 toneladas de lâmpadas!

Não são muitas nem são poucas — são apenas 1 200 000 — as necessárias para encher o nosso cargueiro Quick Change (Boeing 727 Q. C.) 18 toneladas de lâmpadas ou de maquinaria pesada, de perecíveis, de confecções, em suma, uma capacidade de 18 toneladas posta ao seu dispor para a exportação dos seus produtos sejam eles quais forem. O cargueiro da TAP é um moderníssimo equipado para ser totalmente utilizado no transporte de carga. Graças ao alto aperfeiçoamento técnico do equipamento, toda e qualquer mercadoria fica cuidadosamente acondicionada num sistema de contentores assentes em paletes especiais, do que resulta uma grande eficiência no serviço de transporte. O nosso cargueiro significa, pois, além de rapidez, segurança e máxima capacidade ao serviço de exportação: um passo de sete léguas na luta do país para atravessar o mundo em boa companhia!

MARCA 70

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

Lisboa - Porto - Frankfurt
Lisboa - Porto - Londres

a partir destes dois destinos a TAP assegura muitos outros, seguindo as mercadorias sempre em cargueiro

Consulte o seu Agente de Carga

Uma geometria pouco secreta

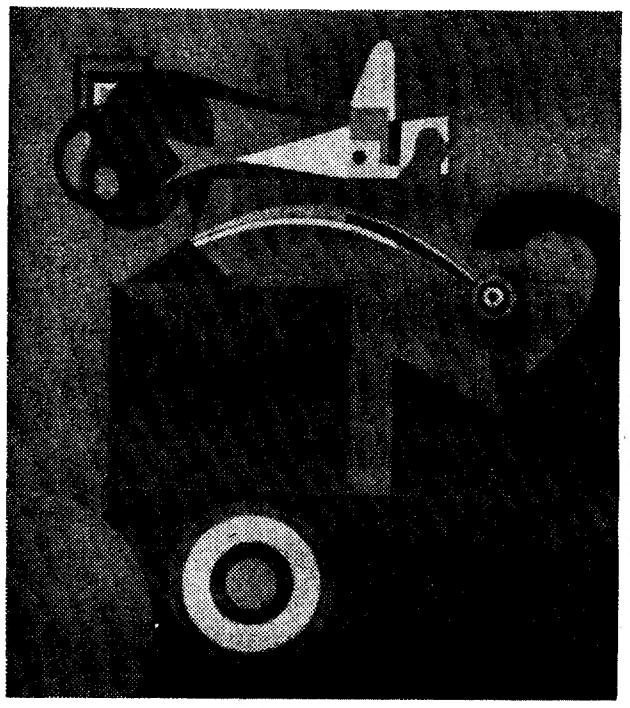
Cont. da pág. 8

Também ele percorreu inicialmente o mundo do visível com um sentido de apropriação quase imediato das aparências, procurando a breve trecho apenas as relações de harmonia que julgava encontrar nas estruturas naturais ou nas construções do homem. Trata-se efectivamente de uma atitude possível que se corresponde com a evolução da forma plástica dentro de certas correntes estéticas contemporâneas. Não de todas, com certeza, o que prova que a visão de uma época, sobretudo da nossa, é muito mais plural do que pode pensar-se — e com ela se acerta a necessidade de expressão dos artistas segundo temperamentos que estão longe de legitimar a geometria como o domínio por excelência das finalidades formais da obra de arte. Naturalmente que a geometria, até pelas relações matemáticas que implica e pelas coordenadas de equilíbrio que estabelece, sempre se constituiu como problemática relevante da pintura. São conhecidos, por exemplo, muitos traçados ordenadores da composição artística, consciente ou inconscientemente utilizados pelos artistas ao longo de épocas diferentes. Em certa altura a própria ordenação estruturalizante das formas ganhou ascendente sobre critérios anteriores que envolviam uma demorada evolução para as representações realistas. As propriedades constantes das formas geométricas pareciam poder ajustar-se a um tipo de comunicação mais eficaz, mais pura e mais despida de implicações narrativas, subtraindo a criação artística a pesadas subserviências quanto à identificação das formas reais, das acções históricas ou míticas. Acentuava-se naturalmente que a especificidade do fenómeno pictórico deveria ser respeitada para garantir a qualidade intrínseca da própria linguagem, determinação aliás correcta, mas que não se pode considerar em ordem absoluta. De contrário, teremos que a capacidade de exprimir os dados da experiência humana acabará por contrair-se até ao ponto zero, negando o próprio comportamento evolutivo do homem. A linguagem escrita, por exemplo, se se libertar de todas as impurezas que a necessidade de discurso pressupõe, ficará por completo inutilizada, transformando-se numa realidade outra e havendo de ser substituída por uma ordem diferente de valores de código. O mundo das imagens também se codifica, e não necessàriamente num único sentido — no sentido da geometria ou de geometrização, por exemplo.

Nadir Afonso prefere aquilo que ele chama harmonia àquilo que classifica de perfeição. Mas essa perfeição, na relatividade proposta, liga-se à própria necessidade de eficácia, à cobertura de certas funções e apelos. Isso liga-se, por outro lado, às reais condições do itinerário da existência humana e não se pode abandonar sem que resultem traídas certas exigências fundamentais que caracterizam e delimitam a acção do homem.

A pintura de Nadir Afonso recorre portanto à geometria, não apenas para a estruturação do quadro, para a definição dos seus equilíbrios, mas também para substituir as formas da realidade por figuras geométricas simples. Por vezes, o mundo real emerge dos contornos frios da pura geometrização. Quase sempre, no entanto, essa geometrização é corpo da própria obra, realizando-a para uma escrita abstracta de signos matemáticos. Retirando quase todo o mistério à organização cromática e linear, Nadir, embora fiel a uma clara coerência formal, basta-se frequentemente com a ordenação decorativa dos ritmos e dos movimentos essenciais definidos pelas formas, mesmo quando nivela estilizadamente as aparências do mundo urbano, quase as únicas que mais se aproximam da sua mobilidade inventiva pelo recurso à geometria. Pintura que visa o rigor, a permanência dos elementos simples fàcilmente reconhecíveis, a determinação do equilíbrio, da harmonia, do ritmo e do tempo, esta obra peca essencialmente por falta de uma densidade interna, pela ausência de uma pesquisa capaz de lhe acentuar as próprias qualidades. Ela é apenas aquilo que parece. Nunca se aproxima da exploração dos equívocos, das relações entre a colagem e a sua representação, da mobilidade aparente e real dos planos, da desmultiplicação do espaço, da dinâmica do estímulo óptimo, do confronto entre bidimensionalidade e tridimensionalidade. Fica quase sempre suspensa dos seus efeitos de superfície, não se comprometendo com os estímulos de raiz e permanecendo, por outro lado, incapaz, de um caminho de total ascetismo geométrico.

ROCHA DE SOUSA



Nadir Afonso: A Máquina *(1950)*

Depositar é uma operação rendosa

TAXAS DE JURO

Depósitos à ordem
(pessoas individuais)

Até 50 contos	3 % ao ano
Acima de 50 contos	1,5% ao ano

*

Depósitos a prazo
(entidades privadas)

6 meses, renovável	4,5% ao ano
1 ano, renovável	5% ao ano
18 meses, renovável	5,5% ao ano

Importâncias múltiplas de 1000$00 com o mínimo de 10 000$00

Os juros dos depósitos estão isentos de quaisquer impostos nos termos da lei.

O Estado assegura a restituição de todos os depósitos efectuados na Caixa, mesmo em casos fortuitos ou de força maior.

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

PERSO MUDA-SE (2)

por Alexandre O'Neill

JUSTA habituou-se à nova casa mais depressa do que desejava. Não queria esquecer a mansarda, nem os bons, os queridos ruídos da cidade. Quando o tio voltara dos vinte e cinco anos concentracionários, Justa aceitara deixar o asilo e ir viver com ele, o desconhecido. Perso é que a procurou, é que tomou conta dela, a ajudou a passar de menina cega entre meninas cegas a mulher, a companheira. E a mansarda fora o quadro de todas essas felizes mudanças na existência de Justa. Não podia trair a recordação da mansarda com a vida na nova casa, pois não?

Este leve desgosto da cega — a mansarda a sumir-se no tempo — compensava-o ela com as deambulações a que se entregava agora através da casa e do quintal. O silêncio, que quase podia sorver profundamente pelas narinas, era, afinal, um bom mensageiro. Quando o comboio em que Perso regressava, à tardinha, da cidade, confiava ao silêncio as suas gordas buzinadelas de órgão, Justa sorria e apurava o ouvido para o lado da estrada. Daí a pouco, o ruído do saibro pisado trazia-lhe a maior certeza da sua vida: Perso e o seu carinhoso abraço!

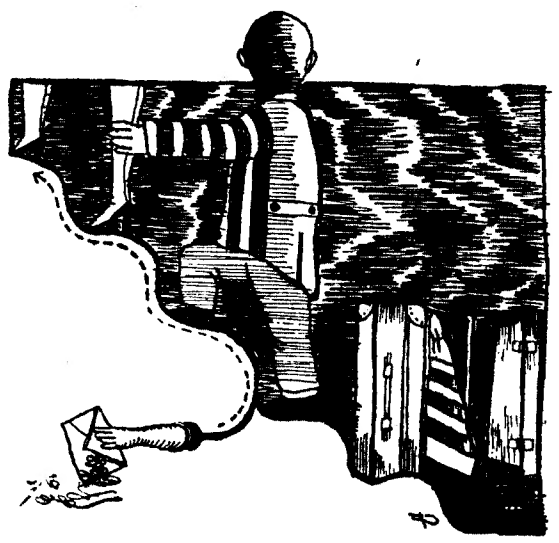
Naquela manhã do viver de Justa na nova casa, a cega, depois de mudar a água do bebedouro do periquito e de oferecer um dedo aos «bons dias!» bicados do pássaro, encaminhou os passos para o quintal. A sineta da porta da rua, puxada três vezes por alguém que dir-se-ia querer levar o prédio consigo, deixou Justa de pé suspenso, a meio da escada. Seu impulso foi subir correndo os degraus que estava a descer com brincado ademane senhoril. Quem punha tal urgência na tranquila manhã? Pensou no coração (bem fraco!) de Perso. Retomou, trémula, a descida.

À porta, um carteiro, que parecia ter por missão distribuir todo o correio antes que o mundo acabasse, entregou-lhe um bilhete-postal para Perso.

O bilhete-postal, escrito à máquina, não apresentava os bordos serrilhados nem trazia selo. Os dedos de Justa inquietaram-se sobre o rectângulo de cartolina. Seria um aviso remetido da escuridão concentracionária? E Justa ficou-se para ali às horas todas daquele dia, sem um apetite, sem um pio, os dedos retomando a cada momento a leitura impossível.

Quando Perso, saibro pisado, entrou, Justa, precipitadamente, disse «um postal para ti» — e sentiu que o mundo, tão penosamente reconstruído, ia desabar. «Ah!», fez a voz de Perso, «Já chegou o curso de inglês por gravador que te encomendei, my dear!».

As lágrimas da cega então soltaram-se. Perso, afagando-a, pensou que o curso de inglês estava e dar uma grande alegria à pobre da Justa.



UMA GEOMETRIA POUCO SECRETA

por Rocha de Sousa

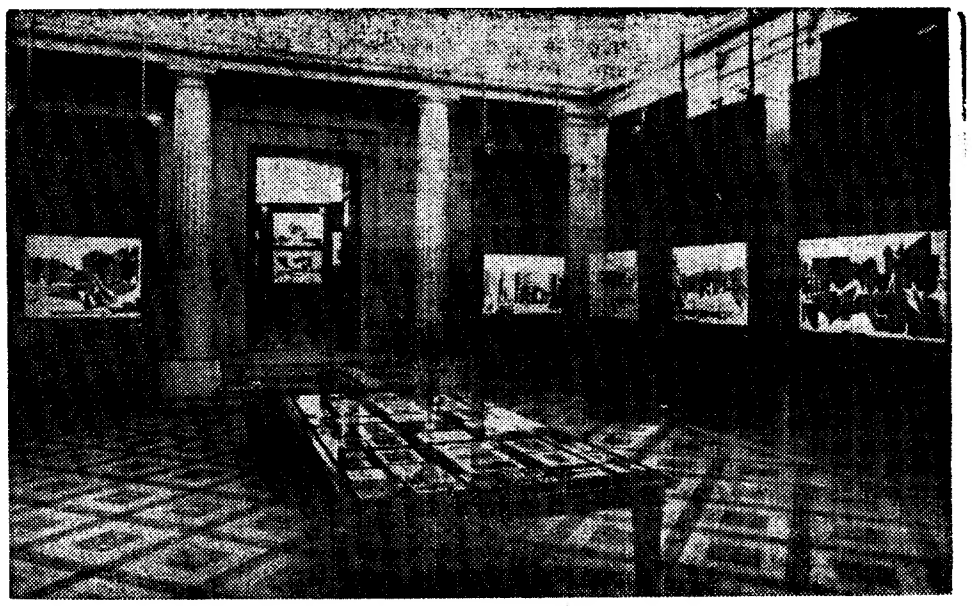
NADIR AFONSO
Galeria de Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian

Para se desenvolver um exercício de aproximação da obra de Nadir Afonso, agora amplamente exposta na Galeria de Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian (cave), parece-nos de todo o interesse transcrever algumas partes do texto apresentado pelo autor no catálogo, segundo o livro «Les Mécanismes de la création artistique».

Procurando traçar uma fundamental diferenciação entre harmonia e perfeição, Nadir Afonso escreve:

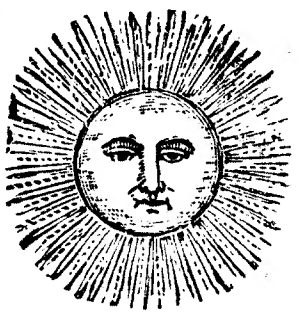
A harmonia é a qualidade dos espaços geométricos. A forma geométrica é constituída por toda a extensão desenvolvida em espaços proporcionais. Quando falamos de geometria queremos referir-nos a esta estruturação, a esta divisão pura e simples do espaço segundo leis matemáticas e não ao uso que se faz dela. O elemento geométrico, círculo, quadrado, triângulo, etc., existe na natureza, nas estruturas moleculares, nas cristalizações, nas formas de certas flores e de certos frutos, nas posições eventuais tomadas pelos caules e pelos ramos que se entrecruzam, pelos membros, as mãos, os dedos que nos dão os contornos de muitos elementos geométricos. Existe por conseguinte uma diferença fundamental entre perfeição e harmonia.

A qualidade de perfeição corresponde a um momento determinado da evolução. O que é aqui e agora perfeito não o é noutro meio ou momento. A perfeição dos corpos, das habitações, dos utensílios não é a mesma em todos os lugares e em todas as épocas. O rosto do homem negro é perfeito em África como a Vénus de Willendorf era perfeita na idade paleolítica.



Aspecto da exposição de Nadir Afonso em Paris, Maio de 70

Abordando a qualidade universal da figura geométrica, pela convenção



assumida que pressupõe e pelo seu carácter específico, Nadir Afonso acrescenta:

Um quadrado, um círculo, um cubo, são os mesmos em todas as eras em todos os pontos do globo. Estas figuras elementares representam-se duma maneira determinada e constante qualquer que seja o ponto de vista que nós ocupemos sobre a terra, porque o nosso sentido plástico não vem duma perspectiva, duma projecção de luz ou duma matéria, estes são dados sempre mutáveis, mas de relações espaciais. A forma geométrica define-se por uma quantidade matemática, por uma exactidão de dimensões, por uma unidade dos elementos que a compõem. Há na figura geométrica uma constante quantitativa que a caracteriza. Se nos pedem para representar, por exemplo, um quadrado ou um círculo, nós seremos todos levados a reproduzir a mesma forma. Isso não acontece se nos pedem para representar um objecto, por exemplo, uma árvore, um isqueiro, um rosto ou uma viatura. Nenhuma exactidão poderá presidir à determinação destas últimas formas, dado que elas são condicionadas por funções evolutivas.

E ainda:

Toda a evolução profunda da arte plástica operou-se nesta lenta passagem da procura do objecto de perfeição à procura da forma de harmonia. Chegamos assim nestes meados do século XX a uma arte expressa por simples relações de proporções de espaços e de intensidades de cor. O artista não retém da natureza senão as suas qualidades de harmonia; é a exigência sensível duma unidade de forma que lentamente o levou à arte geométrica.

DEFINIÇÕES E INDEFINIÇÕES DE UM PROCESSO

Vê-se assim que este comportamento teórico de Nadir Afonso se ajusta (ou justifica) ao seu comportamento plástico.

Cont. na pág. 7

EXPOSIÇÃO/VENDA

LIVROS ESPANHÓIS DAS MAIS REPUTADAS EDITORAS

TÉCNICOS • FICÇÃO • ENSAIO
CRÍTICA • DIVULGAÇÃO • ARTES

Na «QUADRANTE»
A PARTIR DE 5-1-71

AV. LUIS BIVAR, N.º 85-C

OS "HIPPIES"
quem são?
onde vivem?
que fazem?
como nos julgam?

OS "HIPPIES"
uma nova moral?
uma nova religião?
REVOLUÇÃO
OU RENASCENÇA?

OS "HIPPIES"
em contacto
com eles
na Europa
e na América,
19 correspondentes
da "Time"
narram
uma nova aventura
nas páginas
aliciantes
deste livro,
que você
precisa de ler

264 págs. com ilustrações, 60$

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 8-Mem Martins